

*Série Vale Dos Druidas*

06 - DRAGONFYRE

*Donna Grant*



*Disponibilização: Soryu*

*Tradução: Márcia de Oliveira*

*Revisão Inicial: Parténope*

*Revisão Final: Nessa Stein*

*Leitura Final e Formatação: Gabriela R.*



*Informação da série:*

*01 - Bruma nas Highland - Distribuído*

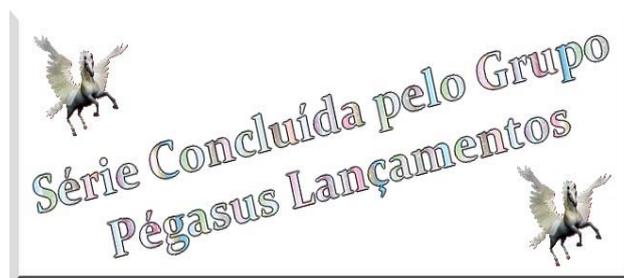
*02 - Noites em Highland - Distribuído*

*03 - O Amanhecer nas Highlands - Distribuído*

*04 - Incêndio na Highland - Distribuído*

*05 - Magia na Highland - Distribuído*

*06 - Dragonfyre – Lançamento*



## *Sinopse*

### *Ela é o única que pode tirá-lo da escuridão ...*

*Como comandante do exército Fae, Aimery é usado para rastrear o mal e pôr um fim a ele. Quando um dos raros e preciosos dragões azuis é morto e um ovo roubado, Aimery é condenado a encontrar o assassino. Ele nunca imaginou que seria um de seus amigos mais próximos.*

*Kyndra é uma sacerdotisa da Ordem do Dragão que jurou proteger todos os dragões no reino Fae. Ela é enviada pela sacerdotisa para acompanhar Aimery e retornar com o assassino para a execução.*

*Aimery sente-se imediatamente atraído pela sacerdotisa espadachim, mas sabe que não pode ter Kyndra, pois ela fez um juramento para os dragões, o que a impede de ser tocada por qualquer homem. Porém ele se surpreende ao perceber nela o mesmo desejo e paixão por ele.*

*No entanto, ao rastrear o assassino de outro reino, a vida de Aimery estará em jogo e Kyndra dará a ele o amor que não pode negar, a fim de salvá-lo...*

## **Capítulo Um**

*Cais das Caveiras,*

*Casa do magnífico dragão azul.*

—Cuidado, idiotas!— Isran rosnou. Ele cerrou os punhos enquanto observava os dois homens que lentamente carregavam o pesado e grande ovo branco das profundezas escuras da caverna do dragão.

Ele esperou milênios pela chance de ter o bem mais precioso dos reverenciados dragões azuis. O ovo valia uma fortuna, mas não era dinheiro o que Isran procurava. Não, ele queria algo muito maior do que mera moeda.

Ele queria o poder.

Como Fae, sentia o pulsar da magia do coração de seu reino. A magia estava no céu e na água. Estava no próprio ar que respirava. Mas nunca seria suficiente. Apenas um gosto pela magia negra foi o que bastou para lhe mostrar o que o esperava. Desde então, havia traçado e planejado o seu caminho através das fileiras dos Fae mais poderosos. Os poucos que adivinharam suas intenções logo se encontraram mortos.

O coração de Isran trovejava em seu peito conforme o ovo se aproximava. Ele tinha o dom de enganar as pessoas e ganhar sua confiança. Ninguém tinha deduzido que era a pessoa por trás das mortes. Oh, havia sido questionado, mas até então havia aprendido a disfarçar, assim, nem mesmo o mais poderoso Fae tinha visto o que realmente era.

Ele sorriu quando pensou na reunião que o Rei Theron tinha convocado na noite anterior. Theron queria sua ajuda para encontrar o assassino. Por pouco Isran não rolou rindo de quão facilmente ele conseguiu seu intento.

Seu maior plano, no entanto, estava em andamento. No momento em que acabasse ninguém, nem mesmo o comandante temido do exército Fae, Aimery, seria capaz de resistir a sua investida de poder.

Isran esfregou as mãos e sorriu.

Um dos homens tropeçou em uma pedra solta e quase deixou cair o ovo. Isran amaldiçoou baixinho quando olhou para o céu. Os homens demoravam muito e o dragão voltaria logo. Eles tinham que já ter ido embora, ou o dragão iria matá-los em um instante.

—Cuidado!— Isran latiu. —O ovo será inútil se você deixá-lo cair.

Galrar, o mais musculoso dos dois lançou um olhar cortante para Isran.

— É malditamente pesado!

—Você não precisa ir muito mais longe.

—Diga-me novamente porque você não está ajudando?

Isran cerrou o maxilar.

—Se eu pudesse ter feito isso sozinho, acredite em mim que o faria. Prefiro trabalhar sozinho.

Isran tinha levado anos para encontrar os dois homens que tinha diante de si. Os Fae, como regra geral, não toleram qualquer tipo de mal e com a profundidade a que Isran mergulhou na magia negra, ele teria sido morto no local, se alguém reconhecesse sua maldade.

Galrar e Mormir estavam escondidos nas profundezas das regiões montanhosas do norte, quando Isran os tinha detectado. Não foi trabalhoso convencê-los a ajudar em sua busca, embora houvesse muito que eles não soubessem.

—Fácil! —Isran segurou a cama de vime estável à medida que o ovo rolava dentro. Podia ver todos os seus sonhos se tornando realidade agora que tinha o ovo.

—Por tudo o que é mágico. — Mormir murmurou uma nota de medo escorrendo de suas palavras.

Isran olhou para Mormir antes que seguisse o olhar do homem para o céu. As grandes asas do dragão azul escuro podiam ser vistas. O par de dragões circulou acima deles antes de um dar um rugido profano e mergulhar neles.

—Precisamos sair. — Gritou Galrar.

Isran sorriu para seus dois companheiros.

—Sim. Mas eu preciso ir embora.

Quando desapareceu, ainda podia ouvir os gritos que se misturavam aos rugidos do dragão.

## Capítulo Dois

Kyndra puxou as rédeas quando atingiu o córrego. Ela deslizou de sua montaria e afagou o pescoço do cavalo, com um sorriso no rosto após a corrida emocionante. O passeio foi rápido e exatamente o que ela precisava. Kyndra ajoelhou-se junto à água, e colocou as mãos para levar o líquido a esfriar sua boca. Quando terminou, ela dirigiu-se para o carvalho gigante e sentou-se na base, de costas contra o tronco.

Enquanto sua égua bebia, o olhar de Kyndra seguia ao longo dos membros longos e grossos do carvalho que se ramificava por cima dela. Alguns eram tão pesados que caíram no chão, enquanto a sua folhagem espessa fazia sombra para ela. Com o sol alto no céu e uma suave brisa a farfalhar as folhas, ela logo se encontrou com os olhos fechados a divagar.

O casamento que ela havia assistido na noite anterior só havia solidificado a crença de que tinha tomado a decisão certa em entrar na Ordem do Dragão. Ela dera a vida aos dragões, e não tinha se arrependido uma única vez. Houve momentos em que ela se sentiu sozinha, mas estar na Ordem significava que ela lhes deu tudo. Vendo sua amiga ofertar sua vida e amor ao marido era muito parecido com o que Kyndra tinha feito com a Ordem. Além disso, não havia um homem no universo que poderia imaginar em querer desistir de tudo por ele.

Nenhum homem jamais a tocou. Era uma exigência da Ordem. Ela veio a eles uma moça, e tinha que permanecer como tal. Era também uma grande honra estar na Ordem. Poucos eram selecionados, e para Kyndra, isso era tudo.

Ela sabia desde que era uma menina e viu os magníficos dragões azuis que queria estar na Ordem do Dragão. Um sorriso apareceu em seus lábios quando pensou no passado e em como ela se sentiu realizada e entusiasmada quando tinha sido dada a ela a honra de liderar as sacerdotisas da Ordem Azul.

Cada dragão tinha a sua própria ordem, cuja alta sacerdotisa da Ordem do Dragão inteiro governava a todos eles. O próximo passo de

Kyndra era tornar-se sacerdotisa. Nada iria ficar em seu caminho também. Todo mundo sabia que ela ia ser a próxima escolhida. Simplesmente tinha que esperar pelo seu tempo.

Sua égua cutucou seus pés.

— Pronta para retornar tão cedo, Arion?— Kyndra tinha se descuidado o suficiente. Precisava se preparar para a noite do festival. Um dragão azul e sua companheira tinham posto um ovo. Era motivo de muita celebração, especialmente porque os ovos dos azuis eram escassos. De todos os dragões no reino Fae, os azuis tinham mais magia do que qualquer outro. Toda morte e nascimento de um azul era sentido pelo reino inteiro.

Kyndra levantou-se e montou a égua. Ela pegou as rédeas e estava prestes a virar o cavalo para retomar seu caminho quando um profundo rugido encheu o ar. Ela sabia que era um rugido.

Era um azul e a dor e raiva que contidas no rugido provocaram arrepios por sua espinha.

Ela deslizou para o chão.

—Volte para casa. — Ordenou a seu cavalo imediatamente antes de usar sua magia para transportá-la para o dragão.

Kyndra abriu os olhos para encontrar-se no topo de uma montanha. O ar frio correu sobre ela e soprou para longe de seu rosto seu longo cabelo. Ela se virou e ofegou quando viu que um dos dragões azuis estava morto na entrada de sua toca. Próximo a ele estavam dois Fae mortos.

O Fae sabia quão precioso todos os dragões eram ao seu modo de vida. Nenhum seria tão tolo a ponto de atacar um dragão. Ela deu um passo na direção do dragão morto, a mão estendida. Ela tinha que saber o que ou quem o matou. A única maneira de fazer isso era tocá-lo.

Era um presente mágico que o dragão dera aos Fae. Por ser o primeiro a tocar um dragão após a sua morte, ela seria capaz de ver tudo o que o dragão tinha visto e sentido antes de sua morte.

Assim quando estava prestes a tocar o azul, o chão tremeu sob seus pés quando a fêmea pousou ao lado de seu companheiro. O coração de Kyndra martelava em seu peito.

—Estou aqui para ajudar.

Entretanto, a fêmea estava além da compreensão. A dor de perder um companheiro havia enlouquecido-a.

Kyndra passou a língua em seus lábios, sua respiração vinha mais rapidamente. Ela tinha apenas uma chance para descobrir a verdade.

Sua mão se estendeu as escamas brilhantes azuis do macho a meros centímetros de seus dedos.

Outro rugido rasgou o ar, os brincos de Kyndra balançaram com o vento. Ela tapou os ouvidos e cambaleou para trás. Seus lábios se separaram de medo da fêmea que obstruiu seu caminho com a cabeça. A raiva e a malícia visível nas profundezas escuras do olhar da besta eram suficientes para deter Kyndra.

— Eu preciso saber quem fez isso! — Gritou ela. Ela baixou as mãos e respirou fundo. Era seu dever como líder da Ordem Azul conhecer os dragões. Eles sabiam quem ela era, cada um deles a conhecia. Por que este continuava a impedi-la?—Por favor. — Implorou. —Deixe-me ajudá-la!

Em resposta a fêmea abriu a boca e rugiu enquanto se colocava entre seu companheiro e Kyndra. O significado era claro. Caso se aproximasse, Kyndra morreria. Kyndra suspirou.

—Sinto muito. Estou muito triste!

Olhou para o Fae morto mais uma vez antes de se transportar para o templo da Ordem do Dragão. Respirava fundo enquanto olhava para o corredor que levava ao trono e à sacerdotisa.

Assim como ela suspeitava, cada líder dos dragões esperava. Seus olhos encaravam-na enquanto caminhava em direção ao trono.

Kyndra sempre amou o templo com o seu chão de branco com redemoinhos de um azul matizado no mármore. Grossas colunas estavam em ambos os lados do vestíbulo, alinhando a longa caminhada

que levou ao trono da alta sacerdotisa e a magnífica cúpula que estava em cima dela.

Muitas vezes Kyndra tinha olhado para o vidro da cúpula a fim de memorizar cada ataque da história da fusão de dragões e Fae. O templo tinha sido sempre um lugar que ela poderia vir para organizar seus pensamentos. Agora, as pedras frias pareciam ecoar a ameaça que ela tinha testemunhado.

Os passos de Kyndra não vacilaram até que se ajoelhou diante da alta sacerdotisa e inclinou a cabeça. Ela nunca falhara com a Ordem antes. Destruía-a que não tivesse sido capaz de falar com o dragão a fim trazer à compreensão da fêmea que eles precisavam um do outro para resolver o que aconteceu.

— Kyndra!

Ela levantou a cabeça para olhar diretamente à sacerdotisa, Julieth. Vergonha percorria Kyndra. Nunca, em todos os milênios que ela tinha sido uma sacerdotisa algo tão catastrófico tinha acontecido a sua ordem, com os seus dragões.

— Perdoe-me, Julieth. Eu falhei com a Ordem.

A sacerdotisa se levantou de seu trono, que foi feito a partir do mesmo mármore do chão. Em ambos os lados do trono estavam três mulheres, as servas da sacerdotisa. Elas nunca saíam do seu lado, fiel até ao seu último suspiro. Julieth pegou a mão Kyndra e puxou-a até que ficou cara a cara.

— Não há dúvida de que o ocorrido é... Ruim. No entanto, Kyndra, ele pode ser endireitado.

— A fêmea não me deixou chegar perto do macho para determinar o que o matou.

Embora cada ordem do dragão tivesse um líder, Julieth sabia os acontecimentos que envolviam todos os dragões sem que suas sacerdotisas precisassem contar. Julieth suspirou.

— Eu sei. Eu vi.

Kyndra tinha visto em primeira mão o que as visões de Julieth poderiam fazer. Era espantoso para Kyndra que Julieth pudesse captar detalhes minuciosos, como se tivesse experimentado o que viu.

—Tenho certeza de que a fêmea teria me atingido se eu tivesse chegado mais perto.

— Não há dúvida de que ela teria. — Julieth concordou e puxou Kyndra com ela, enquanto caminhavam para uma sala por trás do trono. Ela acenou para as servas para que ficassem para trás e, em seguida, fechou a porta para enfrentar Kyndra. —Eu posso sentir a fúria se movendo através de todos os dragões.

O coração de Kyndra parecia ter desabado quando a compreensão a alcançou.

—Um ovo foi roubado. — Julieth assentiu. —Não podemos saber ao certo. O companheiro dos dragões azuis são para a vida toda, como você sabe. A fêmea está de luto pela perda de seu companheiro e sua raiva é palpável. Ela desconfia de nós agora.

— Eles me conhecem. Eu nunca dei razão para fazer qualquer coisa, além de confiar em nós.

—Sim, mas ainda assim não estavam lá dois Fae mortos ao lado de seu companheiro?— Kyndra assentiu. —Eu já alertei o Rei Theron. Ele quer falar com você.

— Comigo?— Kyndra foi pega de surpresa. Apenas a alta sacerdotisa era chamada ao palácio. — Por que eu?

O rosto de Julieth era grave.

—Desconfortável agitação atravessa nosso reino. Durante meses, os dragões assistiram, esperavam para ver a próxima vez que a magia negra viria à tona. Quem a está exercendo é muito poderoso. Nem mesmo os dragões podem determinar quem é.

Kyndra fechou seus punhos e respirou fundo.

—Todos nós já ouvimos dos assassinatos, mas não é natural para um Fae transformar-se no mal. A magia que emana do nosso reino é puro.

—Há sempre um equilíbrio entre o bem e o mal. Você não pode ter um sem o outro. A maioria dos Fae que sentem a força do lado negro saiu do nosso reino, pois sabem que se forem descobertos, devem ser aprisionados ou até mesmo mortos.

— Exatamente. Os poucos que se atreveram a cair no lado escuro foram descobertos. Nós todos sabemos como a magia negra é sedutora.

Julieth balançou a cabeça e cortou o ar com mão.

— Você leu sobre a sedução, Kyndra. Isso é muito diferente do que provar a primeira onda de poder de usar a magia negra. Para a maioria, a ameaça de nunca mais ver nosso reino novamente manterá um Fae afastado de tentar a magia negra. Mas para outros...

Ela não terminou. Não precisava.

— Por que você não vai ao palácio?— Kyndra perguntou. — Rei Theron nunca ligou para mim antes.

Julieth levou as mãos Kyndra em suas próprias.

—Ninguém sabe sobre os dragões azuis como você. Você é a próxima na fila para tomar o meu lugar. Todo mundo sabe disso.

—Você tem muitos anos mais à frente.

Julieth sorriu tristemente.

—Estou cansada, Kyndra. Muito, muito cansada. A maior parte da minha magia foi destinada para evitar que a magia negra se misturasse aos dragões. É cansativo e me drenou. A Ordem precisa de uma guerreira. Você é uma das melhores.

—Eu falhei uma vez hoje. Eu não quero falhar outra vez.

—Então, não falhe. Confie em si mesma e em seus instintos. Você subiu na hierarquia para liderar a Ordem Azul. Mostre-me a guerreira que assumiu a liderança, mostre-me a líder que eu sei que você é. — Kyndra suspirou e se afastou de sua sacerdotisa. O que Julieth pedia era uma honra, que teria aceitado sem um segundo pensamento poucas horas antes. Mas agora, depois de ter falhado, ela não queria que o futuro de seu reino descansasse em seus ombros. —Você pode fazer isso, Kyndra. Eu sei disso.

Ela enfrentou Julieth. Recusar agora seria uma covardia, e Kyndra era qualquer coisa, menos uma covarde.

—Vou fazê-lo.

—Você não estará sozinha.

Kyndra estreitou os olhos.

—O que você quer dizer?

—Muito depende do que aconteceu. O comandante do exército Fae, Aimery, irá se juntar a você.

Um arrepio de maus presságios correu sobre sua pele. Ela tinha ouvido sussurros de Aimery das meninas que vieram ao templo para ser escolhida como sacerdotisas. O poder, o charme e magnetismo de Aimery eram lendários.

—Aimery?

—Ele é o melhor. — Disse Julieth. —Assim como você.

## Capítulo Três

Aimery deixou seu olhar pairar sobre a cidade. De seus aposentos no elevado palácio Caer Rhoemyr, ele podia ver tudo. Caer Rhoemyr, a cidade dos reis. Uma cidade diferente de qualquer outra no universo. Bonita, é claro, mas também tinha as joias dos Fae: o rei e a rainha.

Aimery inalou profundamente. Nada parecia fora do comum, mas ele sentiu a mudança da magia em todo caminho até seus ossos. O fato de que não havia dragões voadores só acrescentou à sua preocupação.

Algo tinha acontecido, mas o quê? E onde?

—Aimery!

Virou-se na direção da voz delicada e se abaixou a tempo de ver alguma coisa voar para ele em um borrão de prata e branco. Seus braços envolveram o corpo pequeno quando levantou Nearra em seu peito.

—Nearra!— Rufina repreendeu e estreitou o olhar para a filha quando parou na porta de entrada para a câmara de Aimery sem fôlego. —Aimery, peço desculpas. Minha filha vai aprender a ter boas maneiras algum dia.

Aimery riu e tocou com o dedo na ponta do nariz um pouco empinado de Nearra.

—Está bem, Rufina. Ela sabe que gosto de sua companhia. Você não deveria correr atrás dela. Você tem funcionários para fazer isso, minha rainha.

Ela revirou os olhos e passou a mão sobre a barriga inchada com o segundo herdeiro do reino.

—Daqui alguns meses estarei correndo atrás de dois deles. Talvez então comece a contar com os servos para ajudar, mas não sei se vai funcionar. Nearra tem um talento de ter todos envolta de seu dedo mindinho, especialmente você e Theron.

— É suposto que uma menina tenha o pai na palma da mão. — Disse Aimery enquanto caminhava para a sua rainha. Ele deslizou uma

cadeira para ela. —Agora se sente antes que Theron peça a minha cabeça.

Rufina afundou na cadeira com um suspiro.

—Nós estávamos procurando por Theron. Você sabe onde ele está?

Aimery viu a preocupação em suas profundezas azuis. Ela também sentiu a mudança de magia.

—Eu não sei.

—Aimery?— Nearra disse e tocou em seu rosto. —Eu vim aqui para dizer uma coisa.

—O que é isso, pequena?

Ela sorriu, suas tranças muito louras faziam-na parecer mais um duende travesso do que uma princesa do reino Fae.

— Eu decidi que eu me casarei com você.

—É mesmo?— Ele olhou para Rufina para ver os olhos arregalados em choque.

—Sim— Disse Nearra. —Nós nos damos bem e você sabe me dar o que eu quero.

Aimery brincou e beijou sua testa.

—No momento em que tiver idade suficiente para pensar em casamento, você não estará pensando em mim.

—Você está errado. Confie em mim.

Aimery nunca ficou tão surpreendido pela mocinha atrevida. Ele a adorava como se fosse sua própria filha. A ânsia que ele tinha todo o tempo em que a segurava só cresceu. Ele tinha pensado em ter seus próprios filhos uma vez, mas havia desistido de um dia encontrar uma mulher que agitasse seu coração, bem como o seu sangue.

—Você sabe que eu confio em você.

Ela balançou a cabeça e pegou seu rosto com os dedos gordinhos para beijar sua bochecha.

—Você pode me colocar para baixo agora. Não tenho mais o que fazer.

Aimery colocou-a no chão, ela correu de sua câmara. Em seguida, ele estendeu a mão e ajudou Rufina a ficar de pé. Rufina materializava uma graça que era inigualável a qualquer Fae no reino. Ela tinha o típico cabelo longo, liso e louro com vivazes olhos azuis e uma figura leve, mas a rainha Rufina conseguiu algo que nenhuma outra o fez: o coração de Theron. Embora Rufina fosse mais como uma irmã e Theron, um irmão para ele, Aimery não conseguia parar de invejar o amor que compartilhavam.

—Essa criança. — Disse Rufina com um aceno de sua cabeça enquanto observava a filha correr pelo corredor. —Ela certamente mantém o palácio em seus dedos do pé.

—Ela é adorável e sabe disso.

—Ela é não é? —Seu sorriso desapareceu, e ela enfrentou Aimery. —Algo aconteceu.

—Eu sei. Eu estava prestes a ir à busca de Theron.

—Depressa Aimery. Eu temo o pior.

Eles se separaram em sua porta. Aimery virou à esquerda. Ele imaginou que iria encontrar Theron na sala do trono. Por Theron não tê-lo chamado já o deixou nervoso. O que quer que acontecera, deve ser ruim. Muito ruim.

— Aimery.

Finalmente, o chamado de Theron. Aimery alongou seus passos e correu para a sala do trono, os brilhantes quadrados brancos e azuis do chão cada vez mais difusos na sua pressa. As portas duplas para a sala do trono se abriram enquanto ele se aproximava.

— Eu senti. — Theron suspirou. — Cada Fae sentiu. Alguns podem não saber o que é, mas a maioria sente.

— Quão ruim é isso?

— Terrível velho amigo. Realmente terrível. — Seu semblante esmoreceu mostrando seu cansaço — Um dragão azul foi morto.

Aimery suspirou e balançou a cabeça em descrença. Os dragões azuis eram seus melhores dragões. Eles não eram os maiores, mas eles

tinham a magia mais forte. O reino não poderia tolerar outra morte de dragão.

—Como?

Theron deu de ombros e suas vestes brancas e azuis se deslocaram com o movimento.

— Eu não sei.

— E as sacerdotisas donzelas da Ordem do Dragão? Será que elas não determinaram o que matou o dragão azul?

— Não.

O que significava que era muito pior do que péssimo, era desastroso.

— O que você precisa que eu faça?

— Vai ser perigoso.

Aimery sorriu.

— Eu vivo para o perigo.

Theron devolveu o sorriso.

— Eu sou um tolo por enviar o melhor guerreiro que temos, mas eu seria um tolo se não o fizesse.

— Apenas me diga o que está acontecendo?

— Nós não sabemos o que aconteceu com o dragão azul porque a sacerdotisa tem sido incapaz de chegar perto do dragão morto para descobrir o que o matou.

Aimery cruzou os braços sobre o peito. Ele sabia o suficiente sobre a Ordem do Dragão para saber que cada dragão tinha uma subordem e um líder. Porque ele era o comandante do exército Fae e era a mão direita de Theron, sabia os nomes dos líderes.

— Kyndra é a líder da Ordem Azul. Não tentou?

— Ela foi à primeira. — Murmurou Theron. — Se eles não vão permiti-la, não vão permitir qualquer outra pessoa.

— Nem mesmo Julieth?

— Julieth está... Enfraquecida. Sua magia tem sido usada contra a magia negra que parece ter invadido nosso reino.

Aimery rangeu os dentes.

—Isso está relacionado com a série de assassinatos, Theron. Eu tenho certeza disso.

— Assim como eu. Por isso o chamei.

—Vou fazer o que deve ser feito.

— Eu não tenho nenhuma dúvida.

Era a incerteza no agitado olhar azul de Theron que fez Aimery estreitar os olhos.

—O que você não está me dizendo?

Theron olhou na direção de um conjunto aberto de portas que davam para a varanda. Aimery seguiu seu olhar e encontrou uma figura encapuzada, de costas para ele. A brisa levantou o manto mostrando pernas longas e magras envoltas em botas pretas que terminavam em seu joelho. Ele teve um vislumbre de pálidas saias azuis que alcançavam o meio da coxa.

O vestido de uma guerreira virgem, uma donzela da Ordem do Dragão.

Ele sabia sem que fosse dito que esta mulher era Kyndra. Ele tinha ouvido rumores de sua beleza infame, como os homens cortejavam sua mão, mas ela tinha escolhido as roupas de uma sacerdotisa virgem em seu lugar.

— Juntos, vocês dois serão indetíveis. — Disse Theron. —Juntos, os dois podem acertar o que deu errado.

Naquele momento Kyndra virou-se no parapeito e deixou o capuz de seu manto cair para trás.

## Capítulo Quatro

Aimery segurou a respiração em seus pulmões, enquanto olhava para a riqueza de cabelo escuro que caiu pelo ombro até a cintura. Era incomum para um Fae ter qualquer cor, exceto o loiro, mas diante dele estava o mais raro dos raros.

Não era apenas a sua madeixas morenas também. Como regra geral todos os Fae eram sensuais, belas criaturas, mas bela não era suficiente para descrever Kyndra. Ela era elegante, magnífica... Visualmente deslumbrante.

Ela tinha as maçãs do rosto salientes e sobrancelhas escuras levemente arqueadas, olhos grandes e expressivos. Seus lábios cheios formavam um vislumbre de um sorriso, como se soubesse do efeito que causava nos homens. Cachos de cabelo enrolavam-se sobre seu rosto e pescoço esguio. Seu vestido moldado aos seus seios fartos e cintura estreita. Os turbulentos olhos azuis de Aimery prenderam os dela enquanto se mediam. Mas ele não se importava. Não conseguia tirar os olhos dela. Um guerreiro. Uma sacerdotisa. E uma mulher que todos os Fae do reino desejavam possuir.

O que, por tudo o que era mágico, Theron tinha pensando ao colocá-lo nesta posição?

Theron limpou a garganta e Aimery forçou o seu olhar.

—Aimery— disse ele. — Esta é Kyndra, líder da Ordem azul e próxima na linha de alta sacerdotisa da Ordem do Dragão.

Aimery olhou para Kyndra para descobrir que ela havia se aproximado dele, seus olhares se encontrara como tinham feito momentos antes. Será que ela gostou do que viu? Assim que o pensamento passou por sua cabeça, ele sabia que era inútil. Ela era uma donzela, sua vida prometida aos dragões até seu fim. Nenhum homem poderia tocá-la.

—Kyndra—, continuou Theron. —Este é Aimery, comandante dos exércitos Fae e Duque de Eldwinds.

—Um duque?— Repetiu sua voz suave, macia. Hipnotizante.

Aimery cerrou os dentes. Theron sabia que ele não queria seu título cogitado, porque era apenas um título e não significava nada.

—O título tem estado na minha família há gerações. — Suas sobranceiras subiram diante do seu olhar e passaram a Theron.

—Eu gostaria de dizer agora que eu preferiria que Julieth estivesse aqui no meu lugar.

—Eu sei. — Disse Theron. —Julieth disse-me isso, mas ela não tem a força. Como a próxima na linha de sua posição, isto lhe dará ampla oportunidade de testar suas habilidades.

—Você faz isso soar como um feriado, senhor, quando na verdade o nosso reino está em jogo.

Theron olhou para Aimery.

—Você vai ter o melhor guerreiro do nosso povo ao seu lado. Eu não ousaria pensar em enviá-lo em uma missão que você não pudesse lidar. Julieth elogiou sua habilidade. Ela estava errada em recomendá-lo?

O queixo de Kyndra subiu.

—Não. Eu não vou decepcionar o nosso povo.

—Aonde vamos?— Aimery perguntou.

Kyndra sentiu os olhos Theron sobre ela. Engoliu em seco e forçou-se a encontrar o olhar de Aimery.

—Eu não sei.

Sua testa franziu.

—Você não foi até o dragão azul ainda? Você não olhou?

—Claro que eu fui. — Disse ela com os dentes cerrados. Sua ira se levantou com o tom condescendente usado pelo comandante. —É meu dever ir até eles, logo que algo acontece.

—Então o que você viu?

Kyndra respirou calmante e baixou o olhar para os azulejos azuis e brancos.

—A fêmea não me deixou aproximar-me do macho. Eu nunca vi um dragão tão furioso antes. Sem aprender o que causou a morte ao

dragão azul, nós podemos nunca saber quem encontrar ou onde eles foram.

— Conheço os dragões azuis. Você precisa tentar novamente. Talvez a fêmea tenha se acalmado agora.

Ela ergueu o olhar para Aimery. Ele era mais bonito do que ela havia previsto. Os boatos sobre sua sexualidade e marcante boa aparência não eram nada em comparação com o modelo lindo diante dela.

Seus cabelos louros pendiam nas costas grossos e reto. Várias linhas de tranças foram tecidas perto de suas têmporas em intrincados desenhos, e a túnica azul clara bordada com fios de prata mostrou a amplitude e a largura dos seus ombros musculosos. Ela tentou não olhar em seus espiralados olhos azuis, mas muito facilmente capturou os seus e segurou-os. Com a mandíbula quadrada, boca e olhos expressivos, ela ficou surpresa que ele já não tivesse encontrado uma esposa.

—Vamos voltar para os dragões, então? — Perguntou ele.

Não havia outra opção realmente. Eles tinham que saber o que aconteceu.

—Sim. Esteja avisado, a fêmea está em busca de sangue.

—Nós estaremos prontos.

Desde que ele não usava armas, ela não tinha tanta certeza disso. Foi uma coisa boa que ela tenha trazido a sua espada.

—Siga-me.

Kyndra transportou-os para as montanhas, a uma distância segura para que eles pudessem ver os dragões sem serem atacados. Em um piscar de olhos, Aimery e Theron se posicionaram em ambos os lados dela.

—Pelos deuses! — Murmurou Theron.

Bastou olhar para o dragão azul morto e o coração de Kyndra doeu. A fêmea ficava perto de seu companheiro, ela rugia e sua dor ecoava através das montanhas. Em torno deles, todos os dragões

começaram a vir, assistindo à fêmea. Eles voavam pelo céu, enquanto outros desembarcavam e assistiam-na.

—Você sente a sua dor?— Aimery perguntou.

Kyndra assentiu.

—A profundidade de sua angústia é impressionante.

—Venha, Kyndra. Devemos saber o que aconteceu.

Ela estava preparada para ir sozinha, não com Aimery e o rei com ela.

—Eu não acho prudente que você me siga.

Theron sorriu.

—Nós vamos ficar bem. Lidere-nos, sacerdotisa.

Kyndra caminhou na direção do dragão, seus nervos tensos quando a fêmea voltou seus olhos escuros para ela. Havia ódio lá, algo que Kyndra nunca tinha visto nos olhos de um dragão antes.

Deu uma pausa e disse-lhes a magnitude da raiva da fêmea.

—Tenha cuidado. — Disse ela sobre o ombro. —A raiva da fêmea cresce. — No momento em que alcançou dragão, Kyndra estava tendo sérias dúvidas de que qualquer um deles sairia ileso. A fêmea abriu as asas e começou a rosnar. A cada passo que Kyndra dava na direção do macho, a fêmea se preparava para atacar.

—Deixe-me!— Disse Aimery.

Kyndra lançou um olhar para ele.

—Você não tem relações com os dragões. Se ela não me deixa perto de seu companheiro, o que faz pensar que você pode chegar a ele?

Aimery encolheu os ombros.

—Um palpite.

Kyndra abriu a boca para argumentar quando Theron colocou uma mão em seu braço.

—Dê a ele uma chance. Ele poderá surpreendê-la.

Ela duvidava, mas que escolha tinha quando o rei ordenava? Ela viu quando Aimery aproximou-se para o macho. Ele parou e olhou para cada um dos Fae morto antes de se virar para eles e sacudir a cabeça.

—Ele não os reconheceu. — Disse Theron. —Eu esperava que soubesse quem eles eram.

Kyndra fechou suas mãos quando a fêmea virou a cabeça para Aimery. Ela não estava feliz em estar acompanhada por Aimery, mas não queria ver o comandante morrer.

—Estamos aqui para ajudar!— Disse ao dragão. —Deixe-me ver quem se atreveu a matar o seu companheiro para que possamos levá-los a você por justiça.

A fêmea encarou-o por mais tempo antes de voltar para seus urros de dor.

Kyndra estava atordoada. Por que o dragão azul permitiu Aimery perto de seu companheiro e não ela? A maior parte de sua vida tinha sido dedicada aos dragões azuis, por isso era mais do que irritante ver Aimery ganhar a confiança do dragão tão facilmente.

Aimery olhou para Kyndra para ver sua boca apertada com raiva. Não era como ele queria começar com sua parceria, mas era a chance que ele tinha que aproveitar. Ele ajoelhou-se ao lado do macho morto e suspirou. A mágica dos dragões azuis constituída por seu tamanho. Foi à razão que os Fae tinham escolhido para levar o azul como sua cor. Mesmo sendo um dos dragões menores, seu tamanho ainda era impressionante.

Ele colocou a mão no ombro do macho. Sua respiração foi sugada de seus pulmões com o que viu através dos olhos do dragão. Três homens, dois que se atreveram a entrar no covil e tomar a sua posse mais valiosa, um ovo.

O macho conseguiu matá-los. Em seguida, o dragão tinha olhado para o terceiro homem. Aimery gritou quando viu seu amigo, Isran, com o ovo a seus pés. Aimery não acreditou que sua traição poderia cortar mais fundo até que viu Isran invocar a magia negra que matou o macho.

Aimery libertou o macho e inclinou sua cabeça entre suas mãos. Fúria rasgando-o e a necessidade de vingança fez seu sangue gelar. Ele ergueu o olhar para a fêmea.

—Por minha própria vida eu me comprometo a devolver-lhe o Fae que matou seu companheiro, farei tudo ao meu alcance para trazer o seu ovo de volta.

A fêmea se deitou ao lado do seu companheiro e fechou os olhos. Aimery levantou com as pernas trêmulas e sem uma palavra voltou ao palácio. Ele precisava se preparar. Isran deixou seu reino e com um ovo de dragão. Havia poucos lugares que ele se atreveria a ir.

Aimery tirou suas roupas e pegou seu equipamento de batalha. Ele tinha acabado de prender suas calças quando sentiu o ar agitar-se em torno dele.

—O que aconteceu?— Theron perguntou.

Ele parou por um instante antes de sentar-se e calçar as botas. Com uma maldição, ele enfrentou o rei para ver Kyndra de pé atrás de Theron.

— Nós viajaremos para fora do nosso reino. É melhor se preparar.

— Aimery! — Berrou Theron. —Diga-me o que viu!

Aimery fechou os olhos e tentou controlar as emoções tumultuadas.

—Eles não apenas mataram o macho. Eles levaram um ovo.

Kyndra arfou e agarrou a porta para ajudar se firmar. Um tremor ficou visível na mandíbula de Theron.

—Quem ousaria tal coisa?

—Isran!— Aimery bradou.

—Ele não faria isso. — Disse Theron.

Aimery bufou.

—Eu o vi. Eu o vi tirar o ovo e o vi usar magia negra.

Durante longos momentos ninguém disse nada. Aimery passou a mão pelo rosto, ansioso para começar a olhar para o desgraçado que havia enganado a ele.

—A traição penetra profundamente. — Disse Theron. —Para todos nós, mas para você, acima de tudo porque o considerava um irmão. Pelo menos agora nós sabemos quem foi o assassino do outro Fae.

Aimery puxou em sua túnica e pegou sua espada.

—Vou encontrá-lo, não importa quanto tempo seja necessário.

Theron entrou em seu quarto e colocou uma mão em seu ombro.

—Você liderou o meu exército meticulosamente durante anos, velho amigo. Não deixe que suas emoções o dominem agora. Pense.

—Eu estou pensando. Isran vai pagar por aquilo que fez.

—Eu não tenho nenhuma dúvida. — Theron suspirou e baixou o braço andando na câmara. — Se Isran tomou o ovo, é porque ele está usando isso para ganhar medalha. — Kyndra movimentou-se para a câmara e encostou-se a porta aberta. — Não há muitos que se atrevem a desafiar nossa raiva por aceitar um ovo de dragão ou um traidor.

Aimery pegou o punhal, uma espada enorme curva que separaria a cabeça de um corpo. Ele a amarrou na cintura antes de ligá-la a correia de sua espada sobre a cabeça de modo que sua espada repousasse em suas costas.

—Eu tenho uma ideia por onde começar. — Disse ele. —Thav.

Kyndra visivelmente estremeceu enquanto Theron empalideceu.

—Aimery, nenhum Fae voltou daquele reino. É uma cova de ladrões e mercenários e fraudes. Mesmo quando Lugus vai como emissário é sempre uma aposta, se ele vai ser capaz de retornar.

—O que significa que é o lugar perfeito para Isran levar o ovo. Alguém estará disposto a pagar o que Isran exija pelo ovo.

—Mas por que levar o ovo, afinal?— Kyndra perguntou. —Por que matar o macho?

—Ele matou o macho porque podia. Sabia que eu iria descobrir que era ele. Quer que eu vá procurá-lo.

Theron assentiu.

—Eu concordo. Eu acho que ele tomou o ovo não por causa do dinheiro.

O sangue de Kyndra se transformou em gelo quando Aimery riu um som oco e desprovido de alegria. Desde que o comandante tocou o dragão azul ele não tinha sido capaz de conter sua raiva, ou talvez não queria. Ela não sabia quem Isran era, mas fosse quem fosse para Aimery a traição foi grave.

Ela olhou para seu peito, desapontada que ele havia colocado a túnica, mas a visão que tinha tido de seus músculos esculpidos valeu bem a pena. Pela forma como ele reuniu suas armas para a batalha, ela soube que sua viagem seria traiçoeira, provavelmente reivindicando a vida de ambos.

— Você está certo! — Disse Aimery. — Isran não está atrás de moeda. Ele está atrás de energia. A magia negra que usa é mais exigente. Vai continuar até que tenha o poder para nos invadir.

— Isso não vai acontecer. — Theron cruzou os braços sobre o peito. — Eu estou selando todas as portas dentro e fora de nossos domínios.

Aimery balançou a cabeça.

— Isso não vai parar Isran, não por muito tempo de qualquer maneira. Se ele obtiver o poder que precisa, vai ser capaz de se mover através do tempo e do espaço tal como Lugus faz. —Kyndra ouviu com interesse. Todo mundo sabia sobre Lugus. Como irmão de Theron e herdeiro legítimo do trono, ele havia sido acusado injustamente e atirado para o reino das sombras para morrer. Só que não tinha morrido. Conseguiu viver através dela, cada vez mais forte até que seus poderes fossem fortes o suficiente para sair do reino e tentar assumir o do Fae, bem como a Terra. Quase conseguiu, mas ele deu a sua imortalidade para salvar o reino Fae, o que lhe deu uma segunda chance na vida.

Embora Lugus fosse proibido para sempre de voltar para o reino Fae, ele tinha feito isso para encontrar Theron que havia sido aliciado para o reino das sombras. Isso, bem como o amor de uma Fae, tinham devolvido a sua imortalidade. Para a surpresa de todos, ele não havia reclamado o trono, como era seu direito.

—Lugus pode viajar para onde escolher? — Perguntou ela.

Theron assentiu.

—Eu já o chamei aqui. Ele vai nos ajudar.

—Você não deveria tê-lo feito. — Disse Aimery. —Ahryn está pronta para dar à luz a seu primeiro filho. Ele precisa estar aqui para isso.

—Vou deixá-lo decidir.

Theron girou nos calcanhares e saiu da câmara. Kyndra olhou do rei para Aimery.

— Onde ele está indo?

— Para a sala do trono para esperar por Lugus.

Ela lambeu os lábios e incitou da porta.

—Obrigado por obter as informações que precisávamos.

—Eu estou surpreso que você não esteja zangada comigo por causa disso.

—Oh, estou perturbada com isso.

Um leve sorriso puxou os lábios.

—Você ainda tem a confiança do dragão azul, Kyndra. Nunca duvide disso.

Ele fez sinal para ela seguir Theron. Aimery seguiu o passo ao lado dela, e ela descobriu que não se importava dele estar próximo. Ela tinha visto o seu olhar apreciativo sobre seu corpo, mas não tinha tentado ganhar o seu interesse. Não que precisasse fazer alguma coisa. Ninguém poderia estar em uma sala e não notar Aimery. Ele exalava uma sexualidade maior do que qualquer Fae que já tivesse visto. Acrescente-se o seu magnetismo e era quase impossível ficar longe dele. Que fosse ficar sozinha com ele seria seu maior teste.

## Capítulo Cinco

Kyndra parou ao lado de Aimery na sala do trono para ver Theron e Lugus em uma conversa.

—Lugus sabe?

—Sim. Nós três crescemos juntos. — Aimery respondeu. —Ele é um homem bom que teve um mal terrível feito para ele.

—Tudo deu certo no final, não é?

—Ele o fez. No entanto, por tudo o que aconteceu, eu sei que Lugus sempre carregará um peso sobre seus ombros. Ele seria um bom rei.

Sua resposta a intrigou.

—Você o teria honrado como seu rei, se ele quisesse o trono?

O olhar de Aimery oscilou para ela.

—É seu por direito de nascimento. Mesmo que ele queria afirmar isso agora, tem todo o direito, e Theron sabe disso.

—Será que Lugus ainda afirmará?

—Eu duvido. Ele não se sente digno da coroa. Também tem uma boa vida com Ahryn, sua esposa. Encontrou a felicidade e a paz. Que mais poderia um homem querer?

—O que na verdade?— Ela murmurou.

Aimery enfrentou o seu olhar e cruzou os braços sobre o peito.

—E você, sacerdotisa? O que você quer?

—O que eu tenho agora. Ser uma sacerdotisa da Ordem do Dragão é tudo que sempre quis.

—Como você sabe? Como qualquer uma das virgens que faz se encaminha ao templo sabe? Não conhecem o carinho de um homem. Como podem negar o que vem naturalmente para nós?

—Todos nós temos a nossa vocação, Comandante. Para mim, foi comprometer-me com a Ordem e os dragões. É uma causa nobre, que estou extremamente orgulhosa. Assim como, tenho certeza, você se orgulha de liderar o exército.

—Muito bem dito.

Ela sorriu.

—É verdade o que disse Theron sobre Thav?

—Eu não vou mentir para você, Kyndra. É muito perigoso. Eu não iria levá-la comigo, mas Theron ordenou fazer isto.

—Posso ser uma sacerdotisa, mas também posso segurar minha própria espada.

— Eu gostaria de dizer que não vai desembainhá-la, mas provavelmente o fará.

A excitação percorria Kyndra. Este era o seu momento para provar que era a próxima alta sacerdotisa. Este era o seu tempo para consertar o erro cometido contra os dragões azuis. E ela não iria falhar

—Aimery, Kyndra. — Theron chamou.

Eles caminharam até o rei e seu irmão. O cabelo de Lugus era mais escuro do que o de Aimery, e era vários centímetros mais alto do que Theron. Além disso, sua constituição era mais como Aimery, em vez de ter o corpo flexível do rei.

—Kyndra da Ordem Azul. — Lugus disse e inclinou a cabeça para ela. —Theron disse-me que ele lhe enviará com Aimery atrás de Isran e do ovo.

—Ele faz sua alteza.

Lugus levantou a mão.

—Nada disso. Eu sou simplesmente Lugus.

Ela sorriu, gostando dele. Foi então que ela notou as muitas tatuagens nas mãos, antebraços e pescoço.

— Sim!— Disse Lugus.

Ela piscou.

—Desculpe?

—Você se perguntou se as tatuagens estão em outras partes do meu corpo. Elas estão. Meu peito e braços estão coberta por elas. — Theron balançou a cabeça com um sorriso. —Essas tatuagens são o que nos levará ao Thav.

—Eu não entendo. — Disse Kyndra. —Como pode uma tatuagem ajudar?

Lugus olhou para o chão.

—Houve um tempo em que eu tive uma grande quantidade de energia. Com estas tatuagens eu sou capaz de comandar a magia para transportar-me onde quer que eu precise ir. Cada tatuagem é um reino.

—Incrível.

Ele deu de ombros e encarou Aimery.

—Olá, velho amigo.

Eles apertaram os antebraços antes de se abraçarem.

— Você deveria vir ao palácio com mais frequência. — Disse Aimery.

— E você deve vir para a casa com mais frequência. Ahryn está começando a pensar que você não gosta de sua comida.

Theron riu.

— Não deixe que ele minta para você, Aimery. Ahryn não cozinha. Eles podem viver nas montanhas, mas eles têm quase tantos servos quanto eu.

— Agora, quem está mentindo? — perguntou Lugus.

Kyndra assistiu a troca com um sorriso. Apesar de todos os seus defeitos, Lugus tinha corrigido um grande erro. Certamente ela poderia fazer o mesmo.

O sorriso no rosto Lugus sumiu.

—Eu vou te contar tudo agora, não aconselho ir para Thav. Eu visitei quatro vezes e foi demais. É um lugar profano, mergulhado em magia negra.

Kyndra esperou pelos outros para perguntar o porquê e, quando ninguém se aventurou, ela o fez.

—Por quê?

—O governante de Thav, um homem bestial chamado Eldar, não gosta que ninguém tenha mais magia do que ele. Ele limita o uso de magia negra, e nossa magia... Ele elimina todas juntas. —Aimery soltou uma série de maldições.

—Eu não posso deixá-los ir a algum lugar que não possam usar a magia. —Disse Theron.

Kyndra foi abalada até seu núcleo com a notícia.

—Nós temos que ir. Nosso reino está em jogo.

Lugus estreitou seu olhar sobre ela.

— Alguma vez você já ficou sem magia, sacerdotisa?

— Você sabe que não.

— Bem, eu já. Cinco anos que se sentia mais como cinco milênios. Minha esposa foi há vários meses sem o uso de sua magia. Para um Fae que não conhece nada exceto a magia será impossível viver.

—Eu não tenho outra escolha. Eu tenho que pegar o ovo de volta.

—Ela olhou para os três homens. — Sempre houve uma medida de risco nesta missão. Saber que está nos levando a um reino que prefere não ir não muda nada. Nós temos que ir.

O sangue de Aimery aqueceu apenas assistindo Kyndra. Com um olhar dela, ele teria feito qualquer coisa que pedisse.

—Ela está certa, Theron. Nós temos que ir. Lugus não. Abra a porta.

—Como você vai voltar?— Theron perguntou. —Especialmente se você não puder usar magia.

—Nós vamos ter que planejar seduzir Eldar. Todos os líderes têm uma fraqueza, o de Thav não é diferente.

—Não. — Disse Theron. —Eu não posso arriscar.

—Você não pode se arriscar a não ir atrás de Isran. Você sabe tão bem quanto eu que tenho que ir.

Lugus enfrentou Aimery.

—No entanto, irei com você.

—Não. Você precisa estar aqui para o nascimento de seu filho.

—Eu concordo. O que significa que precisamos chegar a um plano que garanta que eu esteja aqui.

Aimery suspirou e passou pela câmara redonda.

—O que um homem como Eldar quer?— Kyndra perguntou.

Aimery respondeu sem pensar.

—Poder. Ele tem fome de poder.

—Assim como Isran.

—Correto. — Disse Lugus.

Kyndra encolheu os ombros.

—Então por que é que Isran vai para o homem que irá limitar o seu uso de magia negra?

Aimery baixou a cabeça para trás quando a compreensão correu através dele.

—O que é isso?— Theron perguntou.

Aimery encontrou o olhar do rei.

—Isran não vai a Thav procurar ajuda de Eldar. Ele vai a Thav para usurpar o trono. Com o ovo do dragão ao seu lado, ele será capaz de provar que é mais poderoso do que Eldar.

—E com a morte de Eldar, Isran irá reivindicar o seu poder. — Lugus concluiu.

—Merda!— Theron moveu-se para o seu trono e se afundou no assento. —Você tem certeza?

Aimery assentiu.

—Eu apostaria minha vida nisso.

—Você pode muito bem ter que fazê-lo. — Lugus disse.

Aimery olhou Kyndra para encontrar a sua boca comprimida e a sobrancelha franzida. A reunião a empalidecia a cada momento.

—Isran tem o ovo, o que significa que pretende usá-lo. Para aproveitar e obter seguidores? —Theron perguntou.

—Essa é uma possibilidade. — Aimery deu um passo em direção a Kyndra quando o peito dela começou a arfar.

Lugus encolheu os ombros.

—Ou ele vai abrir o ovo e banhar-se no embrião não desenvolvido do dragão que lhe permitirá governar os dragões azuis.

Aimery pegou Kyndra quando ela balançou. Seus dedos agarraram-no pelo braço, os olhos arregalados de medo.

— Como você sabe disso?

Aimery lançou a Lugus um olhar desgostoso quando as unhas de Kyndra afundaram em sua carne.

—Os dragões são uma parte importante de nossas vidas. — Respondeu Lugus. —É imperativo que o rei e seus conselheiros saibam tudo o que há para saber sobre eles.

O olhar de Kyndra encontrou o de Aimery. Theron assentiu.

—A Ordem sabe tudo o que envolve dragões, exceto quando se trata de magia negra.

—Nós não somos ensinadas sobre qualquer coisa com magia negra. — Disse Kyndra.

—É uma das razões que nós somos tão cuidadosos para capturar qualquer Fae que investiga as artes negras.

—Nós não podemos deixá-lo ser bem sucedido.

—Não, nós não podemos. — Disse Aimery.

Após suas palavras, ela respirou trêmula e libertou seu braço.

—Eu falhei com minha ordem uma vez. Recuso-me a fazê-lo duas vezes.

—Então você vai precisar da minha ajuda. — Disse Lugus. — Vamos elaborar um plano em conjunto. Nós já perdemos muito tempo e quero voltar para minha esposa.

Aimery ajudou Kyndra a ficar em pé. Foi só depois que ele libertou-a que percebeu o quanto ele gostava da proximidade de seu corpo macio. Suas bolas apertaram só de pensar em tocá-la novamente. Mas não poderia tê-la.

Isso foi o que mais o corroeu por dentro. Ela não era para ele. Ela havia escolhido os dragões em lugar dos prazeres da carne. Não havia nada que pudesse fazer ou dizer para dissuadi-la de seus votos e ele não queria. Respeitava sua escolha, mas ia ser muito duro lembrar que não poderia tocá-la.

—Precisamos entrar para ver Eldar. — Disse ele. —Se nós pudermos convencê-lo do motivo de estarmos lá, podemos ser capazes de atraí-lo para o nosso lado.

—E, possivelmente, a utilização da nossa magia?— Kyndra perguntou.

—Essa é uma boa ideia. — Disse Theron. —Você acha que pode entrar para ver Eldar antes de Isran?

—Conhecendo Isran, ele foi para Thav tão logo pôs a mão no ovo. Uma vez em Thav, começou a eclosão de seu plano. Ele gosta de trabalhar sozinho, mas vai ter ajuda se necessário. Ele demonstrou isso no covil do dragão.

Lugus sorriu.

—Eu sei como conseguiremos ver Eldar.

—Como?

—Não sou um emissário para Theron? Não é um costume de todos os reinos permitir a entrada de emissários antes dos demais?

Aimery jogou a cabeça para trás e riu.

—Lugus, você é brilhante.

Theron bateu nas costas de seu irmão.

—Eu vou escrever uma carta para que você leve a Eldar.

## Capítulo Seis

Kyndra tentou se livrar do calor que Aimery provocou. Nenhum homem a tinha tocado desde que deixou sua casa e disse adeus a seu pai. Nem mesmo o Rei Theron ousou tocá-la.

Mas Aimery não tinha pensado duas vezes.

Isso a fez pensar se ir sozinha com ele para Thav era uma ideia tão boa. No entanto, não tinha escolha. Independentemente de como o seu toque esquentou seu sangue e acelerou seu coração. Ela tinha feito os votos. Aqueles votos significavam tudo para ela, os dragões significavam tudo para ela. Não havia nada que pudesse fazê-la virar as costas para a Ordem ou os dragões.

Virou-se para encontrar Lugus debruçado sobre Theron que estava sentado atrás de uma mesa enorme, ricamente decorada com o trabalho de nó dos Fae. Ela observava os irmãos por um momento, ainda não sendo capaz de acreditar que Lugus permitisse que Theron se mantivesse no trono quando era seu por direito.

O cheiro de laranja encheu seus sentidos. Ela inalou o aroma, reconheceu imediatamente que era Aimery um momento antes dele aparecer em sua linha de visão. Seu olhar foi atraído para ele. Histórias de suas façanhas tinham circulado o reino durante milênios. Ele era temido entre os Fae, bem como confiável. Theron realmente havia escolhido o guerreiro certo para enviar no encalço de Isran.

Olhar azul e agitado de Aimery encontraram os dela. Ele havia juntado mais armas e usava um gibão de azul profundo. Seus cabelos louros ainda tinham as pequenas tranças em suas têmporas, mas elas tinham sido puxado para trás, junto com o resto de seu cabelo, para uma trança na base do pescoço.

De certa forma ela se sentia triste por Isran, pois uma vez que Aimery o encontrasse e ela não tinha dúvida de que o comandante iria encontrá-lo, o castigo seria terrível.

Kyndra queria que ela tivesse uma chance contra Isran por si mesma. Não havia nada que ela ou Aimery pudessem fazer que

corresponderia ao que os dragões fariam a ele, mas a necessidade de puni-lo, infligir dano em um Fae que se atreveu a prejudicar um dragão era demais para ignorar.

Ela ajeitou o manto sobre os ombros. Aimery baixou o olhar para a faixa de dragão sobre seu braço esquerdo. Permitia a todos saberem que não era apenas uma sacerdotisa, mas uma guerreira dos dragões. Tinha sido um de seus dias mais gloriosos, quando tinha ganhado o direito de usar a faixa do dragão.

Kyndra voltou seu olhar para o rei. Theron estava olhando para ela. Ele se levantou e se inclinou, as mãos sobre a mesa, seu olhar intenso.

Ela deu um pequeno aceno de cabeça.

—Eu estou pronta.

—Kyndra, sei que escolhi você para ir com Aimery. — Disse Theron. — No entanto, isso foi antes que soubesse que haviam roubado o ovo e onde se escondeu.

Kyndra abriu a boca para argumentar com Theron quando Aimery se adiantou.

—Nós estamos prontos.

O rei e Lugus menearam seus olhares para Aimery. Theron passou a mão pelo rosto e se endireitou.

— Eu quero vocês três de volta. O pensamento de perder qualquer um de vocês...

—Nós vamos voltar. — Lugus andou ao redor da mesa para ficar a sua esquerda, colocando-se entre o rei e Aimery.

A fissão de medo correu ao longo de sua coluna, mas ela se recusou a deixar que qualquer um deles percebesse. Ela agarrou o punho da sua espada para dar-lhe força. Não que ela temesse enfrentar Isran ou mesmo entrar em um reino, como Thav. O que mais temia era não ser capaz de invocar a sua magia.

A magia era uma parte do treinamento de todos os Fae desde o momento do seu nascimento. Não era de admirar que tantos enlouqueciam quando não eram capazes de usá-la. Seu olhar caiu

sobre Lugus. Ele sobreviveu por cinco anos sem ela. Cinco anos a um Fae era como um piscar de olhos, mas, a um Fae que tinha sido mortal na Terra, ele deve ter sentido como se fosse uma eternidade.

Lugus tinha sobrevivido. Ela iria sobreviver. Tudo o que tinha que fazer era lembrar o olhar da fêmea de dragão azul quando ela viu seu companheiro morto para dar-lhe a coragem e a força que Kyndra necessitava para terminar a sua missão.

Theron andou em torno de sua mesa para ficar na frente deles.

— Que a magia do reino e os bons agouros dos Fae sigam-nos em sua busca.

— Nós vamos precisar. — Disse Lugus. Ele empurrou a manga em seu braço esquerdo para cima para revelar as tatuagens. —Pronta?

Ela assentiu com a cabeça, seu olhar sobre as tatuagens.

—Nós perdemos muito tempo. — Disse Aimery.

Os dedos de Lugus pairavam sobre uma tatuagem perto do seu cotovelo. Era do tamanho de uma moeda pequena e parecia um olho com alguns escritos estranhos em torno dele.

—Mantenha a vigilância sobre Ahryn para mim.

— Você tem minha palavra. — Disse Theron.

Kyndra piscou os olhos, a escuridão a sua volta causava uma onda de medo dentro dela.

—Kyndra?

Ela suspirou. Aimery estava com ela.

— Eu estou aqui. Por que não posso ver?

Lugus deixou escapar um longo suspiro.

— É o feitiço de Eldar. Nossa magia se foi.

—Você não brincou quando disse que ela se iria logo que entrássemos no reino.

Kyndra flexionou os ombros. Ela não gostava de não ser capaz de ver. Até então não tinha percebido que sua visão havia sido reforçada por magia. Começou a se perguntar o que mais fora reforçado por magia, e tinha uma suspeita de que era muito mais do que ela percebera.

—Você está bem?

Na respiração de Aimery se espalhou por sua pele enquanto sussurrava em seu ouvido. O calor de seu corpo rodeava o dela e sabia que tudo o que tinha a fazer era se inclinar para trás e encontrá-lo-ia contra ela. Isso deveria irritá-la, mas não aconteceu. Ela estava contente por sua presença lá, pois era um teste para si mesma. E temia como reagiria.

—Nós estamos em algum tipo de estrutura. — Disse Lugus. Ele grunhiu enquanto se movia para frente e colidiu com alguma coisa. — Fique aqui até que eu encontre a porta.

Para seu espanto, ele percorreu a sala sem colidir em qualquer outra coisa.

— Como você faz isso?

— Lembrei-me de como é não ser capaz de ver. — Respondeu Lugus. — Não demorou muito para os meus olhos se ajustassem à escuridão. Vocês vão ver.

Aimery grunhiu.

— Eu não pretendo ficar aqui tanto tempo.

—Vamos esperar que você esteja certo.

Mal Lugus falou, o luar derramou-se no quarto. Kyndra tinha o desejo de gritar de alegria. Com Aimery em sua volta, ela caminhou até Lugus e saiu do edifício.

—E agora?

Aimery fechou a porta e puxou-a para as sombras. Seu olhar abrangeu os seus arredores.

— Onde estamos Lugus?

— Na capital. O castelo de Eldar está ali. — Disse e apontou acima deles.

Kyndra seguiu a direção que o dedo de Lugus apontava e esticou o pescoço para olhar para o topo da montanha e para a fortaleza que repousava no topo.

—Claro.

Lugus riu. Então respirou rápido com a mão na cabeça.

— Ahryn! — Respondeu ele num sussurro estrangulado.

Kyndra olhou de Lugus para Aimery.

— O que está acontecendo? Como pode Lugus saber sobre sua esposa, se a nossa magia está paralisada?

Aimery segurou firmemente Lugus enquanto ele oscilava em seus pés. Seja o que for que Ahryn lhe dizia, não era bom.

— Ahryn é capaz de se comunicar com Lugus através de sua mente, independentemente de onde ele esteja.

— Por tudo o que é magia! — Kyndra murmurou.

Lugus caiu de joelhos, seu rosto empalideceu e sua boca se contorceu de dor.

— É o bebê. Ela está em trabalho de parto Aimery e ela está morrendo.

— Vá até ela.

Aimery não deixaria que nada o impedisse de estar com sua esposa num momento como esse. Ahryn necessitava de Lugus muito mais do que eles.

— Eu não posso deixá-lo. Você precisa de mim.

— E ela precisa de você ainda mais. Vá para a sua esposa.

— Você vai precisar disso.

Aimery pegou a mensagem enrolada como se fosse um tubo que Theron havia escrito e enfiou-a no seu gibão.

— Não se preocupe conosco. Nós vamos ficar bem.

— Sinto muito. — Lugus sussurrou antes de tocar outra tatuagem, desta vez em sua mão direita, e desaparecer diante de seus olhos.

Aimery suspirou e sentou-se sobre os calcanhares. Ele se virou para Kyndra para encontrar os olhos arregalados, olhando para o local onde Lugus tinha acabado de se ajoelhar. Aimery afastou para longe o terror que o tomava e se levantou. Ele estendeu a mão para Kyndra e puxou-a para que ficasse de pé. Ela fitou-o confiantemente e ele sabia que faria o que fosse necessário para garantir que ela conseguisse voltar para seu reino.

— Lugus ter que sair é um pequeno contratempo. Nós temos a missiva de Theron, que deverá nos permitir ver Eldar.

Kyndra lambeu os lábios, diante do olhar de Aimery que seguiu o movimento.

—Você parece tão confiante!

Ele não estava, mas não ia deixá-la saber disso.

— Nós vamos ficar bem. Confie em mim.

— Eu confio.

Não esperava que ela respondesse, mas, agora que tinha respondido, estava contente por isso. Voltou sua atenção para o castelo de Eldar. A subida, sem dúvida, seria íngreme e infestada por criaturas e armadilhas para os que não conhecessem o caminho.

—E se Isran já assumiu o controle?

Aimery olhou para ela por cima do ombro.

—Não houve tempo suficiente.

—Quanto tempo ele precisa para assumir um reino?

—Eldar é extremamente poderoso. Isran nunca mergulhou na magia negra, o que torna Eldar quase invencível.

—Quase?

Aimery sorriu.

—Por que é você acha que ele tira do outro a magia? Nossa magia é uma das mais fortes do universo, Kyndra. Nós derrotamos magia negra antes, e vamos fazê-lo novamente.

— Isso não muda nada. Ele sabe o quanto esse ovo significa para nós.

— Exatamente. — Disse Aimery e enfrentou seu olhar. — Isran sabe que vai ser caçado. Se tivermos sorte, ele vai pensar que tem mais alguns dias antes de chegarmos aqui, quando na verdade já estamos aqui e articularemos nossa situação com Eldar.

— Isso me irrita: termos para pleitear qualquer coisa a Eldar. Ele deveria entregar Isran para nós para que o tratássemos.

Aimery riu de sua indignação.

— Essa é a forma Fae. Nós não estamos no nosso reino mais. Lembre-se disso. Fazem as coisas muito diferentes aqui. Thav é um reino onde o mal se reúne para se esconder do resto.

— E nós estamos sem a nossa magia. Estamos à mercê de Eldar, Aimery. Qualquer coisa pode acontecer conosco entre agora e conseguir uma audiência com ele.

—É por isso que precisamos nos manter em movimento.

Ele a pegou pelo braço e guiou-a por um beco. Manteve-se em sintonia com ele, seus olhos vasculhavam a escuridão, assim como ele.

— O quão grande é esta cidade?

— Demasiada grande e sangrenta.

Aimery teve um vislumbre de algo pelo canto do olho. Ele puxou sua adaga e se virou para a esquerda para encontrar uma criatura com metade do rosto queimado vindo em sua direção. Ele abaixou-se quando um punho de carne veio em seu rosto.

Enquanto se endireitava, ele mergulhou o punhal no ventre da besta. A criatura deu um gemido de dor. Aimery recuou e retirou a sua arma.

A fera o encarou com seu olho bom. Estendeu a mão para Aimery com um de seus braços longos e o outro facilmente foi evitado. Gosma preta escorria da ferida que Aimery tinha infligido.

A criatura jogou-se para frente antes de cair no chão.

—O que é isso?— Kyndra perguntou quando esteve ao lado dele.

Aimery encolheu os ombros.

—Eu nunca vi um como esse antes. Vamos seguir em frente.

Eles correram pelas ruas, parando de vez em quando enquanto se moviam nas sombras. Aimery não gostava da cidade. Considerou os muitos pontos de vantagem para os outros e nenhum para ele e Kyndra. Uma vez que chegasse à montanha, se sentiria mais seguro. Quando estivesse no castelo e falasse com Eldar, então sentiria como se houvesse uma chance.

Aimery parou e empurrou Kyndra contra um edifício, com o braço a sua frente. Sua mão subiu e segurou a dele. Ele sentiu o tremor leve nos seus dedos, e odiou não poder dar-lhe mais segurança.

—O que é isso?— Ela sussurrou.

Ele deu de ombros, incapaz de determinar o que o fez parar. Não detectou nada, mas, em um lugar como Thav, nada poderia ser a sua morte.

— Fique encostada nos edifícios.

Aimery manteve a mão sobre Kyndra enquanto se moviam lentamente através das sombras. Havia um movimento à frente, mas o que era ele não sabia. Não foi até que chegou a estrutura de três andares e ouviu a música que percebeu por que havia tanta atividade.

— É um pub. — Ele murmurou.

Assim que disse as palavras, uma mulher saiu pela porta nua, seus pequenos seios balançavam enquanto caminhava. Assim que ela parou, um homem saiu das sombras e segurou o peito, dando-lhe um beliscão no mamilo.

Sua cabeça inclinou-se para trás, um suspiro chegou até eles, quando o homem começou a sugar o mamilo.

Aimery sabia que Kyndra nunca tinha visto um homem e uma mulher juntos para perceber o que faziam. A mudança sutil de seus pés lhe disse que estava desconfortável.

—Sangrento inferno. — Aimery rosnou e puxou Kyndra para si. Não havia tempo para palavras. Não se quisesse tirá-los vivos.

Ele virou-se, comprimiu-a contra o prédio e colocou-a de costas para a mulher.

O corpo mole de Kyndra juntou-se ao dele, e Aimery mal travou um gemido quando o desejo varreu por ele. Seus lábios se separaram por esse motivo e, antes que ela pudesse falar, ele cobriu sua boca com a dele.

## Capítulo Sete

Kyndra se esqueceu de respirar quando os lábios de Aimery moveram-se sobre os dela. O choque a deixou dura, mas a sensação da língua dele contra seus lábios aqueceu seu sangue. Seus braços moldaram seu corpo ao dele e empurraram-na contra a construção. Ela nunca soube que sentir o comprimento rígido de um homem poderia ser assim... Tão emocionante.

Suas mãos agarraram seus braços, os músculos sob seus dedos esticados. A chamada em sua cabeça quando sua língua varreu entre os lábios dele para tocar os seus. Seus braços enlaçaram pescoço dele como se por vontade própria. O corpo dele se movia contra o dela, enviando ondas de prazer que estouraram na junção entre as pernas em um latejar profundo.

— Eu tive que pensar rápido. — Ele sussurrou.

Ela assentiu com a cabeça, sem saber o que dizer, ou se deveria dizer alguma coisa. Ninguém jamais a beijou antes e, agora que Aimery o fez, ela descobriu que gostou muito. Ela tentou fazer com que a respiração voltasse ao normal, mas toda vez que pensava da boca de Aimery, seu coração acelerava novamente.

—Kyndra.

Ela forçou seu olhar para encontrar o de Aimery. *Controle-se! Foi apenas um beijo.* Apenas um beijo que a deixou aturdida, fraca. Vulnerável.

A testa dele franziu.

—Eu não vou pedir desculpas por beijar você. Eu sei que tomou os votos, mas vou fazer o que deve ser feito para mantê-la viva.

Kyndra queria tocar seus lábios. Sentia-se inchada, sensível. Um beijo tinha feito isso com ela? Um simples beijo?

Ela olhou em volta por sobre o ombro de Aimery e viu a mulher nua apontar para eles enquanto conversava com dois homens.

— Beije-me.

—O quê?

—Eles vêm para cá. Beije-me.

Kyndra sabia que ela deveria estar maluca. Apenas uma pessoa louca que tomou os votos se tentaria beijando Aimery. Mais uma vez.

Neste momento, não houve uma união terna de lábios. Quando Aimery tomou sua boca, trouxe sua força contra seu corpo. Suas mãos acariciaram suas costas enquanto aprofundava o beijo, inclinando sua boca contra a dela novamente e novamente.

Se Kyndra tinha pensado que o seu primeiro beijo tinha enfraquecido os joelhos, esse beijo tirou seu fôlego. Ela se afogava em seu beijo e amou cada momento. Seus lábios eram suaves, mas firmes, e seu beijo foi implacável e feroz. Ela moveu suas mãos sobre seus ombros largos, aprendendo sobre a sua dureza. Quando sentiu o seu comprimento, inchado e duro, pressionar contra seu ventre, um gemido escapou dela.

Ele endureceu e terminou o beijo. Kyndra odiava querer pedir-lhe para beijá-la, para fazer seu corpo sentir-se vivo como parecia acontecer em suas mãos. Aimery voltou sua cabeça para o lado e resmungou.

Um pouco de emoção percorreu Kyndra. Ela sabia que Aimery agia para seu benefício, para mantê-la viva, mas uma parte dela não podia deixar de pensar que ele fez isso por ela, apenas por ela.

O homem afastou-se, os braços erguidos.

—Tudo bem. Não precisa agradecer ficando irritada.

Kyndra lutou contra o impulso de enterrar a cabeça no ombro do Aimery. Em vez disso, ela assistiu ao homem arrastar a mulher nua para dentro do edifício.

Alguns momentos depois, Aimery olhou-a.

— Será que ele se foi?

—Sim.

Aimery liberou-a e se afastou. Ele olhou para ela, como se quisesse dizer alguma coisa.

Kyndra não precisava de suas palavras, nem queria explorar a profundidade do desejo que bombeava através dela e de sua atração por

Aimery. Eles haviam chegado a Thav há apenas algumas horas e ela já o havia beijado duas vezes.

—Não vamos permanecer aqui!— Disse ela e passou por ele.

Felizmente, Aimery acompanhou seus passos. Ela desejava que se expusesse o suficiente para que pudesse ver seu rosto, mas, novamente, os sentimentos que ele trouxera a tona eram demasiados novos para que ela os escondesse. Se ele atentasse para ela agora, iria ver o desejo e fome em seu olhar, e não podia permitir isso. Agora não.

Nem nunca.

Bastaria apenas uma palavra, e sabia que Aimery faria amor com ela. Sentiu isso na maneira como a acariciou e a beijou. Ela ia ter que ser a única a resistir à tentação que ele lhe oferecia.

Não que o culpasse. Ele tinha feito a única coisa que pensou para mantê-los seguros.

Não havia como dizer quantos homens estavam dentro do local de bebidas e prostituição. Aimery não teria chance, pois estava em menor número. Tinha sido uma opção tática, e que ela concordou.

Incapaz de se conter, ela estendeu a mão e tocou os lábios. Sentia-os estranhos a ela agora.

Ela não tinha percebido que seria tão... Bom... Ser beijada, ou que seus lábios podiam ser tão sensíveis.

Lábios que nada significavam para ela há alguns momentos atrás. Agora, ela nunca seria capaz de olhar para a boca de Aimery de novo sem pensar em seu beijo.

Eles andaram com segurança para o muro da cidade. Ela se agachou ao lado de Aimery e olhou para a parede diante deles.

— O portão está sendo vigiado! — Disse ele. —Nós nunca vamos passar por isso sem chamar a atenção. Eu prefiro que Isran não saiba que estamos aqui ainda.

—Ele já poderia estar no castelo.

—Talvez. Nesse caso, é apenas outra razão para manter a nossa presença em segredo até chegarmos ao castelo.

Ela encolheu os ombros.

—Então nós vamos pular o muro.

Ele olhou para a parede e parecia considerar sua sugestão.

—Eu posso dar-lhe um calço para cima, mas eu não sei o que está do outro lado.

—Eu não estou sem minhas próprias habilidades. — Ela apontou sua espada e levantou uma sobrancelha.

Aimery assentiu.

—Tudo bem, mas logo que você chegar ao outro lado espere por mim.

—Concordo.

Ela levantou-se e esperou que ele cruzasse os dedos preparando suas mãos contra o joelho.

—Pronta?

—Pronta.

Kyndra deu alguns passos para trás, correu para ele e usou as mãos atadas como um apoio para o pé. Assim que seu pé alcançou as mãos dele, ele a jogou. Ela alcançou o topo do muro com um grunhido. Puxou-se para cima e percebeu que o muro tinha três metros de espessura. Inclinou-se e deu Aimery um aceno antes de desembainhar sua espada e cair para o outro lado. Não houve nenhum movimento, nenhum grito que indicasse que ela tinha sido vista, mas Kyndra não correu nenhum risco.

Alguns momentos depois Aimery aterrissou ao lado dela.

—Você é mais rápido do que eu esperava.

Ele sorriu.

—Eu não estou sem minhas habilidades.

Kyndra se afastou para que ele não a visse sorrir. Haviam saído da cidade, mas ainda teriam que caminhar pela montanha. E até o castelo.

—O terreno parece plano antes de chegar à montanha.

—Pode ser, mas teremos de ser cuidadosos. Não apenas é plano, mas não há árvores ou qualquer coisa para nos escondermos. Se alguém olhar para fora, será capaz de nos ver.

—Nós vamos ter que correr através do terreno e rezo para que ninguém nos veja.

—Precisamos encontrar algum lugar para descansar. Eu não quero entrar nessa montanha no escuro.

Ela embainhou sua espada.

—Eu discordo. É o melhor momento para escalá-la.

—Há armadilhas dispostas ao longo de toda a montanha. Essa foi uma das razões pelas quais Lugus estava conosco. Ia para nos mostrar o caminho para dentro.

Kyndra suspirou e inclinou a cabeça contra a parede.

—Você está certo então. Precisamos ser capazes de ver para onde iremos.

—Vou levar-nos para o castelo.

Ela virou a cabeça para Aimery. Ela não tinha dúvida que ele daria sua vida para ter certeza de que encontraria o ovo.

—Eu sei.

Ele pegou a mão dela e puxou-a atrás dele enquanto corria por todo o terreno aberto, só que não era plano, como haviam pensado. O chão ondulado tornava sua corrida muito mais traiçoeira.

Kyndra olhou sobre o ombro uma vez, mas ninguém nos portões os havia notado. Ela estava prestes a dizer a Aimery quando um grito soou alto acima deles. Ela olhou para cima para encontrar um pássaro gigante. Aimery amaldiçoou e alongou os seus passos. Kyndra não teve escolha senão fazer o mesmo ou ser arrastada atrás dele.

—Abaxe-se!— Ela gritou enquanto a pomba vinha em sua direção.

Aimery passou os braços em volta dela e caiu no chão. Eles bateram no chão, caíram sobre uma colina e começaram a rolar. Kyndra abraçou Aimery e enterrou a cabeça em seu peito.

E, de repente, não havia nada.

Kyndra formou um grito em sua garganta, mas antes que pudesse expulsá-lo, aterrissou com um baque retumbante. Todo o fôlego foi

eliminado de seu corpo. Ela tentou respirar, para entrar ar em seus pulmões, mas eles se recusaram a trabalhar.

—Não lute contra isso. — Disse Aimery quando se sentou.

Ele levantou-a nos braços e pôs-se nas sombras, enquanto o pássaro circulava acima e gritava sua fúria.

Kyndra finalmente foi capaz de obter ar em seus pulmões. Seu corpo doía, mas ela estava confortável nos braços de Aimery. Ela devia se mover sabia disso, mas não tinha a vontade de fazê-lo.

—Você está machucado?

—Eu não penso assim. Onde estamos? —Ela sentiu o encolher de ombros.

—Parece um canyon. Eu não sei o quão grande ele é, mas é um bom lugar para nós descansarmos e nos escondermos.

—De um pássaro gigante.

Ele riu.

—Você nunca esteve fora do nosso domínio. Você não tem ideia do que está lá fora esperando para ser descoberto. Existem coisas que você não iria acreditar.

— E você já os viu?

— Eu vi demais.

— Como é? — Perguntou ela.

—Você gostaria de sair do nosso reino?— Ele remexeu-se. — Eu gosto de ver outros reinos, mas a chamada do nosso reino está sempre comigo. Eu nunca consigo ficar longe por muito tempo. Como uma sacerdotisa, você não pode viajar não é?

—Não. — Ela nunca se preocupou antes, mas agora que havia deixado seu reino, o desejo de ver outros reinos havia começado a crescer.

—Isso é muito ruim. Eu acho que você iria gostar.

Infelizmente, assim como ela.

## Capítulo Oito

Aimery arrancou seu olhar faminto da forma adormecida de Kyndra e assistiu ao nascer do sol sobre a montanha. Ele reviveu pelo tempo que restava da escuridão seus beijos mais e mais em sua mente. O sabor dos seus lábios, a sensação de seu corpo, sua gemidos suaves. Ele tinha uma ereção desde o primeiro momento em que colocou seus lábios nos dela, e ele temia que não teria uma liberação em breve.

Ele fechou suas mãos e levantou-se. Precisava fazer algo, expulsar algumas de suas frustrações. Entre todas as pessoas, ele sabia que nunca deveria ter tocado Kyndra. Mas ela tinha sido uma tentação e ele, impotente para resistir. Agora que tinha um gosto dela, ansiava por mais. Muito mais.

Seu olhar pousou sobre a parede do desfiladeiro. Eles precisam saber a forma da terra e se os levaria à montanha e ao castelo de Eldar. Sem outro pensamento, escalou a parede de rocha pura, até que pudesse espiar por cima da borda.

Havia uma chance de que a garganta iria levá-los até a montanha. Aimery resmungou quando viu o pássaro gigante a picar através das roupas os ossos de alguma pobre alma. Ele não queria proporcionar uma chance de ser atacado novamente.

Aimery esperaria o reino ser envolto pela escuridão. No entanto, enquanto o sol derramava seus raios sobre a encosta da montanha, viu árvores com folhas de rosa vívido em vez de verde. Um sorriso se desenhcou em seus lábios. Esta era uma das razões pelas quais gostava de visitar outros reinos. Havia sempre alguma coisa diferente para ver.

Quando ele desceu do cânion, Kyndra tinha despertado. Ela tirou o manto, dando-lhe uma visão de seus seios fartos.

—Você dormiu bem?

— Assim como era esperado. Meu corpo dói. Em todos os lugares.

— Então, fez a sua. —Nossa magia nos curava. Sem ela, nós sentiremos tudo.

—E morreremos muito mais facilmente.

O Fae eram imortais, mas poderiam ser mortos. Era sua magia que ajudava a curá-los rapidamente e dava-lhes vida longa. Sem ela... Qualquer coisa poderia acontecer.

Kyndra afastou o cabelo do rosto com a mão e torceu o nariz.

— O pássaro ainda está lá fora?

— Sim. Ele conseguiu outra refeição, por enquanto.

— Qual é o plano?

Ele levantou uma sobrancelha.

— O plano?

— Eu vi você subir e dar uma olhada. Deve ter encontrado alguma coisa, porque não franze a testa. — Ela tocou o ponto entre as sobrancelhas. — Você franze sua testa.

Aimery não tinha percebido que fazia isso. Uma emoção percorreu através dele ao perceber que ela tinha enxergado. Tinha seu beijo afetado-a tanto quanto a ele? Será que ela sonhou com ele segurando-a enquanto dormia?

Será que ela pensava em ele deslizar em seu calor, enfiando dentro dela até que suor descesse em fileiras de sua pele e ela gritasse sua liberação?

Ele respirou instável e virou as costas para ela. Independentemente do quanto seu corpo queria sentir suas curvas suaves sobre ele, havia mais em jogo do que sua necessidade. Apertou sua mandíbula e concentrou a sua mente na montanha.

— Nós seguiremos pelo canyon, enquanto pudermos. Não consegui ver muito além, mas acho que nos levará para a montanha.

Houve um farfalhar de areia, quando ela se pôs sobre seus pés.

— Eu espero que tenhamos sorte. Claro, não há como dizer o que há na garganta.

— Verdade. — Ele se virou para encará-la. — Mas a perspectiva de descobrir não te instiga?

Seus lábios se abriram num sorriso.

— Oh, sim. Ela o faz.

Não havia outra pessoa que poderia imaginar ao seu lado naquele momento. A antecipação que brilhava em seus olhos azuis era suficiente para fazer seu coração pular uma batida. Kyndra estava com medo, mas ela também amava não saber o que iria acontecer. Ela foi feita para apenas essa missão. E ele não tinha dúvidas de que ela teria sucesso.

Ele olhou para as pernas nuas. Um arranhão aparecia por sua perna direita.

— Dói?

Ela inclinou seu quadril e virou sua perna para que ela pudesse vê-la.

—Doeu na noite passada, mas está bem esta manhã. Devemos ir.

—Você tem outras feridas?

—Tenho certeza que eu tenho várias, assim como você. Pare de se preocupar comigo, Aimery. Vou deixar você saber se algo precisar de atenção.

Viu-a passar por ele e sorriu. Ele alcançou-a, mas ficou um passo atrás dela. Seu olhar se desviou frequentemente ao balançar de seus quadris enquanto ela caminhava. Ele precisou fechar as mãos para evitar estendê-las e tocar nos fios escuros, grossos de cabelo que se enrolavam em sua cintura.

—Por que você escolheu aos dragões?— Ele queria saber a resposta para isso desde a primeira vez que colocou os olhos sobre ela. Sua beleza teria subjugado qualquer homem no reino, incluindo o rei.

Ela encolheu os ombros e olhou para ele por cima do ombro.

—Por que você escolheu tornar-se um comandante?

—Eu sou bom no que faço. Eu trabalhei meu caminho através das linhas e provei que era confiável e capaz de tomar decisões difíceis.

Ela riu.

—Não fez mal que você fosse amigo do rei.

—Theron não escolhe os amigos para assumir importantes posições a menos que eles já provassem o seu valor.

Ela parou e olhou-o.

—Não foi minha intenção ofendê-lo.

—Você não o fez. Estou apenas explicando.

Ele não iria deixá-la saber que o tinha ofendido. Ele tinha trabalhado muito arduamente pela posição de comandante, e ele estaria condenado se fizesse pouco caso.

— Desde que eu era uma garotinha eu sonhava com os dragões. Nunca era o suficiente vê-los voar através do céu, seus urros ecoarem pela noite. Eu queria estar perto deles, conhecê-los.

Seu rosto relaxou em um sorriso à menção dos dragões.

—Eles são criaturas magníficas.

—Eles são muito mais do que isso. Sua beleza, sua graça é impressionante de se ver. Eu dediquei minha vida a aprender tudo o que há para saber dos Dragões Azuis. Passei horas a ganhar sua confiança para que pudesse me aventurar através do Cais das Caveiras e suas tocas. Nenhuma outra sacerdotisa já realizou esta façanha. — Ela sorriu, abaixando o olhar em seu embarço.

— E você deve ser orgulhosa disso.

Ela sorriu e abaixou o olhar embaraçado.

— Eu sou. Sim, muito.

—Por esse feito, você é a próxima na fila para ser a Alta Sacerdotisa da Ordem do Dragão.

—Eu sou. É o que eu sempre quis. Assim como você trabalhou para tornar-se comandante do exército, eu trabalhei para ser a Sacerdotisa. Estar perto de todos os dragões do nosso reino seria um sonho tornado realidade.

Aimery recomeçou a andar. Ele não podia olhar para turbulentos olhos azuis de Kyndra e não entender sobre sonhos. Tinha tido um sonho há tanto tempo, um que começara a desvanecer-se e murchar... Até que ele tinha visto Kyndra.

Ele estava cansado de estar sozinho cansado de comer e dormir sozinho. Poderia viver no palácio com Theron, mas se recusou a intervir em seu tempo com sua família. Ele seria bem-vindo, sabia disso, mas não era o mesmo. Queria sua própria família, ver o sorriso acolhedor de

sua esposa quando voltasse para casa, ter os braços a envolvê-lo durante a noite, ver sua barriga inchar com seu filho.

Era uma lição difícil de aprender: nem todos os sonhos se tornaram realidade. Muitos têm seus sonhos, mas, para os guerreiros como ele, o destino era uma vida de solidão.

—Aimery?

Ele olhou para ela ao lado dele.

—Sim?

—Você está bem? Você está tão quieto.

—Eu só estou pensando em Isran.

Kyndra sabia que ele mentia, mas deixou-o. Algo que ela tinha dito o havia perturbado. Ela tinha visto seus olhos escureceram antes dele se afastar. Ele era um mistério. Suas façanhas eram conhecidas em todo o reino, mas poucos sabiam o homem real. Kyndra percebeu então, que queria ser um dos poucos que o conheciam.

Ela lambeu os lábios e tentou acompanhar seus passos largos.

—Por sua reação no Cais das Caveiras depois de tocado o dragão macho, eu compreendi que Isran é um amigo.

—Foi.

Uma simples palavra repleta de ódio e vingança. Aimery não era um Fae a que quisesse zangado com ela por qualquer motivo. Ele era quase tão poderoso quanto Theron, e sua vingança seria rápida.

—Ele é a pessoa que cometeu os assassinatos, não é?

Aimery suspirou e balançou a cabeça.

—Eu espero que você nunca descubra.

—Ele tinha um posto elevado no palácio?

—Não. Ele estava trabalhando o seu caminho através das fileiras do exército, assim como eu fiz. Reconheci sua habilidade e sabia que poderia usá-la em nosso benefício.

Ela fez uma careta.

—Então você estabeleceu uma amizade com ele.

—Sim. Eu não o vi ele pelo que era. — Ele parou e passou a mão pelo rosto. — Meu julgamento é questionável, agora. Theron tem todo o direito de remover-me do comando.

—Por um erro?— Ela não podia acreditar. Certamente Theron teria mais misericórdia do que isso.

O olhar azul de Aimery pairou sobre ela.

—Kyndra, eu tomo decisões de vida e morte pelos meus homens e nosso reino. Se eu cometer um erro, podemos perder tudo.

—Você provou o seu valor mil vezes. Alguma vez você já cometeu um erro antes?

—Não gosto disso.

—Então dê a Theron algum crédito para reconhecer isso. Mesmo ele cometeu erros ao enviar seu próprio irmão para o reino das sombras.

De repente, Aimery sorriu.

—Você tenta me animar.

Kyndra mordeu o interior de sua bochecha e deu de ombros.

—Talvez. Eu só quero que você perceba que vale mais ao nosso povo como um comandante do que você pensa.

Sua respiração acalmou em seu corpo quando estendeu sua mão e puxou uma mecha de cabelo de seus cílios. Necessitava experimentar mais intensamente seus braços, senti-los envolvê-la ao vê-lo esfregar o fio de cabelo entre os dedos longos de enquanto ela cederia ao desejo através de seu sangue, seria tão fácil, se sentiria tão maravilhosa. Seus cabelos escuros em meio aos Fae de cabelos louros sempre a fazia se sentir diferente, fora do lugar. Seus pais lhe disseram que o dom de cabelos escuros em sua raça fora concedido a poucos, mas Kyndra teria prazer em dá-lo a outra pessoa.

Mas agora, enquanto Aimery acariciava seus cabelos como se estivesse hipnotizado, descobriu que gostava de ser diferente.

—Eu adoro seu cabelo. — Ele murmurou.

Ela fechou os olhos quando ele deu um passo em sua direção. Com o coração a martelar em seu peito, esperou que ele a puxasse

contra ele, para reivindicar os lábios em um beijo que iria transformar o seu mundo em chamas.

Ela abriu os olhos a tempo de vê-lo deixar cair o cabelo. Decepção encheu o seu, ainda que ela dissesse a si mesma que era o melhor.

—É raro um Fae ter o cabelo escuro. — Disse ele. —Embora eu tenha certeza que você sabe disso.

—Eu sei. Diz-se ser um grande presente, mas ser tão diferente é mais uma maldição do que uma dádiva.

Um dos lados de sua boca levantou em um sorriso.

— Porque tantos te queriam.

— Apenas por causa do meu cabelo. Eles pensaram que por ter-me como esposa, de alguma forma, os elevaria.

—É por isso que você fez os votos com a Ordem?

Ela nunca tinha contado a ninguém sobre o quanto ela odiava ter cabelos tão diferente ou dos homens que a perseguiam. Todo mundo pensou que ela se preocupava mais com os dragões do que com os homens. Era verdade. Em parte.

—Eu fiz os votos, porque era o meu destino.

— E nunca importou para você que, ao tomar-lhes, manteve os homens longe de você? — Ele perguntou com uma sobrancelha erguida.

Ela encolheu os ombros.

— Oh, talvez pudesse ter pensado nisso.

Quando ele nada falou, mas olhou-a, ela mudou de um pé para o outro, a cada momento mais desconfortável.

—Com sua beleza, você poderia ter governado o reino, Kyndra. Não é apenas a cor do seu cabelo, é a sua força, o seu esplendor o que levou aqueles homens a sua porta. Escondendo-se atrás dos dragões não vai parar o que todo mundo vê.

—E o que é isso? — Ela não poderia deixar de perguntar. Ninguém tinha lhe falado como Aimery, e isso fez seu estômago vibrar.

—Você foi feita para ser adorada. E não apenas pelos dragões.

Seus olhos seguiam enquanto ele se virou e continuou até o chão do cânion. Ninguém jamais a fez duvidar de sua decisão de tomar seus

votos, até Aimery. Ele a fez pensar em um futuro que ela nunca poderia ter, porque queria estar sempre com os dragões. Os dragões eram a sua vida, assim como o Exército era a dele. Ele poderia ter tanto o exército como uma família.

Ela não.

## Capítulo Nove

Kyndra enxugou o suor da testa e lambeu os lábios secos. Seu estômago roncou, e a sede mostrava suas garras em sua barriga. Ela olhou para o céu. No início, havia pensado que era o sol que lançava no céu sua luz laranja, mas quanto mais o sol subia, mais brilhante o laranja ficava.

—O céu é laranja aqui?

Aimery riu.

—Você percebeu isso agora?

—Estive um pouco ocupada em atravessar a garganta.

O caminho através do cânion rochoso os tinha levado o mais próximo das montanhas que haviam conseguido. Ela torceu o tornozelo várias vezes, mais do que ela queria contar, se tornava irritável com cada momento que se passava.

Ele lhe estendeu a mão a fim de ajudá-la a superar uma grande pedra.

—Espere até chegarmos à montanha. As folhas das árvores não são verdes, mas de um rosa brilhante.

Ela estreitou o olhar para ele.

—Você está brincando comigo?

—Você vai ver por si mesma em breve.

Ela esperava que sim, porque queria desesperadamente sair do canyon. As temperaturas áridas devastavam-na.

Andaram mais meia hora quando Aimery parou e inclinou a cabeça para o lado.

—Você ouviu isso?

Kyndra foi para o lado dele e escutou. Depois de alguns instantes, ouviu o som inconfundível de água. Ela sorriu para Aimery.

—Está perto?

—Vamos descobrir.

Ela não pensou duas vezes antes de tomar sua mão e correr em direção à água. Kyndra pulou pequenas pedras, seu entusiasmo

crescente a cada passo. Quando eles contornaram uma curva no desfiladeiro, chegaram a um impasse.

—Por tudo o que é mágico! — Ela sussurrou.

A cena diante dela era tão bonita que feria o olhar. A garganta levantava-se em ambos os lados deles para se encontrarem praticamente em cima, deixando apenas uma pequena parte para permitir a entrada de luz. Água cascadeava do monte em uma piscina escavada no chão do cânion. A água era tão clara que podia ver as linhas onduladas na rocha, que retratavam séculos de água que o atravessam. Uma palmeira única balançava com a força da cachoeira, as suas folhas rosa encharcadas de água.

—Eu disse a você. Rosa.

Ela olhou para Aimery e sorriu.

—Eu tenho que admitir, embora seja bonita, eu prefiro as nossas folhas verdes.

— Assim como eu.

Ela lambeu os lábios e virou-se para a água.

—É seguro beber?

—Só existe uma maneira de descobrir.

Ela o seguiu até a beira da água. A rocha era tão pálida que em lugares pareciam quase branco. Ela se ajoelhou ao lado de Aimery e lutou contra o desejo de mergulhar na água para se refrescar. Suas botas, perfeitas para o clima, aderiram às suas pernas no calor árido.

— Será melhor nas montanhas. — Disse ele como se lesse sua mente.

Ele colocou a mão na água e trouxe-a aos lábios. Pouco antes de ele beber, ela colocou a mão em seu braço.

— Apesar da sede que tenho, prefiro não estar neste lugar sozinha.

Ele olhou para a mão para ela.

— Tem água corrente, o que significa que é mais do que provável que seja seguro beber. Eu não cheirei nada de mais.

Antes que ela pudesse argumentar mais, ele levou a mão aos lábios e bebeu. Kyndra esperou seu estômago apertado em um nó.

— O gosto é maravilhoso. — Aimery disse com um sorriso.

Era tudo o Kyndra precisava ouvir. Ela mergulhou as mãos na água fria e suspirou.

Ela inclinou-se e bebeu profundamente, desfrutando da sensação do líquido que aliviava sua garganta ressecada.

Quando finalmente se saciou, ela sentou-se e encontrou Aimery encostado na parede do desfiladeiro, uma perna esticada a frente dele, a outra dobrada com o braço apoiado no joelho. Seus olhos estavam fechados, mas ela sabia que ele não dormia.

— Estamos na base da montanha. — Disse ele. — Podemos sair do canyon para a montanha.

Moveu-se para frente de Aimery, estendendo-se na sombra.

—Ou?

—Como você sabia que haveria um ou?

—Adivinhei.

— Ou... Podemos seguir a caverna atrás da cachoeira

Kyndra se inclinou para o lado e olhou através da cachoeira. Ela não viu uma caverna, mas, se Aimery disse que estava lá, acreditaria nele.

— Qual o caminho que você prefere?

Ele abriu os olhos e encolheu os ombros.

— Cada um terá seus próprios perigos. Dentro da caverna, nós estaremos num ambiente restrito. Além disso, não temos ideia se é um beco sem saída ou não.

—E a montanha?

— Se o pássaro gigante é qualquer indicação, eu acho que nós vamos encontrar mais animais como ele. Eldar não manteve seu reinado sobre este reino por todo esse tempo sem razão. Haverá guardas e armadilhas ao longo do caminho.

—Na caverna também?

— Provavelmente.

Ele encolheu os ombros novamente.

—Então, escolha.

Aimery tinha mais experiência de viajar aos reinos diferentes do que ela. Ela confiava nele mais do que confiava em si mesma.

— Você tem certeza?

— Tenho certeza.

Sentou-se e virou-se para olhar para a cachoeira, em seguida, ergueu a cabeça como se pensasse na montanha.

—Tanto quanto eu gostaria de ficar escondido, eu acho que a caverna é uma má ideia.

—Então será pela montanha.

Ele a encarou, a sua boca em uma linha fina.

—Vai ser perigoso, Kyndra.

—E alguma vez deixou de ser? Estou pronta para o que encontramos.

—Você está pronta para Isran?

Ela piscou.

—O quê?

—Meu instinto diz que vamos enfrentar Isran em breve. Será que vai acontecer antes de falar com Eldar? Eu não sei, mas, independentemente disso, temos de estar preparados para Isran.

—Não é o momento de vir aqui para encontrá-lo? Não queremos capturá-lo e voltar ao nosso mundo para que ele possa enfrentar o seu castigo?

Aimery viu a ascensão de ira em seus olhos.

—Você não pode entrar no reino de alguém e pegar algo sem pedir primeiro.

—Isran roubou de nós.

—Eu sei. Você acha que alguém entraria em nosso reino e partiria sem antes procurar Theron? Não, eles não fariam isso, não se quisessem deixar nosso reino. É o mesmo aqui. A única maneira que seremos capazes de sair é com a permissão de Eldar.

—E se Isran assumiu?

Ele também tinha imaginado essa possibilidade.

—Então nós vamos ter que lutar com ele.

Ela piscou. Duas vezes.

—Lutar contra ele? Lutar contra um Fae que usa magia negra quando não temos a nossa própria magia? É uma sentença de morte, Aimery.

—Não se pudermos obter o ovo.

Ela revirou os olhos e ficou de pé a andar na frente dele.

—Ele não vai ser tolo o bastante para deixar o ovo fora da sua vista.

—Não, ele não vai permitir isso.

—O ovo é grande o suficiente para necessitar de um par de homens para carregá-lo, especialmente porque Isran não pode usar a sua magia.

—Eu concordo

Ela parou e olhou para ele.

—Sabe por que ele tomou o ovo?

—Pelo poder.

—Poder, sim. Mas você sabe o que ele pretende fazer com ele?

Aimery balançou a cabeça.

—Você me disse no palácio que sabia de tudo que havia para saber. Kyndra, se você sabe algo, diga-me.

Ela suspirou.

— O ovo de um dragão azul é impagável. Põe tão poucos, que roubar um dá credibilidade ao ladrão.

—Eu sei.

Ela engoliu e lambeu os lábios, um tick nervoso que ela teve.

—Apenas ter o ovo poderia dar-lhe os homens que ele precisa para poder lutar contra Eldar.

—Você não está me dizendo alguma coisa que eu já não saiba.

—Então você sabe que se ele quebrar o ovo e se banhar na gema, vai ser invencível.

O estômago de Aimery caiu aos seus pés.

—O quê?

—Não muitos sabem sobre esse benefício de um ovo de dragão azul.

— No entanto isso é magia negra. Como você sabe?

Ela encolheu os ombros.

— Através de um livro.

— Deuses bons!

Aimery se levantou e lutou contra o pânico que crescia em seu peito. Duvidava que mesmo Theron soubesse disso.

— Mas uma vez quero ovo é rachado, a gema de ser usada ou então estará perdido. O óvulo em si tem um poder imensurável. Será que Isran vai usá-lo antes ou depois de assumir o trono de Eldar?

Aimery riu sua frustração crescente.

— Eu não sei. Eu costumava pensar conhecesse Isran, mas o homem que eu chamei de amigo não teria usado a magia negra, e nunca teria matado um dragão ou roubado um ovo.

— Onde é que um Fae como Isran se esconderia neste reino?

Isso chamou a atenção de Aimery. Ele estreitou o olhar e procurou sua mente.

— Isran não pode assumir Thav por si mesmo. Ele vai precisar de homens.

— Homens como os que vimos na capital?

— Ele não seria tolo o bastante para reunir os homens na base do palácio de Eldar. Estaria em algum lugar mais longe dos olhares indiscretos de Eldar.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Estou surpresa por Eldar não ter sentido a magia do ovo.

— Talvez ele tenha. Talvez por isso houvesse tantos guardas no muro na noite passada. Eldar não é um tolo. Ele sabe que algo está acontecendo, e é por isso que precisamos entrar para vê-lo antes que Isran faça o seu movimento.

— Se Isran não estiver aqui por perto, as nossas chances de conseguir ver Eldar estarão a nosso favor.

—Deve ser. Diga-me, o que exatamente acontece se Isran se banhar na gema. Eu sei que você disse que ele se tornará invencível, mas tudo pode morrer.

Ela balançou a cabeça.

—De todos os dragões, o nosso dragão azul detém a maior magia. Pegue a mais pura forma de magia que há na gema e misture com magia negra. A combinação foi cogitada durante séculos, mas nunca ninguém conseguiu roubar um ovo. Nós realmente não sabemos o que Isran vai se tornar se a gema tocá-lo.

— Eldar sentiria a magia de Isran de longe.

— Entretanto, ele usou grandes quantidades. Não há dúvida de que o seu poder será maior se ele usar sua magia negra.

— Então terá que matar Eldar para isso.

Aimery queria certezas, mas não havia nenhuma. A única coisa que ele poderia fazer era esperar que a ideia de mais poder impedisse Isran de usar a gema até chegar a Eldar e ao palácio.

## Capítulo Dez

Kyndra suspirou.

—Então é para o castelo?

Aimery encolheu os ombros.

—Talvez.

Ela queria rolar os olhos. *Talvez* ela murmurou e virou as costas para olhar para a piscina de água. Sua pele estava salgada de suor e endurecida pela sujeira, e os cabelos presos atrás do pescoço coçava. Ela expôs a pequena adaga escondida na parte superior da bota e cortou uma tira de pano do fundo da sua saia. Como o cabelo dela era grosso e pesado, teria sorte se o material suportasse, mas ela estava disposta a dar uma chance se lhe desse algum alívio do calor.

Kyndra ajoelhou-se junto à piscina e jogou água no rosto antes de pentear os cabelos com os dedos em um esforço para desembaraçar a massa antes de começar a trançá-lo. Depois que amarrou o material no final da trança, soltou um suspiro.

Foi então que percebeu que Aimery não havia falado. Olhou por cima do ombro para encontrar o comandante a vê-la, seus olhos azuis em chamas com um desejo tão intenso que se viu com vontade de ir para ele.

Seu estômago revirou. Muitos homens olharam para ela com luxúria e desejo. Mas nenhum tinha feito seu coração bater e seu sangue aquecer como Aimery.

—Eu estava com calor. — Disse ela após um momento.

Ele engoliu em seco e desviou o olhar.

—Você não acha estranho que Eldar não enviou guardas para nos encontrar?

—Por que não o fez? Você mesmo disse que ele tem todo o poder.

— Isso é verdade, mas, se eu fosse ele, gostaria de saber por que um Fae veio ao meu reino.

—Não seria o mesmo argumento usado para Isran?

Aimery encolheu os ombros largos.

— Quem pode dizer se Eldar não enviou homens para procurá-lo? Talvez Isran foi capaz de se esconder.

—E nós não queremos nos esconder. Queremos ser encontrados.

—Exatamente. — Disse ele com um sorriso.

—Então, onde estão os guardas?— Um arrepio de apreensão percorreu sua espinha. —Eu não gosto disso. Nem um pouco.

—Nem eu.

—Se pudéssemos ter os nossos poderes. — Ela começou.

—Kyndra, não.

Seu olhar penetrou fundo nela, um fogo aceso que ela não entendeu.

— Eu só disse...

—Eu sei o que você disse, mas logo que começa a desejar os seus poderes, vai perceber tudo o que poderia fazer com eles. Assim é como um Fae enlouquece.

Ela encolheu os ombros.

—Eu me senti muito bem desde que viemos para este mundo horrível. Isso não me afetou.

—Ainda. Não tente isso. Por favor.

Era óbvio que suas palavras o incomodaram. Eles tinham o suficiente para lidar sem a adição de sua insanidade em cima de tudo.

—Tudo bem.

Aimery afastou-se para longe da parede e foi até a cachoeira. Inclinou a cabeça para trás e olhou a montanha.

—É meio-dia, eu acredito.

Ele teve que gritar devido ao barulho das quedas d'água, e Kyndra aproximou-se dele. Ele se sentia como se tivesse andado pela garganta um dia inteiro, não apenas parte dele.

— Então, o melhor é não perder mais tempo aqui.

— Eu concordo. — Ele se virou para ela. — Sacie sua sede. Devemos encontrar água na montanha, especialmente se seguirmos o fluxo do rio.

—Mas você não tem certeza. — Ela concluiu.

Eles compartilharam um sorriso e foram para o pequeno lago. Kyndra foi a primeiro a terminar de beber. Sentou-se e silenciou.

— Um... Aimery?

— Hmm?— Ele murmurou enquanto bebia.

— Lembra como você estava curioso sobre os guardas de Eldar?

Em um instante Aimery estava de pé, com a espada na mão, enquanto enfrentava os seis guardas.

— O que você está fazendo no Thav?— Exigiu um guarda.

Aimery levantou um ombro.

— Eu vim para ver Eldar. Tenho uma mensagem particular que ele vai querer ver.

— Dê-me a mensagem.

Kyndra lambeu os lábios e pôs a mão sobre sua espada. Ela pensava que os guardas os levariam para Eldar, mas, pela forma como agiram, pareciam querer uma luta.

— Como emissário do rei Theron do Reino Fae, eu exijo ver o Rei Eldar. — Aimery disse.

Kyndra caminhou até Aimery enquanto tirava sua espada.

— Por que você não disse desde o início?

— Eu queria ver o que eles fariam. — Aimery sussurrou. — Pelo menos não teremos que subir a montanha.

Ela sorriu.

— Estou mais preocupada em encontrar comida.

— Vou me certificar de que você seja alimentada.

E ela não tinha dúvida de que o faria.

Eles seguiram os guardas até o lado da cachoeira através de um caminho que estava escondido em meio à vegetação exuberante que crescera em torno da água. Era um contraste tão gritante do canyon, estéril, que Kyndra descobriu que se divertia. O rosa a deixava intrigada.

— Não temos tempo. — Aimery sussurrou em seu ouvido quando ele a pegou pelo braço e conduziu-a perto dele. — Depois que tudo isso

for resolvido, vou pedir a Eldar alguns dias para que você possa explorar a montanha.

Kyndra tinha estado por conta própria, tomava decisões por tanto tempo que parecia... Bom... Que Aimery se preocupasse com ela. Na Ordem, cada sacerdotisa era responsável por si e por todos os anciãos.

Ela rapidamente se acostumara à rotina, mas agora ela percebeu o que a irmã quis dizer quando disse a Kyndra o quanto era bom ter alguém para partilhar os encargos, alguém para ajudar a tomar decisões.

Na época, Kyndra pensou que sua irmã era fraca. Mas ela não era fraca, ela havia reconhecido uma vida isolada era solitária. Kyndra não era isolada. Ela tinha seus dragões e as outras sacerdotisas.

Aimery, no entanto, era diferente. Ele a fez pensar diferente, sentir diferente.

Ela deveria estar chocada e cuidadosa com esses sentimentos, mas ela refletiu que queria explorá-los mais.

O caminho levou-os a uma entrada na montanha. Tão logo entraram na montanha, o ar fresco os cercou. Tochas iluminavam o caminho, e o líder dos guardas levavam uma acima de sua cabeça também.

A mão de Aimery em seu braço era reconfortante, quente. Trouxe a sua mente, as mãos dele acariciando suas costas quando ele pressionou-a contra seu comprimento rígido. Kyndra engoliu quando seus mamilos endureceram.

—Você está bem?

A respiração de Aimery soprou em seu pescoço enquanto ele se inclinava próximo a ela. Seu calor distraia-a, fazendo-a pensar em coisas que ela era melhor não pensar.

— Eu só estou com frio.

Eles não falaram mais, e Kyndra forçou sua mente para longe das imagens de lambar o corpo de Aimery e acariciar seu peito. Mas as

chamas do desejo já a consumiam, fazendo seu sexo pulsar e dor em seus seios.

Aimery sabia que algo estava errado com Kyndra, mas a luz inadequada não lhe permitiu ver seu rosto como ele queria. Seu corpo estava rígido, e sua respiração se acelerou. Talvez ela tivesse medo de espaços fechados. O pensamento de Kyndra aterrorizada o deixou com o desejo de envolver seus braços em torno dela, segurá-la perto de seu corpo e dizer-lhe que tudo ficaria bem.

— Aqui! — Disse um guarda.

Aimery guiou Kyndra no elevador. Ele olhou para cima para ver as cordas desaparecerem na escuridão, tão alto era. Uma placa de ligação de cada lado do elevador era a única coisa que os separava do vazio abaixo deles.

Kyndra se inclinou na placa e olhou para o lado.

— Até onde isso vai?

— Muito, muito longe. — Um guarda respondeu. — Cuidado para não cair.

Ela se endireitou e ergueu as sobrancelhas.

— E estas cordas... Que seguram este... Pedaco de madeira... Com todos nós, é suposto que nos leve ao topo. Sem quebrar.

O guarda acenou com a cabeça.

— Nós usamos isso há anos.

Aimery sorriu e virou o rosto para que Kyndra não pudesse vê-lo. O elevador assustava, ele não podia culpá-la. A madeira era mole em alguns lugares, a placa que estava em torno dos lados não lhe dava a sensação de estar segura. Cair nunca o tinha assustado até agora.

Ele se aproximou de Kyndra para que ele pudesse agarrá-la se ela caísse. Ela agarrou as placas, os nós dos dedos brancos enquanto o elevador rangia em movimento. Aimery deveria estar pensando no que iria dizer a Eldar, mas sua mente estava em Kyndra com uma fome que crescia ainda mais por estar com ela.

Quando ele flagrou os guardas olhando para ela com luxúria em seus olhos, tudo o que podia fazer era não esmagar os seus rostos. Kyndra não era para eles.

*Ela não é para você também.*

Era um fato que ele conhecia suficientemente bem, mas poderia fantasiar. Ele fazia isso desde antes de seu primeiro beijo. E depois do beijo, depois que ele a havia provado, suas fantasias só aumentaram.

Não, Kyndra tinha escolhido os dragões. Ele não poderia colocá-la em uma posição onde teria que escolher entre ele ou seus votos, porque sabia que, embora ela tenha gostado de seu beijo, ele não tinha chance contra um dragão.

Ele não podia negar que, se ela desse uma dica de querê-lo, ele iria jogar a precaução ao vento e fazer amor com ela até que ambos estivessem exaustos demais para se mover.

Seus dedos roçaram sua perna, o que causou um olhar para sua mão. Ela aproximou-se dele, como se buscasse sua proteção. Ele poderia prometer manter sua segurança, mas sem seus poderes, seu voto não era nada mais do que palavras.

Ele lhe tinha dito anteriormente que não falasse sobre a perda de seus poderes, porque isso o tinha afetado mais do que gostaria. Tudo o que ele conseguia pensar era que seria muito mais fácil proteger Kyndra com sua magia. Ele sentiu a perda de sua magia, como um chute em suas bolas. E ele odiava.

Kyndra, no entanto, pareceu se adaptar bem. Houve momentos em que ele fechou as mãos quando ela comparou sua situação à forma como seria se tivesse sua magia. No entanto, ela nunca reclamou. Até agora, ela manteve a cabeça fria. Aimery não achava que poderia dizer o mesmo. Com o desejo por ela queimando seu sangue e a frustração da perda da magia, ele estava desarrumado na borda esfarrapada. Não é um bom lugar para estar na sua situação presente.

—Ele nunca vai chegar ao fim?— Kyndra sussurrou.

— Em breve.

Com suas sobrancelhas franzidas, e o medo do elevador esquecido, ela colocou a mão em seu peito enquanto o encarava.

—Você está bem?

*Não!*

—Sim.

Ela levantou-se na ponta dos pés até que sua boca estava perto de sua orelha. Aimery reprimiu um gemido e lutou para manter suas mãos ao seu lado em vez de envolvê-las em torno dela.

— É a magia, não é? Eu preciso de você, Aimery. Eu não posso fazer isso sozinha.

Ele apertou sua mandíbula e soprou em seu perfume de jasmim e luz solar. Quando ele entreabriu os lábios para responder a ela, ele vislumbrou um dos guardas dando-lhe um olhar compreensivo. Algo em Aimery agarrou. Ele deu um passo em direção ao guarda, fazendo com que o elevador batesse na rocha e Kyndra gritasse de medo.

—Acalme-se, Fae. — Disse o guarda.

Aimery inclinou-se até que ele estava cara a cara com o homem.

—Não olhe para ela novamente. Você me entendeu?

O guarda acenou com a cabeça, e Aimery voltou ao seu lugar ao lado Kyndra.

— O que foi aquilo? — Ela exigiu enquanto olhava do guarda para Aimery.

O olhar de Aimery encontrou com o de guarda antes de virar-se para ela.

—Um pequeno conflito já resolvido.

Ela revirou os olhos e se afastou dele, mas manteve a mão perto dele. Um pequeno suspiro escapou de seus lábios entreabertos quando o elevador começou a desacelerar. Aimery desviou o olhar daqueles lábios rechonchudos que imaginava deslizando sobre seu pênis. Sua vara inchou com uma fome que só Kyndra poderia extinguir uma fome que crescia a cada batida de seu coração.

—Chegamos. — Disse outro guarda.

O elevador parou e Aimery olhou para o enorme corredor diante dele, em chamas pela luz de candelabros pendurados no teto e nas paredes. Gigantes tapeçarias de cores vivas revestiam as paredes, algumas das melhores obras de arte que Aimery já tinha visto. De tudo o que tinha imaginado ser o castelo Eldar, este certamente não era como tal.

Ele saiu do elevador e estendeu a mão para Kyndra. Uma vez que ela estava ao lado dele, ele ouviu seu suspiro quando ela viu o esplendor.

Eles haviam chegado ao castelo de Eldar.

## Capítulo Onze

Kyndra descansava em uma grande banheira. Não era tão boa quanto a que ela usava em seu reino, mas era um banho com água quente, o que era suficiente para ela. Tinha lavado a areia e o suor de seu corpo três vezes e lavou o cabelo quatro vezes.

Ela sorriu ao pensar em Aimery. Ele tinha se indignado por Eldar não tê-los visto imediatamente. A única coisa que acalmou Aimery foi à promessa de Eldar de que iria vê-los em poucas horas.

Tinha sido o suficiente para ela. O pensamento de um quarto para si mesma com comida e um banho fora tudo o que ela precisava ouvir. No entanto, quando Aimery tinha descoberto que seus quartos não estavam próximos um do outro, ela pensou que teria de contê-lo sozinha.

O que tinha acontecido com ele para chegar à cara do guarda, e rosnar para o homem? Kyndra provavelmente nunca saberia. O que ela sabia era que Aimery não estava lidando bem com a perda de sua magia. Ele havia escondido bem, mas ela sabia.

Ela sabia por que se sentia sozinha.

Seria tão fácil ceder ao medo e raiva da perda, mas não podia. Ela lutava contra ela a todo o momento. Deveria ter escutado Lugus melhor, tomado a sério suas palavras de cautela e controle. Tudo o que tinha agora era Aimery. O pensamento de perdê-lo a deixava ofegante.

—Kyndra.

Ela ficou ereta ao som de sua voz no corredor.

—Eu estou aqui.

Antes que ela pudesse dizer-lhe que estava no banho, a porta de seu quarto se abriu e ele entrou. Ela esqueceu tudo sobre sua nudez quando olhou para ele. Ele vestia uma túnica preta, acentuada por fios creme e calças pretas que moldavam suas pernas musculosas. Sua mão estava no punho da sua adaga, e ela vislumbrou o punho da sua espada sobre seu ombro. Seu cabelo caía solto sobre os ombros, às pontas ainda úmidas.

Em seguida, seus olhares se encontraram. A fome gritante que brilhava em seus olhos fez seu coração saltar uma batida e seu estômago vibrar. Ela agarrou a banheira e começou a subir antes que ela fosse ciente do que fazia. No último momento, ela parou desejosa, pela primeira vez desde que tinha se tornado uma sacerdotisa, que ela não fosse submetida pelo seu votos.

Ela queria tocar, Aimery, beijá-lo, acariciá-lo. Amá-lo. Ela queria sentir o seu comprimento duro contra ela, para saber qual era a sensação de tê-lo deitado sobre ela, enfiando dentro dela.

—Eu queria ter a certeza que você estava bem, que Eldar tratou-a bem.

Kyndra sorriu por suas palavras. Ele sempre pensava nela.

—Sim. Eu já saciei minha fome e comi algo a mais. Vejo que você tem roupas novas.

Ele fez uma careta e encolheu os ombros.

—Eu saí do meu banho e vi que minhas roupas se sumiram e foram substituídas por estas.

— Eles deixaram suas armas, pelo menos.

— Sim. — Ele se encaminhou para sua cama e riu. —Parece que você vai vestir algo novo também.

Kyndra sentou-se na água, deixando-a cobrir os seios. Ela deveria ter vergonha da presença de Aimery enquanto se banhava, mas a fez se sentir decadente e excitada.

—Eu admito que seja estranho vê-lo vestir qualquer coisa que não seja azul, prata e branco.

—Você não gosta do preto?

Ela gostou muito. Muito.

— Fica bem em você.

Ele olhou para a cama.

— Eu mal posso esperar para vê-la neste vestido.

—De que cor é?

Parte dela tinha a esperança de que fosse negro também. Ela nunca tinha usado uma cor. Para um Fae, preto significava o mal e a

morte. No entanto, vê-lo em Aimery, observando como a túnica atravessava seu peito e braços grossos fez apreciar a tonalidade de novo.

—Você vai ver.

A água começou a esfriar, mas ela estava hesitante em sair com Aimery em seu quarto. No entanto, ela não queria que ele saísse. Como tinha se tornado tão confusa ela não tinha certeza. Aimery virou-se sobre ela, deixando-a desorientada até que se esqueceu de tudo menos dele.

Antes que ela mudasse de ideia, levantou-se e estendeu a mão para a toalha. Ela estava muito envergonhada de encontrar o olhar dele, mas sentiu seus olhos sobre ela. Enrolou a toalha em volta de si e caminhou até a cama e até o vestido que esperava por ela.

—Creme. — Disse ela e tocou o material macio. O vestido era simples em sua elegância e diferente de qualquer coisa que ela tenha usado.

—Eu gosto dele.

—Eu quero ver você nele.

O coaxar das palavras duras de Aimery atraiu seu olhar para ele. Se ela tivesse pensado que antes seu olhar queimava, ela poderia pegar fogo agora. Não havia dúvida de que a queria. Como ela desejava que ele a levasse em seus braços e a beijasse novamente. Ela o queria com um desespero que a assustava.

Mas ela não queria ter que escolher.

Se ele tomasse a iniciativa, ela sempre poderia dizer que tinha sido a perda de sua magia que a fez voltar-se para ele. Embora soubesse que não seria justo com Aimery, era a única maneira que poderia ter o que queria.

Ele caminhou até ela e levantou uma mecha de cabelo molhado que caía em seu ombro. Ele se inclinou na direção dela, com a boca perto de seu ouvido.

—Não vá a lugar nenhum sem mim. — Ele sussurrou. — Eu não confio em Eldar.

Ela se esqueceu de respirar quando ele aproximou a cabeça até que suas bocas estavam a uma respiração de distância. Tudo o que tinha que fazer era se inclinar para frente a fim de tocar seus lábios com os dela, para sentir novamente a emoção do seu beijo, do jeito que ele fez seu corpo pulsar com desejo.

Mas ela não poderia fazê-lo.

— Eu estarei fora do quarto. — Disse ele antes de virar as costas e sair.

Kyndra esperou até que a porta se fechou atrás dele antes de soltar a respiração que segurava. Se alguma vez houve alguém que pudesse fazê-la jogar fora tudo pelo que ela havia trabalhado, era Aimery.

Todos os Fae eram criaturas sensuais, mas Aimery trazia em si uma essência de selvageria, uma faixa de insegurança que a atraía em um nível que ela nunca tinha experimentado antes. E, oh, como ela queria experimentar mais da emoção que a percorria sempre que ele estava próximo.

Com um suspiro de pesar, Kyndra deixou cair à toalha e pegou suas roupas novas.

\*\*\*\*\*

Aimery encostou a cabeça contra a porta do quarto de Kyndra e xingou-se de dez tipos de tolo. Que tipo de idiota ficava no quarto enquanto ela tomava banho? Era uma tentação que não precisava, mas que não podia ignorar. Cada fibra do seu ser lhe dizia para ir embora, mas sua mente não poderia fazer seu corpo funcionar.

Em vez disso, ele havia absorvido a sua beleza. Seu cabelo estava penteado contra a cabeça da recém-lavada, e gotas de água agarrava-se a sua pele como ele tanto desejava fazer.

Quando ela tinha saído da banheira, o vislumbre de seu corpo o fez quebrar em um suor frio.

Seios maduros e fartos inclinavam-se a uma cintura estreita e se alargavam para seus quadris finalizando em suas pernas longas e deliciosas as quais ele queria enroladas em sua cintura enquanto ele enterrava seu pau dentro dela.

Ela o surpreendera por sair de seu banho, e poucas pessoas faziam isso.

Ele precisava dizer a ela para permanecer ao lado dele, para ter cuidado, mas quando ele sussurrou em seu ouvido, cheirou seu perfume de jasmim e sol, e todo o pensamento fugiu. Então, ela encontrou o seu olhar, sua seus lábios entreabertos.

Ela queria o seu beijo. Disso ele estava certo. No entanto, ele não poderia fazê-lo. Sabia, no fundo de sua alma, que se ele tomasse Kyndra, nunca poderia deixá-la ir. E se ela o aceitasse, seria apenas por um momento no tempo.

Um ou outro poderia ser prejudicado se desse vazão ao desejo. É por isso que ele pretendia ficar forte e resistir a ela.

Aimery suspirou e forçou a sua atenção para longe de Kyndra a fim de pensar em Eldar. Ele tinha conseguido esconder a missiva de Theron com as suas armas que ele manteve por perto enquanto se banhava. Era capaz que Eldar tentasse tirar as suas armas também. Eles estavam tão perto de ganhar uma grande vantagem sobre Isran que Aimery mal podia se conter. Corroia-lhe a espera para falar com Eldar. Todo aquele tempo perdido, quando poderiam estar preparando o castelo.

Ele caminhou pelo corredor em frente ao quarto de Kyndra. Pelo menos ele conseguiu que seus quartos ficassem perto um do outro. Eldar queria todo o castelo entre ele e Kyndra, mas Aimery recusou.

O tempo passava a passo de caracol até que a porta de Kyndra se abriu e ela saiu.

Aimery foi atingido novamente pela forma como ela estava deslumbrante. Seus cachos escuros, sem adornos, flutuavam sobre os ombros. O vestido creme pendia até os chinelos e abraçava-a como uma moldura fina. O tecido foi recolhido em seus ombros e unido por faixas

de ouro. A frente envolvia graciosamente a sua frente, dando uma dica de seus seios inchados.

Ele sorriu e acenou para frente. Em seguida, parou em seu caminho quando ele olhou para a parte de trás do vestido. Ela virou a cabeça para olhar para ele por cima do ombro, e suas bolas apertaram.

O vestido descobriu-a por trás com o tecido drapejado abaixo da cintura, dando a qualquer um o que parecia ser um vislumbre de seu quadril.

—Não é lindo?— Ela perguntou e se virou. —Eu me sinto... Ímpia.

Ela parecia boa o suficiente para comer. Aimery lambeu os lábios.

—Ninguém será capaz de tirar os olhos de você.

—Só por causa do que eu visto?

—Se você sabe ou não, os homens te veem. Nesse vestido, eles vão te devorar.

Ela inclinou a cabeça para o lado e o encarou.

—Alguma mulher já teve tal poder sobre você antes?

*Só você.*

—Não.

—Talvez ele vá nos ajudar a convencer Eldar.

Aimery grunhiu e caminhou até ela.

—Só se você quiser se tornar sua concubina.

Ela estremeceu e passou a andar ao lado dele.

—Eu prefiro não.

—Eu não penso assim. Apenas certifique-se que estamos sempre juntos. Não deixe o seu quarto com ninguém além de mim.

— Eu sou uma guerreira, Aimery. Posso cuidar de mim mesma.

—Você não viu o que fazem com as mulheres que tomam em cativeiro, Kyndra. Se eles quiserem uma mulher, se ela quer ir ou não, eles vão tê-la.

Seus passos vacilaram.

—Devo esperar no meu quarto?

—Não. — Aimery firmou-a com uma mão em suas costas. Assim que tocou sua pele nua, desejou não tê-lo feito. Sua pele era macia,

quente, e ele queria sentir mais dela. —Aconteça o que acontecer, fique comigo.

— Eu não tenho as minhas armas. Sequer pensei nisso.

—Isso é o que Eldar queria que você fizesse. Poucas mulheres podem recusar-se a usar um lindo vestido, mesmo aquele em que, usar suas armas seja impossível. Se ele nos atacar, eu vou atirar-lhe uma das minhas. Fique atenta.

Ela assentiu com a cabeça.

— Aonde vamos?

—Para o grande salão. Ficaremos lá até Eldar nos convocar.

A música que tinham ouvido sussurrando através do castelo ficava mais alta quanto mais próximo do grande salão se aventuraram. Guardas foram colocados em cada entrada, e Aimery tinha certeza que se ele tentasse ir a qualquer lugar exceto o grande salão, seria interceptado.

Ele e Kyndra seguiram pelos corredores até vários lances de escada e depois outro corredor.

A batida da música enchia o castelo, ecoando nas pedras. A música era suave, erótica, enquanto escorria sobre ele.

—Aimery. — Kyndra murmurou quando se inclinou contra ele. — A música. Tem magia.

—Eu sei— Ele parou antes de entrar no grande salão. —Tenha cuidado, Kyndra. Por mim.

Ela se movia com a música antes de ela se levantar na ponta dos pés e colocar os lábios contra os dele.

—Estou feliz por você estar comigo.

## Capítulo Doze

Aimery deslizou-se ainda, a sensação de curvas suaves Kyndra roçarem contra ele era o pior tipo de tortura. Ela terminou o beijo com um sorriso sedutor antes de virar as costas para ele. Seu olhar demorou sobre a parte baixa de suas costas, onde o material creme de seu vestido se movia contra sua pele, atormentando-o, instando-o a friccionar os dedos contra o local.

Ele respirou calmamente e seguiu Kyndra no grande salão e na direção das longas filas de mesas. Felizmente, ela sentou-se perto do final, deixando o último assento para ele. Ele deslizou para o banco e olhou para a abundância de alimentos que cobria a mesa. De javali inteiro assado, diversas aves, batatas cozidas e frutas, repolho e pão, era um banquete para um rei.

Kyndra lambeu os lábios.

—Eu pensei que eu estivesse cheia, mas achei o cheiro divino.

Aimery teve de admitir que a comida cheirava deliciosamente, e ele não podia esperar para pegar um pedaço do javali. A magia o embalava, levando suas preocupações embora. Ele lutava contra ela e, quando isso não funcionava, tudo o que tinha a fazer era olhar para Kyndra.

Ela sorriu para ele, seus olhos azuis espiralados com as pálpebras pesadas enquanto ela balançava em sua cadeira. Uma mecha de cabelo caiu sobre o olho, o cacho parou perto de seus lábios. Aimery enfiou a cabelo que caiu atrás da orelha e deixou os dedos tocar a pele lisa de sua mandíbula.

—Dança comigo. — Ela sussurrou.

Aimery balançou a cabeça. Ele não ousava segurá-la em seus braços. A música era muito erótica, a tentação demasiadamente grande para ser ignorada. Seu pênis pulsava com a necessidade, implorando-lhe para tomar Kyndra. Ele não iria permitir que eles fossem colocados em uma situação

—Por favor, Aimery. Eu não posso lutar contra a música.

Pela forma como os outros homens olhavam-na, Aimery sabia que se ele não dançasse com ela, alguém o faria. Não havia nenhuma maneira que ele permitisse que qualquer outro homem a tocasse. Não sua Kyndra.

—Uma dança.

Seus olhos brilhavam quando ela sorriu.

—Uma dança.

Aimery se levantou e estendeu a mão. Assim que Kyndra colocou a palma da mão na sua, calor atravessou seu braço e rodeou de seu corpo. A música era lenta, constante, a batida dos tambores rítmica e cativante. As notas de uma flauta flutuaram pelo ar e acompanhadas por obsessivas cordas de um violino.

Ele estendeu as mãos e gemeu quando o corpo do Kyndra pressionou contra o dele. A sensação de seus seios fartos fez suas bolas apertarem-se, mas eram os lábios entreabertos e as pálpebras fechadas que o agarrou em seu feitiço.

Seus corpos balançavam como um só, como uma oferta da sedutora e erótica música. Mágica fluía sobre eles, entre eles... Por eles.

Aimery podia sentir suas defesas desmoronarem. As mãos estendidas sobre o dorso nu de Kyndra, sua pele chamando-o a tocar mais, tomar mais. Ele acariciou a parte baixa sua coluna com o dedo, parando um pouco abaixo das nádegas. Ela estremeceu e soltou um gemido ofegante. Ele puxou-a contra ele e enterrou a cabeça no pescoço dela, inalando seu perfume doce.

Seu coração batia forte. Seu sangue fervia. Suas mãos tremiam com o esforço para não rasgar o vestido de seu corpo e colocá-la sobre a mesa para que pudesse mergulhar dentro dela, independentemente do salão estar lotado e dos olhos que os assistiam. Como ele queria sentir seu aperto em torno de sua vara, ao ouvi-la gritar a sua liberação. Ele não se preocupava com nada, além dela, Kyndra, a mulher que havia invadido sua mente.

—Beije-me. — Os lábios dela provocaram sua orelha. —Eu quero provar você novamente.

Seria tão fácil ceder, tomar o que ela oferecia. Mas ele não podia. Ele lutou contra a magia e a música e soltou os braços de Kyndra. Quando ele se afastou dela, suas sobrancelhas franziram.

—Aimery?

—Eu não posso.

Mas ele sabia o que ela faria. Se ele a tomasse, alegraria a sua virgindade, seus votos seriam abandonados. Tudo pelo que ela tinha se esforçado para com os dragões teria desaparecido. Ela iria odiá-lo, e em seguida, odiaria apenas a visão dele.

—Você quer isso agora, mas só por causa da magia.

Ela balançou a cabeça, seus cachos escuros capturaram a luz das tochas.

—Você não entende.

— Eu entendo. Por favor, Kyndra. Eu estou me segurando por um fio.

E esse fio seria rapidamente desfeito.

Ele tinha que fugir dela, deixar a música. Precisava de tempo para obter a sua mente e corpo de volta sob controle.

—Eu estarei de volta. — Disse ele e virou as costas.

Kyndra assistiu Aimery deixá-la com o coração apertado. Ela finalmente tomou a decisão de ceder aos seus desejos, e Aimery não a queria. Pelo menos ele disse que não queria, mas ela sentiu a sua vara, dura e grossa, contra ela.

Seja o que for que o futuro reservava para ela, sabia de uma coisa com certeza: tinha que ter Aimery. Nunca iria se perdoar se não provasse a tentação que ele oferecia. Sem outro pensamento, ela levantou a saia e correu atrás dele.

Depois de atravessar as portas duplas, ela parou e olhou primeiro um lado do corredor, então o outro. Foi apenas por acaso que ela viu a sombra de um movimento. Ela soube imediatamente que era Aimery. Kyndra ergueu o queixo e seguiu-o.

Ele vagou sem rumo, sem saber que ela estava atrás dele. Muitas vezes ele parava e espalmava suas mãos contra a parede, a cabeça

inclinada para frente como se o peso dos reinos repousasse sobre os ombros.

Lágrimas picavam seus olhos quando ela o ouviu sussurrar o nome dela. Ela não aguentou mais. Seus pés não fizeram som algum quando se aproximou dele. Quando estava a poucos passos, ele ergueu sua cabeça e os olhares se encontraram.

— O que você faz aqui? — Ele exigiu tão logo se endireitou.

— O que eu deveria ter feito antes.

Kyndra caminhou para ele e levantou-se na ponta dos pés enquanto seus braços deslizaram em volta do pescoço. As mãos dele seguraram seus braços.

—Kyndra. Não.

— Aimery, estou cansada de lutar contra esse desejo de você. Eu sei o que você tenta fazer, mas quero isso. Quero isso mais do que qualquer outra coisa nos reinos. Por favor. Faça amor comigo.

Era como se suas palavras tivessem estourado através das paredes. Seus braços a envolveram com força, moldou-a ao seu corpo enquanto sua boca se inclinava sobre a dela. Novamente e novamente ele a beijou até ela estava ofegante e dolorosa por mais. Ele se afastou e pegou a mão dela.

—Não aqui.

Kyndra piscou o olhar embaçado pelo desejo. Ela conseguiu levantar suas saias antes de tropeçar nelas, quando Aimery puxou-a para seu quarto. Excitação reunia-se em sua barriga, fazendo seu coração bater mais rápido.

Ele pisou duro e fechou a porta antes de se virar para ela.

—Última chance.

Ela poderia dizer todas as palavras certas, e ainda assim ele não iria acreditar nela. Havia apenas uma coisa que ela sabia que poderia fazer para provar a ele o que realmente queria. Ela estendeu as mãos sobre os ombros e soltou o fecho de ouro. Seu vestido escorregou aos seus pés, deixando-a completamente nua.

Ele rosnou e em dois passos a teve em seus braços. Kyndra não conseguia o suficiente de seus beijos. Suas mãos arrancaram a sua túnica, ansiosa por sentir sua pele contra a dela. Aimery pausou o longo beijo o suficiente para sacudir a sua túnica e lançá-la ao chão.

Antes que ele pudesse reivindicar sua boca novamente, Kyndra se ajoelhou a seus pés e tirou as botas.

Ela olhou para ele e se pôs de joelhos. Sua mão correu ao longo do comprimento de sua haste, sentindo o calor através de suas calças. Sua respiração acelerou, e seus olhos escureceram. Seus dedos se atrapalharam enquanto ela tentava desamarrar as calças.

Suas mãos cobriam as dela, acalmando-as com seus dedos. Lentamente, ele a colocou de pé. Kyndra espalmou suas mãos contra seu peito enquanto os dedos dele acariciavam suas laterais. A fome em seu olhar só atiçou as chamas do seu desejo. Seus olhos se fecharam quando ele acomodou as mãos em concha de cada lado do rosto dela.

—Tão bela. — Ele sussurrou. —Dói só de olhar para você.

Ele beijou o seu queixo, bochecha antes de colocar seus lábios nos dela. Sua língua brincou e lambeu os lábios. Ela queria um profundo beijo, mas ele se afastou. Temendo que ele pudesse ter mudado de ideia, os olhos de Kyndra abriram-se para encontrá-lo tirando os calções. Seus lábios se separaram em reverência enquanto olhava para seu pau que já estava livre.

Ela queria tocá-lo, para aprender cada centímetro dele. Mas quando ela deu um passo em sua direção, Aimery apertou as mãos na sua. Suas costas bateram na madeira da porta quando ele levantou os braços acima da cabeça, entrelaçando os dedos.

—Eu estou sonhando. — Disse ele.

— Não. Isso é real.

Todas as palavras mais foram interrompidas quando ele friccionou os quadris contra ela. A sensação de sua vara contra ela, livre de qualquer roupa, era mais deliciosa do que poderia ter imaginado. Ele inclinou sua boca sobre a dela, levando-a em um beijo que gritava uma necessidade e uma fome insaciável.

Seus joelhos se dobraram pela força do zumbido de seu desejo, mas Aimery foi rápido em pegá-la. Ele levantou-a nos braços e levou-a para a cama. Ela o encarou desejosa que a noite nunca terminasse.

Os lençóis frescos admitiram sua pele aquecida. Vagamente, ela ouviu os acordes baixos da música, como se a lembrasse de sua força inebriante. Os cabelos louros de Aimery caíram nos seus seios quando ele se inclinou sobre ela. Kyndra mergulhou as mãos na massa sedosa e suspirou.

O primeiro toque de suas mãos em seus seios provocou seu suspiro. Quando ele circulou os mamilos doloridos com o polegar, aumentou seu prazer, ela gemeu, implorando por mais. E então seus lábios se fecharam ao longo de um broto minúsculo.

Um grito sufocado de êxtase escapou por seus lábios. Enquanto sua língua e boca amamentavam um mamilo, seus dedos provocavam e agitavam o outro. O pulsar de seu sexo se intensificava, levando-a a buscar mais. Ela moveu os quadris, uma tortura para ele. A explosão de prazer que o movimento causava levavam-na a fazê-lo novamente e novamente, cada vez que o prazer latejante crescia, consumindo-a.

Aimery estava no céu. O corpo bonito e macio de Kyndra estava debaixo dele, seus gemidos de êxtase tocavam seus ouvidos. Ele passou de um mamilo ao outro, banqueteadando-se com a oferta de sua carne deliciosa. Cada vez que ela erguia os quadris para ele, ele lutava para não afundar em seu calor. Ela era tudo o que ele sempre quis, mas nunca se atreveu a sonhar. Ele queria que a primeira vez dela fosse algo que ela nunca iria esquecer algo que ela poderia olhar para trás com carinho, ainda que o desprezasse. Pois Aimery sabia, que apesar de suas palavras, ela iria odiá-lo.

Ele teria esta noite para reviver em seus sonhos para o resto de sua vida. E tinha a intenção de torná-la uma noite que nunca seria esquecida.

Aimery passou a mão sobre a barriga plana para o largo suave dos quadris. Seus dedos separaram os cachos escuros de seu sexo

antes que de acariciar a carne sensível. Ela gemeu quando o dedo tocou sua pérola, e ele sorriu.

Ele olhou-a e viu seus olhos fechados e os lábios entreabertos. Seu pulso batia descontroladamente no pescoço, enquanto seu peito subia e descia rapidamente. Ele gemeu quando sentiu o quanto ela estava molhada e escorregou um dedo dentro dela.

Seu pênis saltou quando ela arqueou as costas e sussurrou seu nome. Seus braços caíram para o lado dela e ela esmagou o cobertor em suas mãos. O sangue de Aimery ressoava em seus ouvidos enquanto ele lutava contra a onda de desejo. Ele beijou o local entre os seus seios, lambeu-lhe o estômago e beliscou seu umbigo. Ela assobiou num fôlego.

Aimery estabeleceu-se entre as pernas dela e beijou primeiro um quadril, em seguida, o outro antes que de fixar sua atenção em seu sexo. Ela abriu as pernas para ele quando ele empurrou-as mais amplamente. Ele passou a língua ao longo do seu sexo, saboreando-a, enquanto brincava com sua pérola.

Ela gritou, arqueando as costas novamente. Cada reação enviava o seu sangue ardente através dele, fazendo a fome crescer até que ficou cego. Ele não sabia quanto tempo poderia segurar antes de levá-la.

Ele moveu sua língua sobre sua pérola com a menor de toques enquanto beliscava seu mamilo. Ela gritou o seu nome e moveu a cabeça para trás e para frente.

—Aimery, por favor. Eu preciso de você.

Ele não podia ignorar o apelo mais do que ele poderia ignorar o seu próprio coração. Ele subiu sobre ela, seu pênis deslizou contra seu sexo. Ela agarrou suas costas e voltou seu olhar.

—Agora, Aimery. — Disse ela e puxou-o em sua direção.

Ele apertou sua mandíbula quando ele deslizou em seu calor úmido. Ele tentou se mover devagar, para que ela se acostumassem a ele antes que dele violar sua virgindade, mas ela tinha suas próprias ideias. Enrolou as pernas em torno dele e cavou os calcanhares em suas nádegas. Cada vez que ele mergulhava, ela levantava os quadris e

aceitou seus impulsos. Ele empurrou através de sua barreira antes que estivesse pronto, e então acalmou instantaneamente.

O único sinal que ela deu foi uma pequena ingestão de ar, em seguida, ela sorriu para ele.

—Não pare. É uma sensação muito boa.

Aimery se inclinou e beijou-a quando ele começou a se mover, com golpes longos, lentos. Podia sentir seu clímax construir rapidamente, mas ele se recusou a alcançar o topo sem ela. Ele aumentou o seu tempo, seus corpos brilhando de suor.

De repente, ela sussurrou o nome dele e alcançou o seu orgasmo como ela afirmou. Aimery continuou a pressão, querendo prolongar o seu prazer, enquanto podia, mas a sensação de seu apertamento em torno dele lhe enviou a borda. Ele jogou a cabeça para trás e deu um impulso final que sepultou até a raiz.

A sensação dos braços de Kyndra a envolvê-lo quando ele derramou sua semente dentro dela seria uma lembrança que ele jamais esqueceria.

## Capítulo Treze

Kyndra adorava a sensação do peso de Aimery sobre ela. Ainda estava dentro dela, pulsando. E ela se deliciava com isso. Suas pálpebras tenderam a se fechar, mas ela lutou contra o sono. Ela queria tocá-lo como ele a havia tocado, para aprender o que lhe agradava, o que o fazia gritar de prazer.

E ela o queria dentro dela novamente.

Ele deslizou para fora dela e rolou de costas, puxando-a sobre ele. Ela aninhou-se contra ele, a cabeça em seu peito. Não conseguia parar de sorrir. Nunca se sentiu tão maravilhosa, e ela se perguntava como tanto tempo se passou sem que ela experimentasse tal felicidade.

Agora que ela o fizera, no entanto, não havia como voltar atrás.

Ela correu os dedos sobre os vales e cumes de seu peito, maravilhando-se em sua forma magnífica. O braço em volta dela alisou o cabelo afastando-o do seu rosto. Seu coração derrapou por esse simples gesto.

—Você não está cansada?

Ela sorriu e inclinou seu rosto até que olhou em seus olhos.

—Um pouco.

—Eu obviamente não a desgastei o suficiente.

O brilho provocante nos olhos dele fez vibrar estômago.

—Você não acabou por esta noite, não foi?

—Só começando. Eu estava apenas dando-lhe algum descanso.

—Eu não quero descansar esta noite.

Sua testa franziu por um momento.

—O que você quer Kyndra?

—Eu já lhe disse. — Ela levantou-se até que seu rosto estava no mesmo nível que o seu. —Você é tudo que eu quero.

A vulnerabilidade que viu em seu olhar vacilou o batimento cardíaco. Ela não queria que o que tinha acontecido entre eles fosse apenas por uma noite, mas ela tinha assumido que seria assim. Será

que ele queria mais? Suas mãos se colocaram em ambos os lados de seu rosto, alisando os cabelos para trás.

—Kyndra.

Ela colocou um dedo sobre seus lábios.

—Shh. Sem mais conversa.

Ela não ia permitir que ele se arrependesse do que tinham feito. Ela era a única que tinha empurrado essa união, e não se arrependeu. Não agora não, nunca. Tinha sido uma das melhores decisões da sua vida, mesmo que a fizesse arruinar suas chances de ser a Alta Sacerdotisa. O que ela recebeu em retribuição superava isso.

No entanto, não havia como negar que ela perderia os dragões.

—Precisamos conversar. — Argumentou Aimery.

—Agora não. Mais tarde.

—Pode não existir um mais tarde. —Ela beijou-o, esperando que ele parasse suas palavras. Em vez disso, ele agarrou seu ombro. — Kyndra, estou falando sério.

Ela se sentou encostada em sua perna que ela apoiara.

—Eu sei como você se sente. O que você quer me dizer? Que você se arrependeu?

—Não.

—Então o quê?

—Eu não acho que você percebeu o que fez.

Mas ela sabia.

—Eu faço.

Ele balançou a cabeça.

— Possivelmente você não percebeu, não agora. Depois que voltarmos para o nosso reino...

—Se voltarmos.

—Kyndra... — Ele fechou os olhos e engoliu. Quando ele olhou para ela novamente, ela viu sua angústia e sua determinação. —Eu sou responsável por sua vida.

—Eu não sou um de seus homens. Sou a única responsável pela minha vida, Aimery. Estamos juntos nisso.

Ele colocou seu rosto e abriu a boca como se quisesse dizer mais.

—A magia dos dragões poderiam ter sido tirado de nós, mas você me deu um tipo diferente de magia, uma magia que eu não sabia existir. — Ela correu um dedo ao longo de sua vara flácida e envolveu-lhe com a mão.

—Isto é o que você faz comigo. — Disse ele.

Era um poder que ela nunca havia experimentado antes, e não estava prestes a deixá-lo ir sem explorar mais disso. Ela se inclinou para lamber e beijar no peito, enquanto sua mão explorou seu comprimento. Ele cresceu ainda mais, mais duro a cada golpe de sua mão. Apenas tocar não era o suficiente. Ela queria vê-lo, saboreá-lo.

Kyndra moveu-se entre suas pernas. Ela ergueu sua visão para encontrá-lo a olhá-la. A fome em seus olhos estimulava o seu desejo. Ele apontou em sua mão, e ela olhou para baixo para encontrar a cabeça inchada e roxa. Ele estava quente e suave, deliciosamente duro. Seu sexo latejava ansioso para enchê-la novamente, senti-lo empurrando forte e rápido nela.

Ela engoliu uma onda de desejo e apertou as pernas juntas. Um choque de prazer atravessou-a. Ela se abaixou e lambeu a cabeça de sua vara, provando-se sobre ele. Ele gemeu e cerrou os punhos.

Kyndra separou os lábios e levou-o em sua boca. Ele soprou o nome dela, seu olhar bloqueado com a dela, enquanto ela corria os lábios para cima e para baixo de seu comprimento, tomando-o mais profundo de cada vez. Seu olhar escureceu com o desejo, incitando-a. Ela segurou seu saco e rolou-os na mão.

Seus braços tencionaram quando ele apertou os cobertores, como se o que ela fizesse o impedisse de se mover. Kyndra gostou do sabor dele, a sensação dele em suas mãos. Seus quadris começaram a se mover ao mesmo tempo em que ela. Ele estava se aproximando rapidamente de seu clímax, e ela vibrava com o fato de que ela poderia levá-lo a alcançá-lo.

A próxima coisa que ela soube foi que Aimery a reteve e ergueu-a longe dele. Plantou-a em suas mãos e joelhos. Kyndra tentou se virar, mas ele parou-a com uma mão nas costas dela.

—Você me trouxe para o topo. É a minha vez.

Kyndra ofegou quando ele deslizou por trás dela. Seu corpo se esticou para acomodar seu comprimento enquanto seus braços envolviam sua cintura, e ele bombeou dentro dela. Ela olhou por cima do ombro para ele, querendo dizer-lhe o quão maravilhoso se sentia. Em vez disso, seus lábios encontraram os dela.

Ela devolveu o beijo, gemendo em sua boca quando sua mão em concha alcançou o seu o peito e rolou o mamilo entre dois dedos. O latejar incrível começou a crescer, consumindo-a. Ela sabia que não demoraria muito para que ela atingisse o clímax novamente. Aimery sabia exatamente onde tocá-la, bem como quando tocá-la para fazer seu corpo adquirir vida.

— Kyndra. — Ele sussurrou o som de um carinho amoroso.

Sua mão se moveu para seu sexo e acariciou sua pérola. Ela mordeu o lábio enquanto o prazer a cercava. Ele mergulhou mais rápido, mais duro nela enquanto ele a acariciava. Ele esfregou sua orelha.

—Venha para mim.

Suas palavras enviaram um arrepio de prazer através dela. Com o impulso seguinte, ela gritou o nome dele, seu corpo convulsionou enquanto ondas sobre ondas de prazer engolfava-a, puxava-a para baixo em um abismo de êxtase.

Seus braços mantinham-se frágeis quando Aimery agarrou seus quadris e enfiou dentro dela.

Ele deu um gemido abafado, e, em seguida, puxou seu pênis quando sua semente derramou dentro dela. Lágrimas reuniram-se em seus olhos que se encheram de emoção.

Aimery tombou ao seu lado e puxou-a de volta contra ele, moldou seu corpo em torno dela. Afastou o cabelo dela e beijou seu pescoço debaixo de sua orelha.

— Temos coisas para falar pela manhã.

Desta vez, quando seus olhos se fecharam, ela não lutou contra isso. Estava nos braços de Aimery, segura, protegida. Nada poderia machucá-la agora.

## Capítulo Quatorze

Os olhos de Aimery vasculharam o ambiente. Ele balançou a cabeça para limpá-la do sono e procurou Kyndra. Apenas para encontrar a cama vazia. Ele ergueu-se e olhou para o pé da cama para encontrar Isran sorrindo para ele.

—Procurando por ela?— Isran apontou por cima do ombro.

O sangue de Aimery gelou quando viu Kyndra amarrada e amordaçada, os homens olhavam seu corpo nu enquanto a seguravam. Raiva explodiu nele. Ele pulou da cama, pronto para matar Isran com as próprias mãos, se necessário.

Isran sorriu, com as mãos cruzadas atrás das costas. Suas vestes brancas ondularam atrás dele quando andou até Aimery.

— O poderoso comandante Fae tem uma fraqueza. Eu nunca teria imaginado, mas, com apenas um olhar para a linda sacerdotisa, eu posso ver o motivo. — Aimery segurou-se em cheque. Ele manteve seu olhar em Kyndra para controlar sua fúria. Ele não podia acreditar que esteve tão envolvido em provar seu corpo delicioso que tinha esquecido Eldar e sua missão. Sua falta de controle poderia muito bem acabar com tudo.

Ele enfrentou Isran, insensível sobre sua própria falta de roupa.

— Deixe Kyndra sozinha. É a mim que você quer.

—Oh, isso é certo. — Isran parou na frente dele e levantou as sobrancelhas. —Foi tão fácil enganá-lo. Fiquei preocupado, você sabe. Todo mundo falou sobre o incrível Aimery, o Fae que lutou contra o mal antigo, não só em nosso reino, mas na Terra também. O Fae que tinha exterminado o reinado do mal, matando os reinos um a um.

—Eu nunca levei crédito por nada disso. Não era só eu, mas o exército Fae e os magníficos guerreiros da Terra e de outros reinos.

—Eu sei. Eu pesquisei bastante sobre você e sabia tudo, exceto a sua fraqueza. Até poucas horas atrás, eu não achava que você tinha uma. Era uma batalha que eu esperava para frente.

Aimery cerrou os punhos.

— Se é uma batalha que você quer, eu vou te dar uma.

—Sem os seus poderes?— Isran revirou os olhos e disse. —Acho que não.

—Então me dê de volta os meus poderes.

—Não sou um tolo, Aimery.

—Você é o único usando magia negra. O que você tem a perder?

Isran sorriu lentamente, seu olhar calculista.

—Você realmente quer testar a sua magia contra a minha magia negra? Você sabe que nunca poderá ganhar. A magia negra é muitas vezes mais poderosa do que a magia Fae.

— Então lute comigo.

O olhar de Isran deslizou dele para Kyndra depois voltou para Aimery.

— Estou surpreso que você não tenha falado com Eldar. Você estava em seu castelo, comeu sua comida, fez uso de sua... Cama.

A frustração rasgou Aimery num corte profundo. Ele por si só, carregava o fardo de seu fracasso. Não havia dúvida em sua mente de que ele nunca iria deixar Thav vivo, mas iria vingar o seu erro. Mataria Isran nem que fosse a última coisa que fizesse.

—Você achava que tinha mais tempo?— Isran caminhou até Kyndra e passou um dedo entre os seios. —Você acha que eu não iria me mover tão rapidamente quanto pudesse porque sabia que Theron iria enviar você? Eu só não contava com a sacerdotisa.

Kyndra lutou contra seus captores, seus olhos se estreitaram em Isran como se ela pudesse agredi-lo e matá-lo com apenas um olhar. O coração de Aimery inchou com orgulho. Isran não tinha ideia de que ela era uma guerreira, e se Kyndra pudesse pegá-los desprevenidos, poderia ganhar o controle da situação.

Com o canto de seu olho, Aimery viu o lampejo de safiras da braçadeira de Kyndra. Ele não se lembrava dela tê-lo tirado, mas tinha sido a última coisa que se passou em sua mente no dia anterior.

Ele deu um passo em direção Isran, chutando a braçadeira para debaixo da cama.

—Onde está o ovo?

—Você não precisa se preocupar com o ovo. — Disse Isran e cheirou uma mecha do cabelo de Kyndra. Ele lançou o fio e tomou uma respiração profunda. —O ovo está seguro, em algum lugar que você nunca poderá obtê-lo.

—Você tem certeza disso?

—Eu apostaria minha vida nisso.

Aimery sorriu.

—Exatamente o que eu queria ouvir.

—Leve-a.

Os homens que detinham Kyndra saíram com ela pela porta. Aimery avançou para eles, mas foi interceptado por quatro homens. Não importava o quanto lutasse, não conseguia se libertar. Sem seu poder, era inútil.

O desespero ameaçou tragá-lo. Ele ansiava por sua magia, ansiava por ela como desejava o ar para respirar.

—Kyndra!

\*\*\*\*\*

Kyndra piscou as lágrimas quando Aimery gritou seu nome. Eles tinham sido bobos em ceder à sua paixão em vez de procurar por Eldar, mas depois de tudo, era exatamente o que Isran queria. Ela estava tão bêbada de desejo, que não tinha percebido que alguém havia entrado em seu quarto, até que foi arrancada dos braços de Aimery.

Não importava o quanto lutasse, ela não tinha sido capaz de se libertar. A mordida alcançou sua boca antes que ela tivesse a chance de gritar o nome de Aimery, e então amarraram suas mãos. Ela assistiu, horrorizada, quando Aimery tinha acordado e ido encontrá-la. O olhar selvagem, feroz em seus olhos deram calafrios em sua espinha.

Mas, pior era ele ser inflexível no combate contra Isran. Não havia nenhuma maneira que Aimery pudesse sobreviver, mesmo com sua

magia. A magia negra era muito mais poderosa, e agora que Isran tinha o ovo do dragão...

—Talvez devêssemos experimentá-la, sim, Millar. — O guarda disse sobre sua cabeça.

Millar riu.

—Oh, sim, Joby. Eu não posso esperar para me banquetear com os seios.

A vontade de bater com o cotovelo no nariz de Joby era forte, mas ela se segurou ainda. Não adiantava fugir agora, não quando ela não tinha ideia de onde estava ou o que acontecia a Aimery.

Pelo menos Isran não tinha usado o ovo. Ela não tinha certeza do que o parava ele, mas deu-lhe tempo e a Aimery para se libertarem e pensarem em algo.

Mas o quê? Sem mágica alguma o que você acha que pode fazer?

A angústia com a perda de sua magia ameaçou arrastá-la para o fundo, levá-la a um lugar onde não mais se preocuparia com isso.

Ela virou a cabeça para limpar sua mente. Recusava-se a ficar louca. Tinha que manter o foco pelo reino Fae, por Aimery. Ela não iria abandoná-lo para completar a missão sozinho.

Aimery.

Ela não tinha chegado a dizer-lhe o quanto ela amou a noite juntos, como ela iria ficar em suas memórias para o resto de sua vida. Ela não tinha sido capaz de falar com ele sobre o seu futuro, se ainda tinham um. Havia tanto que queria dizer. Ela tinha ido dormir imaginando que quando acordasse de manhã e iria fazer amor com ele novamente.

Como Isran havia conquistado Eldar? Como se eles não se conheciam?

E então ela compreendeu a música. A música mágica tinha assegurado que ficassem ocupados, deixando Eldar para que Isran fizesse o que quisesse.

Kyndra não podia acreditar que não tinha percebido isso na época, mas não adiantava chorar sobre isso agora. Muito estava em jogo

para permitir-se deitar e chafurdar na sua própria autopiedade. Agora ela só tinha que descobrir o que Isran planejava fazer com Aimery.

Seus pés estavam dormentes das pedras frias no momento em que chegaram ao quarto. Era três andares para baixo e no lado oposto do de Aimery. Os guardas empurraram-na para dentro. Kyndra pousou em suas mãos e joelhos, raspando-os nas pedras. Ela olhou por cima do ombro para os homens que avançavam sobre ela.

—Nós vamos mostrar o que um homem de verdade pode fazer. — Joby zombou, mostrando dentes escurecidos e mau hálito.

Millar sacudiu Kyndra em suas costas. Ela chutou e atingiu o estômago de Joby. Ele berrou e deu um direto nela com um punho substancial. A sala girou quando Kyndra lutou para ficar consciente. Joby bateu novamente antes de puxar as pernas abertas e beliscar seus seios.

—Sim, minha agora.

Uma onda de tontura tomou conta de Kyndra. Ela tentou chutar, mas só conseguiu que Joby batesse nela novamente. O lado esquerdo de seu rosto estava pegando fogo, latejando de dor. Ela ficou impotente para fazer qualquer coisa quando Joby desamarrou as calças.

—Depressa. — Disse Millar. —Eu quero a minha vez.

—O que está acontecendo aqui?

Kyndra nunca achou que estaria tão feliz ao ouvir a voz de Isran. Ela abriu os olhos para vê-lo com a cara feia para ela. Joby lambeu os lábios e deu de ombros.

— Responda-me, Joby. O que acha que está fazendo?

Joby lambeu os lábios e deu de ombros.

—Só para termos algum divertimento.

—Eu disse que ela não deveria ser prejudicada. Você bateu nela. Várias vezes. E estava prestes a estuprá-la.

Joby abriu a boca para argumentar quando o outro agarrou sua garganta e ele começou a engasgar. O sangue borbulhava de sua boca e escorria pelo seu queixo. Um batimento cardíaco mais tarde, ele caiu para o lado, seus olhos sem vida voltados para a parede.

—Millar. — Disse Isran.

Millar saltou para seus pés.

—Não me mate.

Kyndra rolou para o lado dela e se enrolou em uma bola. Ela não se sentia triste por Joby. O bastardo tinha conseguido o que merecia. Tanto quanto lhe dizia respeito, a mesma sorte poderia se abater sobre Millar também. Isran grunhiu.

—Tire Joby deste castelo. Que seja uma lição para você. Vai fazer como ordenado, ou sofrer as consequências.

—Obrigado. — murmurou Millar e tropeçou em seu esforço para fugir. Ele pegou o braço de Joby e arrastou-o do quarto.

Kyndra tentou desviar quando Isran agachou-se ao seu lado, mas ele segurou-a. Ele arrancou-lhe a mordança e jogou-a de lado.

—Quão ruim são seus ferimentos?

—Eu vou ficar bem.

—Sem a sua magia, você vai sentir mais dor e demorar mais para cicatrizar. Você acha que está tudo bem, mas não está. Seu corpo não está acostumado a esse tipo de dor.

Para sua surpresa, ele tirou o manto branco e colocou-o sobre ela.

—Por que você está sendo tão bom?

Ele encolheu os ombros.

— Eu tenho um pressentimento que vou precisar de você para me ajudar a controlar Aimery. Eu não quero matá-lo.

—Por quê?

—Eu posso querer o poder, Kyndra, mas isso não significa que eu não veja um guerreiro magnífico quando encontro um. Nunca houve um Fae como Aimery, e nunca haverá outra vez. Matá-lo seria... Errado.

Kyndra não tinha certeza se acreditava nele. No entanto, ele a impediu de ser estuprada, e ela faria o que fosse necessário para manter Aimery vivo.

— Ele não vai descansar até que lute contra você.

Isran suspirou e fechou os olhos brevemente.

—Eu sei. Ele não terá chance de ganhar, também. Você é a fraqueza dele, Kyndra, a única coisa que eu tenho pelo qual ele fará de tudo.

Ela mordeu a língua quando uma onda de remorso amargo abateu sobre ela. Ela nunca quis ser a fraqueza de Aimery. Ela só queria ser sua amante. Certamente Isran estava errado.

Isran puxou um punhal da cintura e cortou os laços que prendiam seus pulsos antes de embainhar a arma.

—Venha. Vou levá-la a algum lugar mais confortável. —Ela não lutou contra ele quando a levantou nos braços.

—Você está errado. — Disse ela enquanto caminhava pelo quarto.

—Sobre o quê?

—Eu ser a fraqueza de Aimery. Nenhuma mulher jamais foi a sua fraqueza.

Um lado da boca Isran ergueu-se num sorriso.

— Eu vi Aimery com as mulheres, Kyndra. Eu fui um dos que nunca viu ele olhar para uma mulher da forma que olha para você. — Seu olhar encontrou o dela. —A fome no olhar Aimery é absoluta.

Isran não poderia estar certo. Kyndra tentou tomar um fôlego e não conseguiu. Ela se recusava a acreditar que ela seria a única coisa que poderia destruir Aimery.

—Você pode salvá-lo. — Disse Isran. —Lembre-se disso.

Ela manteve seu olhar sobre as mãos que agarravam sua capa ao seu redor.

—O que faz você pensar que eu quero fazê-lo?

—Porque você tem o mesmo olhar em seus olhos.

Ela era tão óbvia? Ela sabia que cobiçava Aimery, mas não poderia ser mais do que isso, poderia? As emoções que a preenchiam eram muito novas para entender completamente.

—Eu vou fazer o meu melhor para mantê-lo vivo. — Isran prometeu. —Agora ele está lutando contra si mesmo para manter a sanidade.

—Você não deveria ter me levado de perto dele.

—Eu preciso saber até onde ele vai por você.

Kyndra olhou Isran. Era este o mesmo Fae que tinha roubado um ovo de dragão e matou um dragão azul? O mesmo Fae que mergulhou na magia negra, em um esforço para assumir Thav?

—Você controla Thav agora?

Ele balançou a cabeça.

— Desde ontem à noite. Eldar foi muito mais fácil de derrubar do que eu imaginava. A magia que usava para tirar a magia de todo mundo tinha a idade de um homem velho enrugado.

—Você não planeja cometer o mesmo erro?

Isran riu.

—Não. O único que poderia ter chegado perto de igualar-me em meu poder era Lugus antes dele desistir de tudo e sacrificar sua alma imortal. Agora, não há ninguém. Uma vez que eu usar o ovo de dragão, ninguém ousará.

Kyndra respirou lenta e firmemente enquanto a dor em seu rosto começava a duplicar. Cada passo que Isran dava era como se alguém estivesse batendo nela novamente.

—Durma Kyndra. — Ele sussurrou.

Ela tentou manter os olhos abertos, porque precisava saber onde ele a levava, mas sua magia era forte demais. Não dava mais para ela resistir à escuridão que a puxava.

## Capítulo Quinze

Aimery gritou o nome de Kyndra tantas vezes que sua garganta doía, mas, a cada momento que se passava e ele não a ouvia ou via, ficava a certeza que Isran a tinha matado. Sua raiva cresceu, e com ela Aimery sentia a necessidade de sua magia. Ele sabia que girava na insanidade, mas isso não importava. Nada importava sem Kyndra.

—Kyndra!— Ele respirou várias vezes profundamente, puxando contra os grilhões que o acorrentavam à parede. —Kyndra!

Ele olhou a cama e os lençóis amarrotados, onde tinham estado algumas horas antes. Seu corpo foi um pouco do paraíso, com o mais doce néctar em seus lábios. Ela tinha sido a mulher que ele desejava encontrar, a mulher com quem ele desejava compartilhar sua vida.

Isran adentrou em sua linha de visão e se encostou à parede, os braços cruzados sobre o peito.

—Você tem de fazer muito barulho?

—O que você fez com Kyndra?— Aimery exigiu.

—Ela está segura.

Aimery puxou contra suas correntes.

—Onde. Ela. Está?

Isran desencostou da parede e caminhou em direção a Aimery.

—Ela está descansando. Houve, ah... Um pequeno mal-entendido, com os homens que a prenderam.

— O que aconteceu? — O pensamento da mágoa de Kyndra era como uma faca contra sua barriga. O fato dele não estar lá para ajudá-la era ainda pior.

— Os homens foram cuidados. Já em Kyndra, não haverá danos permanentes.

— Ela não tem qualquer tipo de magia! Ela não pode se curar.

— Mas eu posso. — Isran disse suavemente. —E eu fiz. Foi uma coisa pequena, Aimery. O homem golpeou seu rosto.

Aimery apertou os olhos fechados. *Kyndra. Ah, deuses, me desculpe.*

—Não importa o que eu vou fazer com você?

Aimery abriu seus olhos.

—Eu não dou a bunda de um cavalo pelo que você fará comigo. Apenas deixe Kyndra ir. Liberte-a, e eu vou poupar sua vida.

A cabeça de Isran inclinou-se para o lado.

— Você realmente acredita que pode me matar?

—Sem dúvida.

—Mesmo que sua mente escape à loucura porque você tem fome pela sua magia?

Aimery odiava que Isran soubesse a tortura que ele passava, mas não poderia esperar nenhuma ajuda para isso.

— Eu vou te contar um segredo. — disse Isran quando ele se aproximou. — Eu tenho um uso melhor para você do que morte.

— Eu considereei o um amigo, Isran. Um homem a quem chamei de irmão. No entanto, você matou sua própria espécie e matou um dragão? Não. Um Fae jamais ousaria fazer tal coisa.

Isran encolheu os ombros.

— É a sedução da magia negra, Aimery. Você está agora impotente, incapaz de fazer nada mais do que tornar-se rouco de tanto gritar por sua amante.

— Eu vou libertar Kyndra.

O quarto girava, sua mente gritava por sua magia. Ele tinha que tê-la. Era a única maneira de salvar Kyndra.

— Eu posso lhe dar os meios para libertá-la. — Isran sussurrou em seu ouvido.

Aimery se afastou dele.

— Eu desprezo você.

—Por enquanto. Dou-lhe mais um dia ou dois antes de você implorar.

—Implorar pelo quê?

—Magia, Aimery. O que mais?

Aimery jogou a cabeça para trás e riu. Ele andava em uma linha de loucura, a mais leve sugestão e sua mente teria ido para sempre.

—Você não vai me dar nada.

—É isso mesmo. — Isran bateu o dedo no queixo. — Você luta contra sua insanidade. Isso é bom. Você precisa combatê-la.

— Deixe-me ver Kyndra. — Ele berrou e puxou a corrente.

Isran levantou as sobrancelhas.

—Eu disse a você, ela está descansando.

—Traga-a aqui, Isran. Preciso vê-la.

—Nenhum guerreiro como você deveria ter uma fraqueza, Aimery.

Aimery abaixou a cabeça, a frustração e o desespero minavam sua energia. As algemas cortavam sua pele, o sangue escorria para baixo pelo seu braço, mas ele não se importava. Sentia como se um dragão tivesse riscado sua garganta, mas ele não se importava. Ele era um tolo, mas ele não se importava. Nada importava sem Kyndra.

Deuses, como ele perdeu seu sorriso, o modo como seus olhos enrugavam nos cantos quando ficava animado. Perdeu seu cheiro, a sensação do seu cabelo em seus dedos. Perdeu a sua força, sua paixão.

Ele perdeu.

Kyndra.

Não acreditava em Isran. Kyndra tinha deixado o quarto amarrada e amordaçada. Qualquer coisa poderia ter acontecido com ela. Poderia estar morta agora por tudo o que sabia. Se Isran estivesse mentindo, Aimery iria rastrear os homens que a forçaram e matá-los dolorosamente e lentamente.

Isran falava, mas ele não se importava mais sobre o que ele tinha a dizer. Ele era um assassino, um ladrão, um mentiroso. Ninguém nunca tinha enganado Aimery assim, e isso machucava. Isran tinha sido como um irmão para ele.

Aimery tinha-lhe mostrado coisas, ensinou-lhe coisas, ele nunca tinha feito isso antes.

E era assim que Isran reembolsava-o.

Foi só depois que a porta se fechou atrás de Isran que Aimery levantou a cabeça e continuou a gritar por Kyndra. Não poderia desistir da esperança de que ela ainda estivesse viva.

\*\*\*\*\*

Kyndra abriu os olhos e piscou contra a vela que estava acesa ao lado da cama. Ela timidamente tocou seu rosto e, quando não sentiu nenhuma dor, moveu o maxilar.

—Você está curada.

Seu olhar voltou-se para o outro lado da cama onde estava Isran.

— Você me curou?

—A dor era demais para você.

—Obrigada.

—Não me agradeça ainda. — Advertiu ele.

Sentou-se e notou que estava vestida em um vestido de algodão.

—Onde estou?

—Você ainda está no castelo. — Ele caminhou até o pé da cama e inclinou-se com as mãos sobre o estribo. —Você dormiu um dia inteiro.

Kyndra notou as linhas de preocupação na testa, a maneira como os lábios estavam bem juntos e as mãos crispadas.

— O que aconteceu? É Aimery? Ele está bem?

— Não, ele não está bem.

Ela jogou de lado as cobertas e se ajoelhou diante dele.

—O que aconteceu com ele?

Isran suspirou e passou a mão pelo rosto.

—É a sua mente. Temo que se foi.

—Leve-me até ele. Agora.

Ela pulou da cama e caminhou até a porta. Ele colocou uma mão em seu braço para detê-la.

—Se vista. — Disse ele e apontou com a cabeça para a cadeira. — Eu vou esperar lá fora.

Kyndra puxou o vestido antes que ele tivesse fechado a porta atrás de si. Ela correu para colocar o vestido creme que ela usara na noite anterior. A sensação do material macio a fez pensar em Aimery. Ela escancarou a porta para encontrar Isran esperando por ela.

— Por que você não usa a sua magia em Aimery?— Ela exigiu assim que começaram a andar pelo corredor.

Isran encolheu os ombros.

— Quem diz que eu não tentei.

—Você tentou?

Ele olhou para ela.

—Eu disse que não queria matar Aimery.

Isso não quer dizer que ele o salvaria também. Medo reuniu-se em sua barriga quando ela levantou a saia para que pudesse andar mais rápido. Eles tinham acabado de subir uma escada quando ouviu o nome dela.

Seus passos vacilaram, e então desacelerou quando ela percebeu que Aimery gritava por ela.

Seu olhar moveu-se para Isran.

—Há quanto tempo ele faz isso?

—Desde que você foi levada.

Kyndra agarrou suas saias e correu pelo corredor para o quarto de Aimery. Ela abriu a porta para encontrá-lo acorrentado à parede, o sangue endurecido em seus pulsos, braços, a cabeça.

—Aimery.

—Ele não vai te ouvir. — Isran disse quando veio por trás dela. —

Sua mente se foi.

Ela balançou a cabeça.

—Não. Ele é muito forte.

Kyndra caminhou até Aimery e ergueu a cabeça dele em suas mãos. Seus olhos estavam fechados, o rosto desfigurado.

—Aimery. Abra seus olhos.

—Kyndra!

Seu coração doía por vê-lo assim. Era como se ele não pudesse ou se recusasse a ouvi-la.

—Aimery, por favor!

Quando mesmo assim ele não abriu os olhos, ela deu um tapa na cara, esperando chocá-lo o suficiente para que ele olhasse para ela. Ele nem sequer pestanejou.

—Você não deveria ter deixado isso acontecer. — Ela sussurrou.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto ela olhava para o guerreiro que prometeu protegê-la, o homem que tinha lhe mostrado o que era ser amada.

Isran se afastou dela.

Nada fazia sentido para ela. Por que Isran não os matava? Aimery era uma ameaça, um guerreiro não deveria ser subestimado. No entanto, Isran disse que não queria matá-lo. Então, por que mantê-lo vivo? Só porque o admirava? Isso não fazia muito sentido para ela.

Não, Isran tinha algo mais planejado.

—Você disse que me mantinha viva para ajudar Aimery. Você sabia que isso iria acontecer.

Isran sorriu.

—É incrível o que você pode aprender com magia negra.

— Então você acha que pode prever o futuro?

—Não. No entanto eu posso ver.

—Tem certeza de que não está vendo o que quer ver?

Ele riu.

—Ah, Kyndra. Agora eu vejo o que atraiu Aimery para você. Você tem uma força de espírito que brilha bastante dentro de você. Gostaria que eu lhe dissesse o que suas colegas sacerdotisas pensam de sua traição aos seus votos?

Kyndra estremeceu incapaz de parar a dor que suas palavras causaram.

—Eu sabia o que fazia.

—Não, você não sabia. Foi à magia que fez você agir dessa maneira.

Desta vez, ela riu.

—É isso o que acha? Odeio te desapontar, mas eu já estava decidida a ceder ao meu desejo por Aimery antes de entrar no castelo. Sua música mágica apenas criou o clima.

—Você mente.

O modo como ele se portou disse a ela que não tinha gostado do que ouviu.

—Não menti. Se a sua magia negra é tão poderosa, por que não descobre por si mesmo?

Toda vez que Aimery gritava por ela, ela queria chorar. Sua voz era rouca, mal se percebia o timbre profundo com o qual ele veio para o amor. Ele se recusava a parar, mas ela sabia que ele deveria estar com dor.

—Deixe-me ficar com ele. — Ela implorou.

—Não.

—Isran, você precisa de mim. Deixe-me ficar com ele.

Isran olhou dela para Aimery antes de dar um breve aceno e sair do quarto. Ela ouviu o clique que avisou que ele trancou a porta. Ela quase riu. Onde será que ela iria?

Ela não deixaria o castelo sem Aimery, e ele não estava em condições de ir a qualquer lugar.

Ela caminhou até ele e afastou o cabelo de sua face.

—Você prometeu não me deixar. Volte para mim, Aimery. Eu preciso de você.

## **Capítulo Dezesseis**

*Eu preciso de você.*

As palavras ecoavam na cabeça de Aimery. Ele pensou ter sentido o cheiro de Kyndra, mas era mais provável que fosse outro dos truques de Isran. Quantas vezes Isran tinha trazido uma visão de Kyndra? Quantas vezes Aimery pensou que era ela, só para ouvir o riso mau de Isran? Foram tantas vezes que Aimery não confiava mais em seus olhos.

Ele tinha parado de responder, fechou os olhos e seu coração para as vozes suplicantes que soavam tão semelhante à de Kyndra. Mas nenhuma delas era ela. Elas podiam parecer com ela, soar como ela, mas eles não cheiravam como ela.

Quanto mais ele se sentia impotente, ele afundava mais profundamente em sua insanidade. Ele sabia que não podia fazer nada sobre isso. Ele não tinha certeza do jogo de Isran. Talvez o filho da puta só quisesse ver o quanto poderia fazê-lo sofrer.

Aimery quase riu com o pensamento. Ele tinha sofrido meses de tortura nas mãos de Lugus quando ele tentou assumir o reino Fae, e nenhuma vez Aimery vacilou. No entanto, agora, apenas o pensamento de Kyndra ferida ou morta o fez pronto para dar a Isran o que quisesse em troca de sua liberdade.

E foi isso que atingiu Aimery. Isran queria algo dele. Ele queria quebrar Aimery, para implorar pela vida de Kyndra. É quando o filho da puta diria a Aimery o que ele queria.

A questão era quanto tempo Aimery poderia aguentar. Sua mente já escorregava por entre os dedos, quebrando em pequenos fragmentos que caçoavam dele com surtos de lucidez. Assim como fazia agora.

Por um momento, ele poderia ter apostado sua vida que cheirava jasmim e sol. Por apenas uma batida do coração, ele se atreveu a abrir os olhos na esperança de ver Kyndra.

E tão logo chegou, desapareceu.

A ilusão que Isran tinha enviado a ele continuava a falar, sua voz suave chamava seu nome, implorando-lhe para abrir os olhos. Mas Aimery não era tolo. Não iria sucumbir à atração de Isran.

Ele iria aguentar. Iria manter sua mente unida. Mesmo que rasgasse a última grama de seu ser, lutaria por Kyndra.

Ele fechou suas mãos, já não sentia o sangue que havia coberto seus braços. Estes estavam dormentes, a cada respiração que dava aumentava a dor nos ombros. Por mais que tentasse, suas pernas recusavam-se a segurá-lo por mais tempo. Quanto mais tentava, mais dor ele causava para o resto de seu corpo. Então, ficou pendurado, com os braços esticados ao seu lado, os joelhos quase tocando o chão. A dor era a única amiga que ele tinha, lembrava-lhe por que ele estava em Thav em primeiro lugar.

Aimery virou o pulso, deixando o corte de metal em sua pele. Ele assobiou um fôlego quando a dor atravessou seu ombro.

— Por tudo o que é mágico, o que está fazendo, seu idiota?

Ele ignorou a falsa Kyndra e focou na dor de seu corpo. A cada respiração agonizante, mergulhava na dor, arrastando sua cabeça para trás enquanto se obrigava a não pensar em sua magia.

Mãos macias e frias tocaram o seu rosto alisaram os seus cabelos. Por apenas um momento, deixou-se acreditar que era Kyndra, que tinha chegado até ele. Mas isso era tudo o que ele permitiu-se, apenas um momento, breve no tempo. Não se afastou dela, porque isso só iria deixá-la saber que ele não era completamente insano, e ela iria renovar seus esforços. Aimery não era forte o suficiente para resistir a ela, mesmo sabendo que não era a Kyndra real.

Mesmo agora, ele podia sentir sua pele macia sob suas mãos, ouvir seus gemidos de prazer quando ele entrou nela. Pelos deuses, tinha sido incrível, mais do que jamais sonhou.

—Kyndra!

Kyndra saltou quando Aimery gritou seu nome. Ela estremeceu e tentou fazê-lo beber água mais uma vez. Ele nunca se afastou dela, mas

ele não aceitava também. Era quase como se ele não soubesse que ela estava lá.

Por alguns momentos ele tinha parado de gritar o seu nome, e ela pensou que era por causa dela.

Agora, percebeu que ele tinha acabado de afundar na loucura. Lágrimas queimaram seus olhos e caíram por seu rosto.

Ela afastou-as frustrada, odiando a sua fraqueza e sua incapacidade de ajudá-lo.

Agora que ela sabia, precisava se recompor e descobrir quando ela iria libertá-lo, matar Isran, e obter o ovo de volta ao reino Fae. Era uma tarefa difícil, mas um Aimery teria levado em num piscar de olhos. Era o mínimo que ela poderia fazer por ele.

Kyndra colocou a taça de água sobre a mesa e caminhou ao redor da sala. Ela não tinha prestado muita atenção a ela na noite anterior uma vez que tudo o que tinha importado era Aimery, mas agora ela deixou seu olhar vagar, procurando uma saída.

Andou até a janela e abriu-a. O vento esbofeteou seu rosto e provocou um suspiro para respirar. Ela protegeu os olhos com o braço e inclinou-se para fora da janela. Foi quando ela viu o despenhadeiro que recortava a montanha. Mesmo se ela e Aimery sobrevivessem à queda, não tinham para onde ir. Isran e seus guardas estariam sobre eles em um instante.

Kyndra fechou a janela e recostou-se contra ela. Esfregou as mãos para cima e para baixo em seus braços em uma vã tentativa de encontrar calor. Desesperança estabeleceu-se em seu estômago, e não importava o quanto tentasse, não conseguia afastá-la.

—Oh, Aimery. — Ela sussurrou e passou a mão pela cama.

Ela olhou para a cama enorme cujo dossel era de madeira escura gravado com runas de alguma civilização antiga. A mesa e cadeiras e até mesmo a madeira ao redor das janelas tinham as mesmas runas. Kyndra caminhou até a porta e encontrou ainda mais das marcações. Ela moveu os dedos sobre as runas, perguntando-se o que elas significavam.

Com um suspiro ela virou as costas para a porta e escorregou para o chão. Seu olhar encontrou o de Aimery, sua voz mal perceptível, enquanto ele continuava a gritar o nome dela. Era doloroso para o seu coração vê-lo lutar tanto, era ainda pior porque ela não poderia ajudá-lo.

Ela tamborilou os dedos em seu braço. Ela sentia falta de ter o dragão envolto em torno de seu braço, seus brilhantes olhos de safira lembrando-a dos dragões azuis. Aimery tinha deslizado-o de seu braço na noite anterior e ele caiu no chão.

Kyndra afastou-se da porta e arrastou-se para a cama quando ela se lembrou de quando Aimery tinha chutado por baixo da cama para que Isran não o notasse. Sua mão se fechou sobre o metal frio e puxou-o de debaixo da cama.

A banda de dragão era um sinal de sua capacidade guerreira. Todos os Fae sabiam o que significava quando uma mulher usava um. Aimery tinha tentado protegê-la, dando-lhe uma chance de encontrar uma maneira de surpreender Isran com suas habilidades. Ela colocou o dragão em seu braço, a cabeça apontada para ela quando seus olhos azuis piscaram para ela através da luz de velas.

Ela se levantou e caminhou até Aimery. Por sua testa franzida e os lábios apertados, ele estava com dor. Se ao menos pudesse curá-lo. Ela mergulhou os dedos no copo e correu-os em seus lábios para molhá-los.

—Volte para mim, Aimery.

Mais uma vez ele tinha parado de gritar o nome dela, e ela usou o tempo para molhar seus lábios. Ele deslocou o braço e o sangue jorrou de uma ferida em seu pulso e escorreu por seu braço.

—O que você está fazendo?— Perguntou ela e limpou o sangue.

Ela colocou o dedo entre o pulso e as algemas e sentiu o metal enferrujado. Ela estremeceu quando o metal cortou sua pele. Kyndra retirou o dedo e começou a enxugar o sangue quando se curou.

Ela piscou. Com o coração batendo forte no peito, ela cortou o dedo novamente, desta vez mais profundo, e assim como antes, curou-se.

— Isto não pode ser.

Isran tinha tomado a sua magia. Ele havia dito a ela que ele era o único a curá-la, mas se ele não tivesse falado a verdade? E se ele devolveu a sua magia em vez disso? Se assim for, por quê?

Sua cabeça começou a latejar enquanto tentava entender o que tinha acontecido. Com tudo o que se passava com Aimery, ela não tivera tempo de se perguntar por que ela não tinha começado enlouquecer. Agora ela sabia. Isran tinha devolvido a sua magia.

Kyndra colocou as mãos em cada lado do rosto de Aimery e inclinou a cabeça até que ela podia ver tudo dele.

—Aimery, por favor. Sou eu, Kyndra. Abra seus olhos. Aimery abra seus olhos. —Ele não fez nada para lhe dar qualquer sinal de que a tinha ouvido falar. Kyndra nunca se sentiu tão sozinha em toda sua vida. Ela não era páreo para Isran magicamente. Ela colocou os braços em volta de seu pescoço e enterrou o rosto.

—Eu não posso lutar contra ele. Eu preciso de você.

Depois de uma respiração profunda, ela baixou os braços e deu um passo para longe dele. A primeira coisa que ela tinha a fazer era tirá-lo das cadeias. Tinha que haver algo que Isran queria, e ela iria descobrir o que era.

A porta do quarto de Aimery se abriu. Isran encostou-se à ombreira da porta, cruzou os braços sobre o peito e pôs um sorriso triunfante no rosto.

—Afinal você entendeu tudo?

—Quando você devolveu minha magia?

—Depois que eu te carreguei nos braços a seu novo quarto.

Ela assentiu, odiando-o novamente. Ela tinha começado a pensar que ele era mal compreendido, mas, novamente havia sido essa sua intenção. Ele gostava de manter sua adivinhação. Não era nada mais que um jogo para ele, mas ela também poderia jogar.

Kyndra o encarou.

—O que você quer?

—Poder. Eu nunca consigo ter o suficiente. —Estreitou seu olhar, e ele a empurrou para fora da porta.

—O que você tem no seu braço?

Ela sorriu e virou-lhe o braço para olhar para a braçadeira de dragão.

—Isto? É meu.

—Você é uma guerreira? Oh, sim, Isran. Uma sacerdotisa guerreira, líder da Ordem Azul. — Ele jogou a cabeça para trás e riu. — Perfeito!

Ela tinha pensado em lhe dar uma pausa com o título, mas um sentimento doentio caiu na boca do estômago.

—O que é perfeito?

—Você. — Ele disse e caminhou ao seu redor. Ele se inclinou para perto de seu ouvido e sussurrou. — Você é a resposta a todos os meus planos.

Ela abriu a boca para perguntar o que esses planos eram quando ele a pegou pelo braço e arrastou-a para fora do quarto. Kyndra olhou por cima do ombro para ver os olhos de Aimery que estavam abertos.

E olhando para ela.

## Capítulo Dezessete

Aimery balançou a cabeça para limpar sua mente. Ele deve ter alucinando novamente. Era o cheiro de jasmim e luz do sol que o tinha trazido para fora de sua loucura, dando há ele tempo para infligir mais dor em si mesmo.

As palavras sussurradas de Kyndra tinham acalmado seu coração, porque ele soube imediatamente que era realmente ela. Ele havia tentado falar com ela, sussurrar seu nome, mas sua voz não funcionava mais. Cada gole era como agulhas descendo por sua garganta.

E então Isran havia entrado no quarto.

Aimery tentou ouvi-los, mas suas vozes foram abafadas, como se estivessem em um túnel. Quando ele foi finalmente capaz de abrir os olhos, foi para ver Isran levar Kyndra para fora do quarto.

A única coisa que deu certeza a Aimery que ele não imaginava o cheiro dela era o dragão em seu braço.

Nenhuma das ilusões que Isran tinha colocado diante dele tinha usado-o, o que significava que realmente tinha sido Kyndra que estivera com ele. Se ao menos ele tivesse percebido isso antes, poderia ter falado com ela, tocar-lhe.

Ele puxou as correntes, ansiou toda sua magia como nunca antes.

Sua mente girava, puxando-o para baixo em um buraco que ameaçava nunca deixá-lo sair.

Aimery lutou contra a loucura, ousando-se a acreditar em Kyndra, a ter esperança.

—Kyndra. — Ele sussurrou. —Você não está sozinha.

Mas já era tarde demais. Ela foi embora mais uma vez.

Esperança surgiu no peito do Kyndra. Aimery tinha aberto os olhos, ele a tinha visto. Talvez de alguma forma ela lhe alcançara. Ela não sabia como, mas, se ela pudesse voltar para ele, talvez ela pudesse

falar com ele. Juntos, ela não tinha dúvida de que poderiam descobrir um plano para parar Isran.

Os dedos de Isran cavaram em seu braço. Ela se recusou a deixá-lo saber que ele a tinha machucado. Quando ele não foi capaz de obter uma resposta desse jeito, ele acelerou seus passos, fazendo-a tropeçar e cair, suas saias ergueram até os joelhos.

Ele puxou-a para cima, os lábios puxados para trás em um sorriso de escárnio.

—Seus pensamentos te traem, sacerdotisa. — Um arrepio de apreensão percorreu sua espinha. — Eu tenho interceptado você. Você não acredita em mim ou em Aimery quando nós dissemos que a magia negra era mais forte do que a magia Fae? Você pode colocar todas as míseras defesas que tem, e ainda vou ser capaz de romper cada uma delas.

—Então você sabe que eu quero destruir você. Sabia que desde o início. Por que ficar chateado com isso agora?

Ele lhe deu um empurrão.

—Chateado? Eu não estou chateado.

—Sério? — Ela notou um tique no canto de seu olho esquerdo.

—Oh, eu não estou nada feliz que você fosse capaz de romper a loucura de Aimery, mas, no final, eu acho que vai ser para o meu benefício.

Kyndra puxou-se fora de seu alcance.

— O que você fala?

— Enquanto você se... Curava... Eu tenho jogado jogos mentais com Aimery. Uma e outra vez eu coloquei uma ilusão de você em seu quarto. Foi muito engraçado nas primeiros dez vezes vê-lo tentar falar com a ilusão, tocá-la.

Kyndra engoliu em seco, a bile subiu na garganta.

—Toda a bondade que te fez um Fae está completamente desaparecido, não é?

—Até a última gota, sacerdotisa.

Ela endureceu e fechou as mãos ao seu lado.

— O que eu tenho que fazer para que você liberte Aimery?

— Há apenas uma coisa que eu quero de você.

Ele deu um passo em direção a ela e tocou seu rosto. Kyndra teve que lutar para não se afastar, mas ela faria o que ele quisesse para que libertasse Aimery.

—O que é?

—Realizar a cerimônia.

—A cerimônia? Que cerimônia?

Ele largou a mão, seu olhar estreitou-se em um riso.

—Como uma sacerdotisa da Ordem, um líder da Ordem Azul, você não sabe?

—Aparentemente, não.

—Agora isso é divertido. O que Julieth pensou para não informar ao menos a você das consequências que eu devo assumir Thav?

Kyndra balançou a cabeça.

—Você não sabe o que fala.

—Ah, mas eu faço. Você vê minha querida, não basta tomar banho na gema do ovo, mas eu preciso de uma sacerdotisa da Ordem para efetuar a infusão do dragão comigo.

O coração dela bateu em suas costelas, ameaçando explodir de seu peito.

— Você deve estar brincando. Julieth teria me dito. Em qualquer caso, ela nunca teria coragem de me enviar.

—Mas ela o fez. Por que isso?

—Você deve estar errado. Não é preciso haver uma cerimônia. Eu não sou necessária.

Ela não sabia por que ele lhe deu o poder daquele conhecimento, mas suas palavras haviam-na confundido, assustado. É colocar em questão tudo o que Julieth jamais lhe disse, e que não era bom.

Isran encolheu os ombros.

—Acredite no que quiser, mas eu tenho certeza. Você deseja salvar Aimery de sua loucura, então se junte a mim.

Kyndra olhou para a mão que ele lhe estendeu. O que ele pediu era contra tudo o que ela tinha vivido tudo contra o que ela tinha vindo para lutar. Ela amava os dragões, mas seu amor por Aimery era maior.

Uma lágrima escorreu pelo seu rosto quando ela percebeu que tinha caído de amor pelo comandante.

E ela nunca teria a chance de lhe dizer.

— Eu não posso fazer isso.

— Então eu não posso te ajudar.

Kyndra estava determinada a vê-lo seguro. Ela não gostava de negociação com a sua vida, mas era uma aposta que tinha de fazer. Por enquanto Isran estava disposto.

Isran acenou-lhe com os dedos.

—Vem, vem, sacerdotisa. Você não quer que Aimery sofra mais não é?

Um som baixo estrangulado de dor veio do quarto de Aimery.

— Eu vou libertá-lo de suas amarras, mas Aimery permanecerá em Thav. — Disse Isran. —É a minha oferta final.

—Você precisa de mim. Você estará disposto a renunciar a sua cerimônia sem mim?

— Eu vou ter você de uma maneira ou de outra, sacerdotisa. Pegue o que eu estou oferecendo antes de eu mudar de ideia.

Kyndra olhou para sua mão e sabia em seu coração que esta era a última chance de Aimery. Ela colocou a mão na de Isran.

— Solte Aimery. Vou realizar sua cerimônia.

O sorriso no rosto Isran fez seu sangue gelar.

— Venha. Há muito para se preparar.

Kyndra olhou para o quarto de Aimery.

— Posso vê-lo? Para se certificar de que você o liberou?

— Eu mantenho minhas promessas. — Disse ele e puxou-a atrás dele. —Você pode vê-lo mais tarde. Isso eu juro.

Ela não teve escolha senão ir com Isran, apesar de todas as fibras do seu ser lhe dizer para ir até Aimery. Ela queria vê-lo mais uma vez antes dele perceber no que ela havia se tornado, antes que ele sentisse

a magia negra dentro dela. Kyndra sabia que tomar o negócio de Isran iria selar seu destino, mas ela teria feito isso de qualquer maneira. Talvez uma vez que ela aprendesse a controlar a magia negra, poderia atacá-lo e acabar com tudo.

Desceram vários lances de escada e atravessaram um labirinto de corredores antes de chegarem a um conjunto de portas duplas no final de um corredor. Isran abriu-as e fez sinal para que entrasse.

Kyndra não ficou surpreso com a opulência da sala. Era retangular com um teto abobadado. Um tapete de um vermelho profundo percorria o meio da sala até o trono dourado que ficava em um patamar mais elevado.

Grandes candelabros de ouro estavam pendurados nas paredes, e os guardas ficavam ao longo da sala, longas lanças em suas mãos. Um movimento em um canto chamou sua atenção enquanto ela e Isran caminhavam até seu trono. Foi quando ela viu o que parecia ser uma gaiola grande, e dentro havia um homem, seus olhos escuros solenes quando ele olhou para ela.

—Sacerdotisa, deixe-me apresentar Eldar, o governante anterior de Thav. — Um pouco de simpatia formou-se em seu peito pela aparência abatida do velho que se inclinava com a idade. Seu rosto estava amassado e os cabelos na altura dos ombros eram brancos como a neve. Ele agarrou as barras da jaula, e Kyndra observou que suas mãos não tremiam.

—Isso é o que estar no controle de Thav sem o benefício de um ovo de dragão faz com você. — Isran sussurrou em seu ouvido. —Ele parece frágil, mas não é. Sua mente está mais afiada do que nunca.

— Então, como você conseguiu o controle?

Isran riu.

— Os homens são facilmente seduzidos pela promessa de poder e dinheiro. Eldar achava que seus eram homens leais a ele. Estava errado.

—Você vai cometer o mesmo erro?

—Eu não sou tão tolo. Na minha posição, não se pode confiar em ninguém.

Ela bufou.

—No entanto, você está confiando em mim para realizar a cerimônia.

Ele virou para encará-la, seus dedos perfurando seus ombros.

—Nem pense em tentar alguma coisa, sacerdotisa. Eu te mato em um piscar de olhos.

Ela levou a ameaça a sério e acenou para que ele pudesse libertá-la. Kyndra respirou fundo enquanto Isran caminhava até o trono, e sentou-se na enorme cadeira. Ele acenou a sua frente e, embora ela não quisesse se aproximar dele, ela levantou a saia e subiu os degraus.

— Eu sabia que você ficaria linda nesse vestido. — Disse Isran. — Não tenho dúvidas de que uma vez que você receber o seu primeiro gosto de magia negra, vai entender porque é tão sedutora. O poder, a energia que flui através de você. —Ele tomou uma respiração profunda. —Não há nada igual.

—Você tem certeza do que ela vai me fazer.

Ele riu.

—Minha querida sacerdotisa, ninguém pode resistir. Ninguém.

—O que você vai fazer comigo quando eu terminar a cerimônia?

Seu dedo acariciou o braço dela.

—Tenho planos para ti, planos que você vai, sem dúvida, aproveitar o que eu farei ao máximo.

O pensamento dele tocando seu corpo, acariciando-a, beijando-a como Aimery tinha feito a deixou com seu estômago doente. Mas ela não podia se preocupar com isso agora. Havia muito mais em que pensar.

—Onde está o ovo?

Isran sorriu.

— No devido tempo saberá. Primeiro, temos de começar suas aulas.

—As lições?

— O que Julieth não lhe disse é que se uma sacerdotisa da Ordem se transforma pela magia negra, ela terá o poder de vincular o dragão a alguém. A ligação vai aumentar o meu poder em cem vezes. Eu não vou ser apenas invencível, sacerdotisa, eu serei inabalável.

Os joelhos Kyndra ameaçou ceder.

—Por que ela não me contou? Nunca antes isso foi falado na Ordem.

—Há muita coisa sobre magia negra que não se fala no reino Fae.

—Então como você sabe disso?

Ele riu.

—Não é apenas o poder que eu ganho com o uso de minha magia, sacerdotisa. Também o conhecimento. Antigos segredos sobre magia negra, a sua fonte, seu poder, seus pontos fortes são dadas aos usuários. Em breve, você vai entender o que quero dizer.

Kyndra estava com raiva que Julieth não tinha contado a ela sobre a cerimônia. Ela entendia por que não foi ensinado na Ordem, mas, sabendo que era contra, Julieth poderia ter dito a ela antes de chegar a Thav.

Será que Aimery sabia?

Gostava de pensar que não, mas o que assustava mais do que qualquer coisa era a emoção que há pouco a percorreu quando soube que iria ganhar força em sua magia. Ela disse a si mesma que era para lutar contra Isran, mas ela não tinha certeza de quão verdadeiro era esse sentimento.

— Pronta?

Kyndra voltou seu olhar para ele.

—Não.

—Não lute. Vejo a emoção em seus olhos, o anseio para saber se a magia negra é tão atrativa como todo mundo diz.

—Você está interpretando mal meu ódio por você como se fosse excitação.

Isran jogou a cabeça para trás e riu.

—Quanto mais eu estou perto de você mais eu percebo o que cativou Aimery.

A menção de Aimery enviou uma pontada de desejo em seu coração.

Isran levantou de modo que ela encarou as portas pelas quais entraram. Sua boca encontrou seu ouvido enquanto estava atrás dela.

—Para usar a magia negra é muito simples, sacerdotisa. — Enquanto ele falava, dois guardas entraram na câmara e arrastavam um menino. Eles jogaram o menino no chão, sua túnica rasgada e ensanguentada caía nos ombros, quando ele virou-se para enfrentá-los.

—Ele é um ladrão. — Isran sussurrou.

— O que ele roubou?

—Um naco de pão. O preço para o furto é a morte.

Kyndra tentou ignorar o quadro do menino magro, os vergões e hematomas coloriam sua pele clara.

Ele morria de fome, mas estava com os ombros para trás e cabeça erguida, enquanto esperava que os guardas o atacassem.

Em seu reino, ninguém matava. Matar era o mesmo que usar magia negra. Se houve um crime, o criminoso ia diante de um juiz e o júri decretava sua sentença. O assassinato não era tolerada no reino Fae.

Apesar disso, Kyndra não podia permitir que o menino fosse morto porque ele não tinha dinheiro para comprar comida. Ela cerrou as mãos e tentou desviar o olhar quando os guardas puxaram suas espadas de suas bainhas, o som ecoando na sala.

Para dar crédito ao menino, ele não vacilou ou implorou por sua vida. Ele sabia as consequências para suas ações, e ele tomou a oportunidade. Mas ele era apenas uma criança, uma criança faminta.

Isran movimentou o cabelo para que seus lábios pudessem se aproximar de seus ouvidos.

—O que você vai fazer?

Kyndra fechou as mãos. As leis da Thav estavam ali por uma razão. Quem era ela para desafiá-las?

—Ele é apenas um garoto!

Seu olhar foi interceptado pelos guardas. Suas armas foram para trás, pronto para atacar.

O tempo passou lentamente, enquanto observava as lâminas mergulhando em direção ao pequeno peito do menino. Que tipo de Fae ela seria se deixasse uma criança morrer por tentar conseguir alimento? Seus olhos fecharam.

Ela cedeu à necessidade de salvar a criança.

Uma onda de energia correu através dela, assustando-a com a sua ferocidade, seu encanto. Seus olhos se abriram e os lábios se separaram quando ela arquejou. Assim, quando os joelhos cederam, os braços de Isran, envolveram-na.

— Veja como foi fácil, sacerdotisa. — Ele murmurou em seu ouvido. — Você pode sentir o pulsar da magia através de você, fortalecendo seu poder ao mesmo tempo em que ganha o conhecimento.

O quarto girou em torno dela. Ela tinha apenas salvado a vida do menino. Como isso poderia tê-la levado para a magia negra? Seu olhar encontrou o menino que estava sobre os dois guardas deitados imóveis no chão.

—Você os matou. Pelo menino.

Kyndra balançou a cabeça ao ouvir as palavras do Isran. Ela não tinha a intenção de matá-los, apenas proteger o menino indefeso.

— Não.

— Não lute contra isso. — Isran insistiu. Ele virou-a e ergueu-a nos braços. — Não há como voltar atrás agora, sacerdotisa.

## **Capítulo Dezoito**

Aimery rolou de costas e gemeu quando as dores bateram em seu corpo.

A luz solar filtrava-se através da janela. Quantos dias havia dormido, não tinha certeza. Ele empurrou o lençol de seu corpo, o que o lembrou de que ainda estava nu. Seu nariz coçava, mas ele temia levantar a mão por medo de que não iria funcionar após ficar pendurada por tanto tempo nas cadeias.

Mas a coceira não seria ignorada. Seu dedo encontrou a ponta do seu nariz e arranhou sem muita dor. Um batimento cardíaco mais tarde, ele percebeu que estava em sua cama. Todos os pensamentos de dor fugiram quando ele se ergueu em busca de Kyndra. Um olhar em torno de seu quarto confirmou que estava sozinho.

Aimery passou a mão pelo rosto. Onde Isran havia levado Kyndra agora, e o que queria o filho da puta para tê-lo libertado? Isran era astuto. Ele gostava de provocar e atormentar, ganhando com isso um prazer alegre e doentio.

A necessidade de sentir sua magia ameaçava levá-lo de volta para dentro do poço da loucura, mas ele lutou isso. Não seria bom para Kyndra que estivesse insano.

Foi o cheiro de comida que o levantou da cama. Ele não se preocupou em olhar para a roupa quando tropeçou seu caminho para a mesa. Suas mãos tremiam por falta de uso e fraqueza. Ele entornou mais vinho do que ele cabia taça então derramou. Efetuou duas tentativas antes que de ser capaz de tirar a carne fora do osso. Aimery não sabia o que era, nem se importava. Ele precisava de comida e rapidamente.

A primeira mordida era como um gosto de felicidade. Sua boca encheu de água por mais, o seu estômago roncava enquanto ele comia. Aimery acabou com o pedaço de carne e a fatia inteira de pão. Então analisou os deliciosos pastéis tão bem dispostos na bandeja dourada. Só então se permitiu terminar a jarra de vinho.

Com o estômago cheio e sua força de volta, Aimery encontrou-se pensando em Isran e qual seria seu próximo passo. Ele não tinha matado Kyndra ou ele. Mas por quê? Qual uso qualquer um deles teria para Isran? Aimery não iria parar até que Isran estivesse morto. Certamente Isran tinha que perceber isso.

Houve uma batida suave na porta. A cabeça de Aimery estremeceu até a porta, seu coração acelerou enquanto ele se perguntava se seria Kyndra. Quando a porta se abriu e um servo entrou no quarto com a cabeça inclinada, Aimery sentou-se e suspirou.

Era um tolo. Isran não permitiria que Kyndra andasse pelo castelo, e ele certamente não iria deixá-la ir até ele.

—Seu banho, senhor. — Disse o moço.

Aimery observava quando a banheira foi trazida e preenchida com água. Os filamentos de calor crescentes da banheira acenavam-lhe para relaxar o corpo dolorido no calor. Ele não esperou que os servos se fossem. Levantou-se e foi para a banheira. A fêmea olhou para ele por baixo dos cílios, um rubor manchou sua bochecha.

Ele abaixou-se na banheira e gemeu. A água estava maravilhosa. Ele inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. Por alguma razão, Isran permitiu-lhe recompor a sua força e Aimery ia aproveitar cada chance que tivesse para fazer exatamente isso.

—Acaso... Tem necessidade... De qualquer outra coisa, senhor?

Aimery abriu um olho para encontrar uma serva de pé ao lado da banheira. Então, Isran a enviara para tentá-lo.

—Não. Pode deixar.

Ela lambeu os lábios e abriu a boca como se quisesse dizer mais, mas girou nos calcanhares e saiu.

O quarto, uma vez mais, era dele. Aimery relaxou na banheira até que a água começou a esfriar.

Só então ele se banhou. Depois que se secou, envolveu a toalha na cintura. Enquanto caminhava até mesa para mais vinho, notou a túnica preta e calças dispostos para ele. Como não queria andar nu, colocou as roupas.

Uma vez que calçou suas botas, ele olhou debaixo da cama para suas armas e encontrou-as assim como a missiva de Theron. Isran não perdeu tempo em se aproveitar de tudo que Aimery tinha. Tudo o que ele tinha que fazer agora era esperar porque ele sabia que Isran voltaria muito em breve.

\*\*\*\*\*

Kyndra se olhou no espelho. Ela parecia à mesma, mas por dentro estava diferente.

Ela sentiu a mudança desde aquele momento na sala do trono Isran.

Magia Negra.

Ela havia tirado uma vida. Independentemente do motivo pelo qual havia feito aquilo, ela havia feito aquilo. E ao fazê-lo entrou por um caminho que não tinha volta. Um caminho que tinha assegurado que nunca mais veria seu reino novamente, nunca mais veria a beleza dos dragões voadores no céu ou ouviria a sua chamada. Nunca olharia nos olhos de Aimery e veria o seu desejo por ela.

Uma lágrima deslizou pelo seu rosto. Kyndra apressadamente limpou-a. Ela não tinha uma escolha na matéria. Não só ela não podia deixar o menino morrer, mas não podia deixar nada acontecer com Aimery. Ele era muito mais forte do que ela. Ele seria capaz de acabar com o regime de Isran e salvar o ovo.

Como ela desejava tocá-lo novamente, só mais uma vez envolver os braços ao seu redor e sentir o seu calor. Seu sexo latejava, e umidade recolhia-se entre suas coxas enquanto pensava em sua vara deslizando nela, empurrando forte e rápido.

Seus seios doíam por seu toque. Ela cobriu os seios e respirou quando roçou os dedos em seus mamilos sensíveis. Seu corpo aquecido ansiava pelas carícias de Aimery, por sentir seus lábios nos dela, retorcendo em gritos de prazer com ela.

A magia negra ainda era nova nela, e Aimery não tinha sua magia. Havia uma chance de que ele não percebesse em que ela havia se tornado. O núcleo de esperança havia se formado em seu coração e não seria ignorado. Kyndra levantou do banquinho e deixou seus aposentos. Ninguém a parou enquanto ela caminhava pelo castelo para o quarto do Aimery.

O mais perto que ela ficava mais seu corpo ansiava por seu toque. Quando ela chegou ao seu quarto, ela parou e colocou a mão na porta. Isran assegurou-lhe Aimery tinha sido liberado e visto, mas ela não sabia se podia acreditar nele.

Depois de ver Aimery perdido em sua loucura, ela não tinha certeza do que iria encontrar quando abrisse a porta. Mas ela tinha que vê-lo.

Ela abriu a porta e vasculhou o interior. A cama refletia sua situação, o lençol em uma poça no chão. Perto da banheira havia água e uma toalha tinha sido jogada sobre a cama. Isran não havia mentido. Ela ficou surpresa com isso, e também aliviada.

—Kyndra?

Sua cabeça girou em torno da mesa para encontrar Aimery. Seu olhar parecia granizo, exceto pelas olheiras sob seus olhos e as linhas de preocupação na testa.

—Sim. Sou eu.

—O que você está fazendo aqui?— Ele estreitou o olhar, quando se levantou, como se não confiasse nela.

*Se ele soubesse.*

—Eu tenho permissão para vê-lo. —Engoliu em seco e deu de ombros. —Eu não sei por quê. Quem sabe por que Isran faz o que faz? —Ele parecia aceitar a sua resposta.

Kyndra fechou a porta atrás dela e caminhou até Aimery. Ela estendeu a mão e passou a mão pelo rosto.

—Você está com muita dor?

—É tolerável.

—E a sua mente? Você está comigo?

Ele deu um encolher de ombros.

—Por enquanto. Fica mais difícil a cada hora.

—Você pode resistir a isso. — Disse ela e forçou um sorriso. — Se alguém pode, é você.

Suas mãos agarraram-na pelos ombros e puxou-a mais para perto.

— O que aconteceu com você? Isran me disse que tinha sido ferida?

—É... Não era nada.

Ela não queria dizer-lhe como ela tinha ficado aterrorizada por ser estuprada, da dor que havia experimentado nas mãos dos homens.

—Foi alguma coisa.

—Acredite ou não, Isran me salvou.

Aimery bufou.

—A única coisa que eu aprendi sobre Isran é que ele não faz nada gratuitamente.

—Eu concordo.

—Você não vai me dizer o que aconteceu?

Ela engoliu em seco.

—Fui poupada, Aimery. Deixe por isso mesmo.

—Mas você foi ferida.

—Só um pouquinho.

— Como?

Ele não iria deixá-la se safar, ela percebeu. Ela teria que dizer-lhe parte da verdade, mas não mais.

—Um dos guardas me bateu.

Aimery testa franziu.

—Ele te bateu? Eu vou matá-lo.

—Não há necessidade. Isran já fez isso.

Isso só parecia atiçar ainda mais a raiva de Aimery.

—Tenha cuidado ao seu redor. Ele usa as fraquezas das pessoas contra eles.

Pavor reuniu-se em sua barriga. Isran havia dito tanto a ela, feliz porque finalmente havia encontrado a fraqueza de Aimery.

—Você tem uma fraqueza?

—Sim, e Isran sabe que é você. Eu sei que ele vai usá-lo contra mim. Eu só não descobri como ainda.

Kyndra teve um pressentimento que transformá-la pela magia negra fazia parte do grande esquema de Isran.

—Assim como eu não sei por que ele que nos mantém vivos.

Ela sabia a resposta para isso.

—Isran diz que admira você, que é um dos maiores guerreiros Fae que já viu. Ele disse que não poderia matá-lo porque nunca haveria outro como você de novo.

—Isso é uma merda, e você sabe disso.

Ela não tinha tanta certeza. Aimery era diferente de qualquer outro Fae. Ele havia conseguido muito mais com os seres humanos do que qualquer Fae. Mas não era só o que tinha feito na Terra, era o que tinha feito em outras esferas, incluindo a sua própria. Não era de se admirar que Isran não poderia matá-lo. Como alguém poderia matar algo tão magnífico quanto Aimery?

—Kyndra?

Ela jogou os braços ao redor dele, precisando de sua força. Ele envolveu-a em seus braços.

—Você está tremendo. O que há de errado?

Ela não podia lhe contar a verdade, então resolveu por algo próximo a ela.

—Isran devolveu meus poderes.

—Ótimo. Use-os para recuperar o ovo.

—Não posso. Seu poder é muito grande.

Aimery a pôs longe dele e segurou seu rosto nas mãos.

—Kyndra, faça o que ele pede. Basta ficar viva por tempo o suficiente para eu descobrir uma maneira de acabar com isso.

Seus olhares se bateram e o desejo queimou entre eles. Isran e sua ameaça foram esquecidas quando se perderam um no outro. As

pálpebras de Kyndra se fecharam quando Aimery abaixou a cabeça e tomou sua boca em um suave beijo persuasivo. Seu corpo derreteu contra ele, ansioso para provar mais dele. O beijo rapidamente se tornou feroz, o desejo entre eles muito grande. Seu sexo latejava quando sentiu o pau grosso pressionado contra ela.

—Pelos deuses, como eu tenho fome de você! — Ele murmurou entre beijos.

Ela agarrou a túnica dele, a necessidade de sentir a sua pele debaixo das suas mãos. Com um empurrão, ele tirou-a sobre sua cabeça e puxou-a de volta contra ele.

—Eu pensei que tinha perdido você.

Suas lágrimas borraram sua visão.

—Eu sempre serei sua. Sempre.

—Kyndra.

Ele disse o nome dela como se fosse uma oração, falou baixinho, com carinho. As lágrimas que ela tinha tentado manter sob controle derramou por suas bochechas.

—Por que você chora?

—Porque eu finalmente encontrei você. Porque eu daria tudo para estar com você. Porque eu temo o que o futuro nos reserva.

Ele limpou suas lágrimas.

—Eu vou encontrar uma maneira de nos libertar.

Ela estava agradecida quando ele a beijou novamente. Se eles tivessem continuado a falar, ela era susceptível de confessar em que ela havia se tornado, e o pensamento dos belos olhos Aimery se encherem de ódio era mais do que ela poderia suportar.

Seu beijo roubou o fôlego e aqueceu o sangue dela. Ele a beijou como se suas vidas dependessem disso, como se fosse à última chance de estariam juntos. E para Kyndra, era mais provável que assim fosse.

Ela colocou todo seu amor, sua esperança no beijo. Ela não teve a coragem de confessar-lhe seu amor, mas poderia mostrar.

Ela o ajudou a tirar o vestido, então ansiosamente o ajudou na remoção de suas botas e calças. Quando ambos estavam nus, eles estavam banhados na luz do sol.

—Eu nunca me canso de você.

Ela sorriu e correu o dedo sobre os lábios.

—Bom, porque eu quero mais de você.

—Você pode me ter por quanto tempo quiser.

Ela foi arrastada em seus braços enquanto beijava seu pescoço, beliscava a pele dela com seus lábios e língua. Kyndra esqueceu-se de Isran, de magia negra e do ovo. Ela esqueceu seus votos para a Ordem, os dragões azuis e seu reino. Ela se esqueceu de tudo, exceto Aimery e suas mãos maravilhosas que afagavam seu corpo. Suas mãos estavam por toda parte, acariciando-a, memorizando-a. A força de seu desejo a fez tremer e seu sexo apertaram avidamente por seu toque. A mão em forma de concha de Aimery se colocou na parte de trás de sua cabeça enquanto ele se inclinava sobre seu braço e beijava o ombro dela e todo seu seio.

O primeiro toque da sua boca em seu mamilo trouxe um suspiro que atravessou seus lábios. Sua língua circulava o broto minúsculo, provocando-o até que ele estava duro e dolorido. Só então ele arrancou sua boca de seu mamilo e seio. Kyndra gemia e segurava sua cabeça, mantendo-a contra ela.

A outra mão dele apertou sua bunda, apertando-a contra seu pau duro. Kyndra levantou a perna para envolver sua cintura. Ela queria que ele entrasse nela, senti-lo esticar e preenchê-la. Umidade se reunia entre as pernas. Sua vara esfregou contra sua pérola e enviou ondas de prazer sobre ela.

—Você tem um gosto delicioso. — Ele murmurou contra sua pele.

Ele levantou-a e colocou-a sobre a cama, mas quando ele a cobriu com seu corpo Kyndra empurrou seus ombros. Rolou até que ele estava de costas. Depois, ela montou seu quadril e passou as mãos sobre o peito.

Ela levantou-se de joelhos e tomou a sua vara na mão. Seus lábios se separaram quando ela viu a esfera de líquido na ponta do seu pênis. Ela usou seu dedo para espalhar o líquido em torno de sua cabeça antes de se abaixar sobre ele.

Seus dedos seguraram seus quadris quando ela afundou lentamente a sua vara grossa.

Só quando ela estava totalmente encaixada ela começou a girar seus quadris. Ela começou lento, mas, quando viu o prazer e desejo lavado sobre o rosto Aimery, apressou o ritmo. Quando ela levantou-se e desceu em seu comprimento, ele gemeu o nome dela, seu olhar colado entre seus corpos.

—Eu não vou durar! — Aimery afundou nela.

O clímax Kyndra já crescia. Ela podia sentir a crescente tensão, o corpo dela apertando pouco antes de ela atingir o pico.

—Então venha comigo.

Aimery estendeu a mão e beliscou seus mamilos, enviando-a ao longo da borda. Sua respiração ficou retida em seus pulmões quando o orgasmo explodiu. Ela podia sentir seu aperto em torno da vara dele, ouvir os gemidos quando seu pau pulou dentro dela e sua semente preencheu seu ventre.

Ela poderia a deriva pela felicidade de seu clímax durante horas ou dias, ela não tinha certeza, mas quando abriu os olhos foi para encontrar-se nos braços de Aimery, seus belos olhos azuis espiralados olhavam-na.

## Capítulo Dezenove

Aimery alisou as madeixas escuras de Kyndra afastou-as de seu rosto e beijou sua testa. Sua paixão, seu fogo roubou seu fôlego. Ele se recusou a permitir que Isran se interpusesse entre eles, quando fizeram amor. Mas agora, no crepúsculo, Aimery não podia deixar de pensar na situação deles.

O dedo de Kyndra traçou sua sobrancelha.

—O que você está pensando?

Ele virou-se para enfrentá-la, embora seu braço ainda estivesse ao seu redor.

—Você.

—Mentiroso.

Ele sorriu. Ele não queria falar de Isran ou do ovo de dragão, ainda não. Não até que fosse obrigado.

—Como é na Ordem?

—Maravilhoso. — Ela sorriu, sua expressão tinha um olhar melancólico. —Eu acho que é muito parecido com o seu exército. Existem regras, é claro. Seu exército faz um juramento de servir ao nosso reino, ao seu rei e rainha.

— Sim, mas eu não exijo que meus homens façam votos de celibato. Por que eles pedem isso de vocês?

— Os dragões precisam ser nosso único objetivo. Há muito tempo atrás, quando a Ordem começou, havia alguns que eram casados. Os deveres para com suas famílias tiveram precedência para com os dragões. Assim, a Alta Sacerdotisa decidiu que, para ser uma sacerdotisa da Ordem, é preciso dar tudo para a Ordem.

Aimery correu o dedo sobre os lábios, querendo beijá-la novamente.

— Alguém deixou a Ordem, porque quis ter uma família?

— Poucas. Passamos por um rigoroso treinamento antes de tomarmos nossos votos. Estar na Ordem não é algo a ser tomada de

ânimo leve. Apenas um décimo das meninas que vêm para o Templo se tornam sacerdotisas.

— E muitas se tornam guerreiras?

Ela sorriu e olhou para o dragão em seu braço.

—Um número ainda menor.

—Então você é verdadeiramente única. Nenhuma Sacerdotisa que conheci se interessou em também ser uma guerreira.

—Não. Ninguém jamais foi.

—Você tinha de ser a primeira.

Ela encolheu os ombros.

—As coisas mudam.

—Você vai voltar para a Ordem, uma vez que retornarmos?

—Você vai voltar para o palácio?

Aimery daria tudo, tudo, só para estar com ela. Ele tinha encontrado a única coisa que poderia torná-lo completo. Ele não estava prestes a deixá-la ir. Agora não. Nem nunca.

Mas agora não era o momento de fazer esses tipos de confissões. Primeiro, teria que livrá-los de Thav, e para isso tinha que matar Isran.

—Você falou com Isran?

Ela balançou a cabeça.

—Ele divulgou alguma coisa?

Ela lambeu os lábios.

—Ele está se preparando para quebrar o ovo.

—Ele disse quando?

—No dia seguinte ou no outro. Ele também tem Eldar preso em uma gaiola na sala do trono.

—Eldar? Quer dizer Isran não o matou?

—Não. Eldar parece tão velho e frágil que um vento forte poderia quebrá-lo em dois. No entanto, há algo em seus olhos que me diz que ele é mais forte do que parece.

Aimery considerou suas palavras.

—Você acha que poderia trazer Eldar para o nosso lado? Se eu pudesse libertá-lo, juntos poderíamos lutar contra Isran.

—Você não entende o quão poderoso Isran se tornou. É... Assustador. Além disso, você não tem a sua magia.

—Ainda não, mas eu pretendia recuperá-la.

—Como?

Aimery sorriu.

—Isran é confiante. Ele acha que a sua magia poderia derrotar a minha facilmente.

— Pode acontecer isso?

—Talvez. Talvez não. — Ele respondeu com um encolher de ombros. — Eu pretendo convencer Isran que ele não precisa ter medo de mim, que não há razão para não me devolver minha magia.

—Será que ele vai ficar desconfiado? Por que você quer a sua magia de volta tão desesperadamente se você não pode usá-la contra ele?

—Para não ficar louco. Mesmo agora eu luto, mas é mais fácil com você em meus braços.

Os lábios dela produziram um sorriso.

—Você acha que seu plano poderia funcionar? Isran tem uma maneira de saber de tudo.

Isso fez com que Aimery desse uma pausa. Ele havia esquecido esse pequeno detalhe.

—Ele devolveu a sua magia, sim?

—Sim.

—Você já tentou bloqueá-lo de sua mente?

Ela assentiu com a cabeça.

— E falhei miseravelmente. Ele provavelmente sabe tudo que estamos falando agora.

Ele poderia estar, mas a menos que ele não estivesse ocupado em outros lugares. Aimery não tinha como saber. Por tudo o que sabia, Isran tinha sua concentração total sobre eles, apreendendo tudo.

—Tem que haver alguma maneira que você possa bloqueá-lo.

O olhar dela baixou.

—Eu vou encontrar um caminho.

Havia algo em seu tom de voz que lhe disse que havia algo entre ela e Isran. Ele não achava que poderia suportar se ela o tivesse traído e ficado ao lado de Isran. Kyndra havia sido intocado antes dele, então ele não pensou que pudesse fingir o que havia entre eles.

Ainda...

—Kyndra, o que você está fazendo?

O olhar dela encontrou o seu.

—Sobrevivendo.

—Bom. — Ele forçou um sorriso, mas sabia, no fundo de suas entranhas, algo estava errado. —Estamos juntos nisso.

—Se você acha que eu estou com Isran, está errado.

Aimery respirou fundo.

—Eu não quero fazer você se sentir assim, mas eu sei como ele é. Ele é manipulador. Vai fazer o que tem que fazer e dizer o que tem que dizer para você fazer o que ele quer. Você sabe que ele usa as fraquezas das pessoas.

—Eu estou com você. Só com você. Tudo o que faço, vou fazê-lo com a intenção de cumprir nossa missão.

A urgência no olhar dela lhe disse que precisava que ele acreditasse nela.

—Tudo bem.

Ela suspirou e se aconchegou contra ele. Aimery segurou-a até que sua respiração se nivelou no sono. Seus dedos traçaram a cabeça do dragão em seu punho. Os olhos de safira o consideraram solenemente. Sua fraqueza era Kyndra, mas o que Isran usaria nela? Não poderia ser o ovo, porque Isran planejava usá-lo. Será que Isran usava a ele? Sua ligação com Kyndra era profunda o suficiente para que Isran fosse capaz de usá-lo contra ela?

Ele ia ter que dizer a ela para não confiar em Isran, especialmente quando se tratava dele. Se Isran queria vê-lo morto, já estaria morto. Não havia nada que Kyndra pudesse fazer para impedir isso.

Apenas se ele ainda tivesse suas armas.

\*\*\*\*\*

Kyndra acordou lentamente, piscando várias vezes. Ela ficou surpresa ao encontrar a noite caída. O quarto estava escuro, mas sabia que ela e Aimery não estavam sozinhos. Sentou-se e virou-se para encontrar Isran sentado ao pé da cama, encostada a uma das colunas.

Ela olhou para Aimery para encontrá-lo dormindo antes que ela enrolasse o cobertor em torno de si. Ela se levantou da cama e cobriu Aimery com outro lençol.

—Você não vai falar comigo?— Isran perguntou.

—Por quê? Você sabe tudo de qualquer maneira.

—Eu?— Ele coçou o queixo. — Provavelmente não, mas apenas tenha a cortesia de reconhecer-me.

Ela se virou para encará-lo.

—É cortês assistir a duas pessoas fazem amor? Ouvir os seus pensamentos?

—Ah. Você está com raiva.

—Raiva não começa a descrever como me sinto.

Isran riu e se levantou da cama.

—Percebi que você não disse Aimery que você derivou para o lado negro? Eu não acho que nosso comandante teria aceitado bem isso.

—Pare! — Disse ela e passou a mão pelos cabelos. —Basta parar. Eu não aguento isso. Eu vou fazer o que quiser, mas permita que Aimery volte para casa.

—Eu não posso.

Kyndra fez um sinal e pegou seu vestido.

—Aimery é um Fae inteligente. Ele sabe que eu o uso contra você, assim como uso você contra ele. Ele passou a maior parte das últimas horas tentando encontrar uma maneira de bloquear-me de sua mente.

Seu corpo ainda cantarolava de fazer amor deliciosamente. Ela não estava pronta para deixar Aimery e enfrentar um futuro em que ele não estivesse.

—Você não terá muito tempo para esperar, agora. — Disse Isran e caminhou até a porta. —Ao anoitecer, começa.

Os joelhos de Kyndra vergaram. Ela caiu no chão quando Isran deixou o quarto. Seu coração batia tão alto em seu peito, que tinha certeza que iria acordar Aimery. Eles tiveram poucas horas para elaborar um plano.

No entanto, ela sabia em seu coração que era inútil esperar. Isran era poderoso demais para negar. Ele usaria o ovo, se tornaria invencível. E ela e Aimery seriam condenados a sofrer qualquer tormento que fosse decidido para eles.

A única diferença era que ela não seria capaz de chegar a Aimery como ela fez agora. Uma vez que percebesse em que ela havia se tornado, iria virar-lhe as costas. E tinha todo o direito de fazê-lo. Ela tinha se tornado a própria coisa que desprezava acima de tudo.

Ela olhou Aimery que dormia tão pacificamente. Largou o cobertor e se arrastou para ele. Sua mão pendeu ao lado da cama, e ela atou seus dedos aos dele. Só em estar perto dele, ganhava força para enfrentar as próximas horas.

Instantes se transformaram em horas. Os primeiros raios de sol a fizeram sentar-se. Ela olhou para Aimery para encontrá-lo ainda dormindo. Ela deveria tê-lo acordado, ter-lhe dito o que ia acontecer. Mas ela temia que o conhecimento o mandasse oscilante sobre a borda. Ele precisava ser tão coerente quanto possível. Se ele soubesse que ela tinha se voltado para magia negra, que não havia nada que dissessem que Isran não soubesse, sua loucura iria consumi-lo. Ela preferia ver seu ódio porque, pelo menos, então ele seria sensato. E um Aimery sensato encontraria um caminho. Precisava pensar positivo.

Kyndra colocou seu vestido. Ela tinha acabado de pentear os cabelos quando a porta do quarto abriu. Dois guardas esperavam por ela. Ela não precisava ser informada para quê. Isran lhe dera e a Aimery todo o tempo que ele desejou.

Ela tirou a braçadeira de dragão e colocou-o na palma de Aimery. Era sua maneira de dizer adeus e enfrentar o que estava por vir. Já não era ela a líder da Ordem Azul, já não era ela uma sacerdotisa.

Ela pertencia a Isran para que a usasse como quisesse.

Kyndra seguiu os guardas quando eles levaram-na para o seu quarto a fim de encontrar um banho que a esperava. Ela não ficou surpresa ao encontrar outro vestido para ela, este em vermelho. Kyndra passou a mão sobre o material macio e sedoso.

—Você gostou?

Ela virou a cabeça para olhar Isran por cima do ombro.

—Será que isso importa?

—Sim. — Ela não era tola o bastante para acreditar em qualquer coisa, ele dissesse. —Eu deixei você desperdiçar tempo suficiente com Aimery. Pensei que você iria me agradecer por isso.

— Obrigada. — Ela murmurou.

—Eu posso sentir o cheiro dele em você.

Kyndra sorriu e se afastou dele.

—Esteja limpa. Você tem trabalho a fazer para reforçar a sua magia antes de hoje à noite.

Ela não se mexeu até que a porta se fechou atrás dele. Embora soubesse que não iria adiantar, ela fechou a porta e tirou o vestido. Ela correu para se lavar. Isran estava certo, afinal. Precisava ganhar força.

Depois que se secou, apanhou o vestido vermelho. Ele deslizou sensualmente pelo seu corpo, lembrando com saudade de Aimery e a maneira deliciosa que ele aquecia o seu sangue. Ela olhou para o espelho que tinha o comprimento dela mesma.

O vestido caía em um baixo V na frente, mostrando uma grande quantidade de seus seios. Ele se agarrava a sua cintura antes de drapejar suavemente sobre seus quadris e cair a seus pés. Os sapatos vermelhos que combinavam tinham os solados macios e abraçavam seus pés.

Não foi até que ela se sentou na sua penteadeira para arrumar o cabelo que viu o colar de rubi. Ela jogou-o de lado e respirou fundo. Ela

usaria o vestido porque se recusava a ficar nua na frente dele, mas parava por aí. Nenhum outro “presente” dele seria aceito. E ela esperava que o deixasse zangado. Ela queria irritá-lo, fazê-lo ferver como ela.

Depois que ela escovou os cabelos, entrançou duas tranças que começavam em suas têmporas e se reuniam na parte de trás da cabeça. O resto deixou sem adornos para que pendesse livremente sobre ela. Aimery adorava enfiar os dedos em seus cabelos.

Ela fechou as mãos, sentindo o aumento da magia negra com sua raiva. Ela não tentou detê-la, uma vez que a infundiu, a consumia. Isran tinha dito que seria fácil, e foi. Então era muito fácil aceitar o poder que fazia cada um de seus sentidos mais fortes. Ela sentiu o arranhar do poder através dela, exortando-a a usar mais dele, a aumentar a magia.

Com um último pensamento para Aimery e para o que poderia ter sido ela liberou o seu poder.

## Capítulo Vinte

Theron passeou pelo salão abobadado da casa Lugus. O parto de Ahryn tinha sido difícil, mas que não era o que o mantinha longe de seu irmão, no último par de noites. Era Aimery.

Algo estava errado, muito errado.

Ele olhou para cima quando ouviu um barulho e encontrou Lugus encostado em uma porta. Seu rosto estava revestido pelo cansaço, mas ele usou o sorriso bobo de um novo pai.

—Eu nunca estive tão assustado na minha vida.

—Eu sei—. Theron sorriu apesar dos temores que o agarravam. — Foi o mesmo quando Rufina teve Nearra. Eu suspeito que será assim outra vez quando o nosso próximo filho vier. Você já nomeou seu filho?

— Charon. Como nosso pai.

Theron assentiu. Lugus tinha sido acusado do assassinato de seu pai, o que resultou em sua expulsão do seu reino. Se Lugus não ganhasse seus poderes, eles nunca teriam sabido que ele não tinha matado seu pai, e sim que ele havia morrido acidentalmente. Theron ainda tinha vergonha de ter tão prontamente acusado seu próprio irmão.

— O pai gostaria disso. — Ele disse.

Lugus encolheu os ombros.

—Eu espero que sim. Foi ideia de Ahryn, mas parece se encaixar no bebê.

—Será Ahryn ficar bem?

—Ninguém esperava que ela tivesse um parto tão duro e, se não fosse por nossa magia, temo eu teria perdido ela e Charon. Mas, sim, ela vai ficar bem. Descansa agora. — Ele empurrou a porta e caminhou até Theron. — Desculpe-me, eu tive que deixar Aimery e Kyndra.

— Não. — Disse Theron. —Eu teria feito o mesmo se Rufina me chamasse.

— Agora que meu filho nasceu eu posso voltar a Thav.

—Eu não acho que isso seja uma decisão sábia, irmão.

Lugus franziu a testa.

— O que aconteceu? Você já ouviu notícias deles?

— Não, eu não ouvi nada, o que me leva a crer, que nossas piores suspeitas se confirmaram.

—Isran.

Theron assentiu.

— Aimery teria me enviado uma mensagem para me deixar saber que ele tinha chegado até Eldar e falado com ele.

—Se alguma coisa acontecesse a Aimery, será que Kyndra saberia fazer o mesmo?

—Eu não sei. — Theron passou a mão pelo rosto. —Eu sei que Aimery iria protegê-la com a própria vida se fosse necessário.

Lugus suspirou.

—Deixe-me ir até eles.

—Eu não posso. Ahryn nunca me perdoaria se eu também perdesse você para Isran.

—Mas você não sabe se perdeu Aimery e Kyndra. Nós não saberemos até que eu vá.

—Não, irmão. — Disse Theron. —Não me desafie nisso.

— Só pode haver apenas duas razões pelas quais você não ouviu falar de Aimery. Ou ele está morto...

— Ou Isran assumiu. — Theron concluiu. —Eu sei. Eu pensei muito nisso nos últimos dias.

O olhar Lugus se estreitou.

—Há algo mais? O que é?

—Eu recebi uma visita de Julieth.

—A Alta Sacerdotisa? O que ela queria?

—Ela não queria nada. Apenas dividir um pouco de conhecimento que ninguém, nem mesmo Kyndra, sabia.

—Isso não soa bem.

Theron balançou a cabeça.

—Não é.

—Desembucha! Nós não podemos fazer nada até que saibamos do que se trata.

—Todo mundo sabe que roubar um ovo de dragão e banhar-se na gema depois de usar magia negra o torna invencível.

—Sim.

Theron hesitou.

—O que a Ordem tem mantido em segredo tão fechado que só as Altas Sacerdotisas sabem é que se houver uma sacerdotisa da Ordem, que possa ser convencida a realizar uma cerimônia durante a quebra do ovo, em seguida, o poder de Isran jamais será contido.

Lugus girou nos calcanhares e caminhou até uma mesa onde ele serviu duas taças de vinho. Ele entregou uma a Theron e bebeu profundamente antes de limpar a boca e amaldiçoar.

— Exatamente meus pensamentos. — murmurou Theron.

Lugus bateu um dedo em sua perna.

—Se Julieth sabia disso, por que ela enviou Kyndra? Por que enviar uma sacerdotisa em tudo?

—Fiz-lhe a mesma pergunta. Ela disse que os dragões lhe disseram para fazê-lo.

—Merda.

Theron entornou a taça e se serviu de mais vinho.

—Minha pergunta é você acha que Isran poderia transformar Kyndra para o seu lado?

—Eu não sei. Eu sei que Aimery faria tudo o que pudesse para detê-lo.

—No entanto, seria o suficiente? Nenhum homem tem o domínio sobre as sacerdotisas.

Lugus riu.

—Você não viu como Aimery olhava para ela, não é?

Theron fez uma pausa enquanto levantava a taça aos lábios.

—O quê?

—Aimery foi completamente tomado pela bela sacerdotisa guerreira.

—E Kyndra?

Lugus encolheu um ombro.

—Ela percebeu, se é isso que você perguntou. O que aconteceu depois que eu saí ninguém sabe.

— Apesar da amizade entre Isran e Aimery, sei muito pouco sobre Isran.

— Não há muito, a saber. Ele era conhecido por seus truques. Gostava de manipular as pessoas a fazer o que ele queria.

— Nesse caso, ele iria manipular Kyndra e Aimery.

Lugus assentiu.

— Ele precisa da sacerdotisa e, se Kyndra for inteligente, ela vai manter Aimery bem vivo.

— Tudo isso se admitirmos que Isran assumiu.

— Eu acho que é seguro dizer que foi o que aconteceu.

Theron suspirou pesadamente.

—Tudo depende de Aimery e Kyndra.

—Tudo o que podemos fazer é preparar o reino.

— Eu preciso de você para comandar o exército. — Disse Theron.

—Eu sei que você acabou de ser abençoado com o seu primeiro filho e sua esposa ainda está fraca.

—Vou fazer tudo o que for necessário. — Lugus interrompeu. — Deixe-me resolver com Ahryn e eu vou estar no palácio.

Theron assentiu grato mais uma vez de ter seu irmão de volta ao reino.

\*\*\*\*\*

Aimery soube no instante em que abriu os olhos que Kyndra tinha ido embora. Ele se sentou e suspirou, desejando que ela o houvesse despertado. Foi só então que ele sentiu algo em sua mão. Assim que viu a braçadeira de dragão, ele soube que Isran conseguiu transformar Kyndra para o seu lado. Ele não sabia o que Isran tinha

planejado para ela, mas, o que quer que fosse, era ruim o suficiente para que ela decidisse não contar a ele.

Ele engoliu em seco e focou na imagem de seu rosto em sua mente ao invés da atração da loucura. Ele não sucumbiria. Não faria isso!

Após alguns minutos, abriu os olhos, sua respiração estava irregular e seu coração batia forte em seus ouvidos como se tivesse corrido de um lado do reino para o outro. Até agora tinha conseguido controlar a loucura, mas quanto tempo iria durar? Quanto tempo conseguiria continuar a lutar até que cedesse?

Ele pulou da cama e se vestiu. Ele puxou seu cabelo em uma trança, em seguida, virou-se para a braçadeira de Kyndra ainda sobre cama. Ele se recusava a deixá-la, mas também não se encaixava em seu braço.

Seus lábios se separaram quando ele jurou que viu um movimento nos olhos. Será que detinha alguma magia? Ousava ter esperança?

Aimery levantou-a de volta para trás de sua cabeça, onde ele enfiou o cabelo por ela. Ele sorriu quando a braçadeira mudou cada vez menor para se embrulhar em torno de seu cabelo. Não havia um monte de magia na braçadeira, mas poderia ser apenas o suficiente para ajudar Kyndra.

Ele caminhou até a porta e abriu-a. Só para descobrir as suas armas dispostas no corredor.

Aimery olhou primeiro para um lado depois para o outro antes de se inclinar e pegar sua espada e punhal.

Ele amarrou suas armas na mão e flexionou. Parecia que Isran queria uma batalha, e era uma para luta que Aimery certamente olhava para frente.

—Em qual caminho você está?— Ele murmurou.

Aimery decidiu virar à direita. Ele caminhou pelo corredor em silêncio por um tempo. Não via ninguém, não ouvia nada. A maioria das tochas tinha queimado o que escurecia a passagem. Ele desembainhou

sua adaga e pisou com cuidado. Quando ele chegou a um canto, ele próprio se comprimiu contra a parede antes de contornar a curva, sua arma levantada.

Ele esperava Isran colocasse os homens em seu caminho, para prolongar e cansá-lo. E sem a sua magia, Aimery teria que ter cuidado para que não gastar muito de si mesmo antes de encontrar Isran.

Quando ele chegou a um conjunto de escadas olhou para baixo primeiro e depois para cima e viu um guarda que o esperava. Aimery sorriu. Ele estava pronto para uma luta. Trocou o punhal para a mão esquerda e desembainhou sua espada enquanto subia dois degraus de cada vez.

O guarda tinha a vantagem de estar mais acima do que Aimery, mas Aimery não estava preocupado. Ele abaixou-se quando o guarda girou a espada na direção de sua cabeça, avançou até as escadas enquanto se endireitava e afundava o punhal no estômago do homem.

Aimery empurrou sua lâmina do guarda morto e com cautela continuou a subir a escada. Ele ultrapassou dois níveis mais quando o próximo ataque veio. Aimery ouviu-os antes que virasse a curva no patamar da escada. Ele caiu sobre um joelho, para evitar o giro de uma espada. A lâmina ficou presa na rocha, dando a Aimery o tempo que ele precisava para cortar o pescoço do guarda enquanto ele permanecia.

Foi apenas um sussurro de movimento e instinto que fez Aimery abaixar e rolar. Ele se levantou e virou-se para encontrar mais dois guardas esperando por ele.

O homem à esquerda investiu contra Aimery. Aimery bloqueou o golpe do machado de guerra com sua espada e, ao mesmo tempo, ele chutou o segundo guarda nas bolas. Como segundo se inclinou com um gemido de dor, Aimery voltou-se para o primeiro guarda até que sua espada esteve contra o seu pescoço.

—Você pode soltar a sua arma e viver, ou pode morrer.

O guarda deu uma cotovelada nas costelas dele como resposta. Aimery mergulhou o punhal na lateral do homem.

—Escolha errada.

Com dois guardas deitados mortos a seus pés, ele se virou para o outro que ainda rolava no chão agarrado às suas bolas.

—Eu vou te dar a mesma opção que dei a seu amigo.

O segundo guarda se levantou em suas mãos e joelhos e se arrastou para longe. Aimery suspirou e virou-se para o próximo lance de escadas. Onde é que elas levavam? E o que Isran tinha a sua espera a seguir?

Aimery não tinha muito tempo para descobrir. No patamar seguinte cinco homens esperavam por ele. Ele olhou para os homens, determinando como iria matá-los. Um riu, balançou a lâmina em torno dele quando saiu em direção a Aimery.

—Nós disseram que você é um grande guerreiro.

Aimery encolheu os ombros.

— Eu consegui passar os outros.

Todos os cinco homens riram.

—Sim. — O primeiro disse. —Mas você não passará por nós.

Aimery não tinha tempo para conversar. Ele pulou para frente, sua espada afundou no homem. O guarda arregalou os olhos assustados antes de fechá-los. Aimery chutou o homem de sua espada e chamou os outros para frente.

Eles não hesitaram. Um deles deu um passo para o lado, tropeçando sobre o seu companheiro morto. Outro se moveu para trás, exatamente como ele queria. Aimery deu uma cotovelada no nariz dele, e o enviou cambaleante para trás, seus braços batendo enquanto caía pelas escadas.

Os outros dois vieram para ele com suas espadas balançando. Aimery utilizou tanto a sua espada como sua adaga para bloquear seus ataques e fazer uns balanços próprios. O terceiro tinha finalmente encontrado os seus pés, que estava coberto pelo sangue do guarda morto.

Aimery agarrou o terceiro homem e o virou apenas quando os outros dois levantaram suas lâminas em sua direção. O terceiro grunhiu quando as armas afundaram nele, sangue borbulhou de sua

boca enquanto sua vida era drenada. Aimery empurrou-o e girou. Ele girou para trás com sua adaga, encontrando a coluna de um, enquanto a sua espada cortava o pescoço de outro.

Ele estava ofegante, suas armas pingavam sangue. A necessidade de encontrar Kyndra, para ter certeza que ela saiu ilesa, era forte. No entanto, ele sabia que era uma armadilha. Mas uma armadilha que tinha que entrar se ele iria salvá-la.

Depois de uma respiração profunda, ele subiu o próximo lance de escadas.

## Capítulo Vinte e Um

Isran mal podia conter sua alegria. Tudo pelo que ele tinha trabalhado tudo o que queria estava prestes a ser seu. Ele sabia que matar o dragão iria impulsionar Aimery a vir atrás dele, mas não esperava a sacerdotisa. Ela foi uma bênção agradável.

Sem falar que ela tornou muito mais fácil controlar Aimery. Se não fosse por ela, teria sido muito mais difícil ter tudo ao mesmo tempo. Como estava ele quase perdeu Aimery para a loucura. E ele precisava de Aimery tão lúcido quanto possível. Pelo menos por enquanto.

Isran reprimiu uma risada e esfregou as mãos. Ele queria apressar o sol ao longo do seu curso, mas obrigou-se a ser paciente. Se ele não podia manter o controle agora, tudo estaria perdido. Para sempre.

Não havia nenhuma forma dele voltar para o Reino Fae para enfrentar acusações e punição. Ele iria acabar no reino das sombras e, embora gostasse de pensar que era mais forte que Lugus, não tinha tanta certeza que pudesse resistir ao reino por um dia sequer.

Eu não preciso. Eu tenho o ovo e a sacerdotisa. E estou prestes a ter o maior guerreiro Fae já conhecido ao meu lado.

—Eu não me vangloriaria muito cedo.

Ele virou a cabeça para encontrar Kyndra caminhando em direção a ele. Ela era uma visão com seus cabelos escuros enrolados em torno dela e o vestido vermelho que abraçado ao seu quadril voluptuoso. Até a hora que esta noite acabasse ela estaria em sua cama. Todo pensamento de Aimery seria banido de sua mente.

—Sabe por quanto tempo eu tenho planejado isso?

Ela encolheu os ombros.

—Você acha que eu me importo?

A forma como ela levantou as sobrancelhas em rebeldia, como se ousasse desafiá-lo, disse-lhe que ela tinha submergido na magia negra. Ele se estendeu com a sua mente e testou-a.

— Ah, a sua magia cresceu.

—Como você disse, é fácil ceder à sedução do lado negro.

—Então eu fiz. — Ele sorriu e passou os dedos pelo rosto. —Sabe o que você precisa fazer para a cerimônia?

—Claro.

Ele estudou-a. Perguntava-se se ela teria a coragem de tentar enganá-lo. Ele podia sentir a magia negra dentro dela, com fome de mais, mas uma parte dele advertiu-o contra ela. Tão bonito como ela era ela esteve com Aimery e era uma sacerdotisa. Demorou mais de um dia para apagar tudo isso.

Mas um dia tinha sido tudo o que tivera. Mesmo assim, ele tinha tomado tudo o que tinha para lhe dar naquele dia. Se ele tivesse empurrado-a, ela teria quebrado, deixando-o sem sacerdotisa e nada o que usar contra Aimery. Então, ele tinha perdido um dia, um dia, quando ele poderia ter conquistado outros reinos.

Isran respirou fundo e sorriu.

—Sim, você sabe a cerimônia. No entanto, será que a sua magia é forte o suficiente?

— O que você acha que eu tenho feito nas últimas horas, além de fortalecer minha magia?

Ele inclinou a cabeça para seu pescoço. Em vez de afastar-se como ela fizera antes, inclinou a cabeça para o lado. Desejo queimava através dele.

—A eternidade está diante de nós, Kyndra. Será que você ficará ao meu lado? — Perguntou antes de cheirar seu pescoço.

—Por um preço.

Ele se endireitou.

—Nomeie-o.

—Oh, eu vou quando chegar à hora.

—Não teria nada a ver com Aimery, agora não é?

Ele lhe daria tudo menos ele. Ela balançou a cabeça.

—Você quer Aimery para si mesmo.

—Eu faço. Eu tenho planos para mim.

—Será que ele vai se juntar a nós?

Isran sorriu e tocou seus lábios com os dedos.

—Isso, meu doce, é um segredo. Diga-me o que você quer?

—Com o tempo, meu senhor. Com o tempo.

—Eu não gosto de surpresas. — Na verdade, ele odiava.

—Você vai gostar desta. Eu prometo. — Ela sussurrou sedutoramente.

Isran queria puxá-la em seus braços, cobrir a boca com a dele, mas ele ainda se continha. Não era hora de ele reclamá-la. O sol ainda se apresentava no céu. Mas quando a noite caísse, uma vez que ela quebrasse o ovo e começasse a cerimônia, uma vez que ele tivesse o seu poder, então ele iria tomá-la, martelando em seu corpo delicioso, até que ela estivesse muito dolorida para se mexer.

Só de pensar em levá-la fez o seu pau inchar e suas bolas apertarem. Ele queria cobrir os mamilos escuros com a boca e saborear os pequenos brotos quando endureceram. Ele queria lambe seu sexo, prová-lo quando ela atingisse o clímax.

Tinha sido o inferno ver ela e Aimery fazer amor. Por muito tempo Aimery tinha sido tudo o que ele queria ser. Agora ele teria algo que Aimery tinha. Ele iria levá-la longe de Aimery e torná-la sua. Já tinha transformado Kyndra, mas tinha que ter o cuidado de mantê-la com ele.

Kyndra encolheu um ombro magro.

—Isso é muito ruim.

Foi então que ele percebeu que ela não usava os rubis. Ele encantou-os, tornando-os tão sedutor que ela nunca iria querer tirá-los e a vincularia a ele sempre, dessa forma nunca poderia haver uma chance de Aimery intervir entre eles.

—Por que você não está usando o colar que deixei para você?

—Os rubis?— Perguntou ela. —Eu não queria.

—Mas eu preferiria que você o usasse.

Um sorriso apareceu em seus lábios dela.

—Então eu vou ter que desapontá-lo, Isran, porque eu não usarei.

— Por quê?

— Eu simplesmente não quero.

Ela poderia ser poderosa o suficiente para já resistir ao encantamento sobre o colar? Um tremor de excitação percorreu-lhe com a perspectiva.

— Então, não. Não importa.

Ela estreitou o olhar para ele.

— O que você quer de mim? Eu me divertia aprofundando a magia negra.

— O sol se põe rapidamente. Eu quero ter certeza de tudo está como deveria.

— Então vamos nos preparar. Onde está o ovo?

Ele levantou uma sobrancelha.

— Escondido.

— Eu pensei que você queria se preparar.

— Não há necessidade de trazer o ovo antes do tempo. Eu não quero que ele seja danificado... De qualquer maneira.

—Você não confia em mim.

Não era uma pergunta. Ele olhou para os lábios que havia se formado um beicinho tentador.

—Você tem que ganhar minha confiança, meu doce.

—Quando eu quebrar e abrir o ovo e realizar a cerimônia, eu suponho.

—Muito bem.

Ela jogou o cabelo sobre o ombro e se afastou dele.

—Você não tem nenhuma necessidade de mim até o momento, então. Vou continuar a minha prática...

Isran assistiu o balanço suave de seus quadris quando ela o deixou. Não havia nada para preparar, ele só queria vê-la. Ele traria o ovo só quando fosse à hora. O punhal que Kyndra usaria já estava no altar.

Além de Aimery, Kyndra e ele próprio, tudo estava em jogo.

Ele calmamente caminhou ao redor do topo da torre. O centro do telhado cônico havia sido deixado aberto, o que fez dele um lugar perfeito para o seu ritual. A torre não era a maior do castelo, mas era a

mais alta. Ele queria Aimery perto, mas não muito perto. Ainda não, de qualquer maneira.

Isran parou ao lado da porta pela qual Kyndra tinha saído e se perguntou quanto tempo levaria para Aimery chegar ao topo. Os guardas que ele havia colocado em todo o castelo apenas tinham sido para cansar Aimery. Ele era muito bom lutador, mesmo sem seus poderes, para ser superado por qualquer um dos guardas de Isran.

Mas um Aimery impotente, exausto de inúmeras batalhas, era o que Isran queria. Só então todos os seus planos viriam a ser concretizados.

\* \* \* \* \*

Aimery ajoelhou-se e pegou sua adaga do guarda morto. Ele tinha perdido a conta do número que ele havia matado, mas todos se recusaram a largar as armas. Novamente e novamente eles o tinham atacado.

Ele poderia sentir-se enfraquecido, e ele odiava. Ele se empurrava para frente, porque não tinha outra escolha. Aimery levantou-se e descansou as mãos sobre os joelhos enquanto lutava para acalmar sua respiração acelerada.

*Isso deve ser como os seres humanos sentem.*

Ele riu ao pensar nos seres humanos que ele chamava de amigos. Haviam lutado muitas batalhas, e cada vez que tinha estado com eles, nunca os viu reclamar quando seus membros estavam cansados ou quando a respiração queimava seus pulmões.

Aimery tinha tomado a sua magia como certa, mas nunca mais. Uma vez que ele a conseguisse de volta, e ele iria recuperá-la, iria apreciar cada dia, acordar para sentir a magia vibrar através dele.

Ele se endireitou e olhou para cima. Havia mais um, talvez dois lances de escadas, tanto quanto ele poderia dizer. Uma vez no topo, ele não tinha dúvida de que encontraria Isran em breve.

Aimery subiu as escadas e lançou um olhar para fora da fenda estreita nas pedras para encontrar o sol quase enterrado no horizonte. Ele lutou pela maior parte do dia sem alimentação. Seu estômago roncou, mas mais do que qualquer coisa, ele desejava beber água fresca.

Em vez disso, ele encontrou mais guardas. Os dois que bloqueavam seu caminho eram homens grandes, musculosos.

—Você sabe. — Aimery disse assim que parou no patamar da escada. —Eu nunca gostei dos turbantes vermelhos bobos que vocês usam. O seu cabelo é tão terrível que todos devem escondê-lo?

Um dos guardas, ele não poderia dizer qual, rosnou em resposta. Não que ele esperasse uma resposta. Os homens tinham mais músculos do que cérebro, e estes dois iriam cansá-lo muito mais do que todos os outros juntos.

Pensou em Kyndra, seu sorriso doce e seu cheiro de jasmim e sol. Renovou-o, dando-lhe o vigor que precisava para esquivar quando os dois vieram para ele. Ele passou por baixo dos dois punhos que firmemente tinham sido destinados ao seu rosto. Eles não usaram outras armas que suas mãos, mas foi o suficiente para que Aimery soubesse que tinha que ficar fora de seu alcance.

Ele cambaleou para trás contra a parede quando um dos guardas acertou um soco em seu queixo. Aimery não tinha certeza se estava quebrado ou não, mas não houve tempo para testá-lo quando o punho do segundo ondeou para ele.

Aimery abaixou e rolou. Ele veio a tempo de ver os punhos do guarda na terra das pedras. Aimery fez uma careta ao ouvir o rangido de osso, mas o guarda não fez nenhum som.

—Merda. — Aimery murmurou enquanto subia a seus pés.

Ele pegou sua espada quando os braços do segundo guarda envolveram-no e prenderam seus braços contra ele. Aimery chutou e o primeiro riu quando bateu o punho no estômago de Aimery. Todo o ar deixou os pulmões de Aimery enquanto piscava e lutava para se manter consciente. Ele recuou e plantou os pés no peito do primeiro guarda que

o enviou num tropeço para trás. Deu a Aimery o tempo que precisava para jogar a cabeça para trás na direção do guarda que o prendeu.

Havia uma maldição abafada quando a retenção do guarda afrouxou e Aimery caiu para seus pés. Ele torceu em um joelho e enfiou a espada na guarda. Quando o segundo veio para ele de novo, Aimery puxou sua arma livre e passou por baixo do punho do guarda. Quando ele se levantou, deu um passo para trás e enfiou a lâmina nas costas do homem.

Ele sabia que precisava continuar e seguir em frente, mas tinha que descansar. Havia um corte em sua lateral, e ele tentou engolir, mas já não tinha mais toda saliva. Ele virou as costas para a parede e descansou contra ele. Não mais havia escadas para subir, só um corredor longo e escuro à sua frente.

Sentia seus braços como se eles ainda estivessem acorrentados às pedras. Despreendeu um grande esforço apenas para levantar a mão e enxugar o suor da testa. Ele não estava em condições de lutar contra Isran e o outro sabia disso.

A raiva derramou por ele. Ele tinha vivido por milhares de milênios para morrer porque não tinha magia e porque estava cansado. A ironia era risível, se pudesse encontrar energia para sorrir. Da forma como estava, a única coisa que mantinha Aimery de pé era Kyndra.

Ele desencostou da parede e começou a atravessar o corredor. Cada passo se tornava cada vez mais difícil a tal ponto que Aimery precisou que usar a parede para manter-se de pé. Ele odiava a fraqueza que se apoderou de seu corpo, as contusões e dores que nunca tinha sentido por mais tempo que o de um piscar de olhos, enquanto tinha sua magia.

Ele parou e inclinou seu rosto contra as pedras frias. Sangue cobria suas armas e ele próprio, mas não deu nenhuma atenção. Era uma parte da batalha. Lembrou-se da braçadeira de dragão que estava enrolada em torno de sua própria trança, ele embainhou sua adaga e estendeu a mão para trás a fim de tocá-lo.

Um choque, como um relâmpago, furou seu dedo e correu através dele. Ele respirou com nova força e energia que fora consumida. Aimery ficou parado como uma pedra por um momento, enquanto tentava assimilar o que tinha acontecido a Millar.

Kyndra nunca tinha falado que a braçadeira continha magia, mas que ele não imaginou o que tinha acabado de ocorrer. Ele sabia que foi magia o que fluiu através dele e, embora ele não soubesse, recebeu com satisfação.

Aimery respirou fundo e continuou pelo corredor até que ele terminou na base de uma escada que serpenteava para cima a uma torre. De alguma forma, ele não estava surpreso. Isran sempre gostava de fazer uma entrada triunfal. Que melhor maneira de mostrar a todos de Thav que eles tinham um novo rei do que no topo de uma torre?

—Por tudo o que é mágico, dá-me força. — Aimery murmurou quando começou a subir as escadas.

## **Capítulo Vinte e Dois**

Kyndra assistiu o sol mergulhar no horizonte lançando a terra em um sombrio cinza. Ela tinha esperança de que Aimery viria para ela, que de alguma maneira conseguiria chegar até ela antes do anoitecer. Mas não aconteceu.

No entanto, ela não o culpava. Isran insinuara que tinha algo especial planejado para Aimery, e ela duvidava que significasse uma refeição especial. Isran poderia até admirar Aimery, mas ela nunca tinha visto alguém com tanta inveja de outro antes. Isran queria ser Aimery e, quando não pode, decidiu ser melhor. Não importava o preço.

Um dos pássaros gigantes que haviam perseguido a ela e Aimery naquela primeira noite voou pela janela. Ele gritou alto, o som desesperado e quase... Derrotado. Era um pouco como a forma que ela estava, Kyndra refletiu internamente.

Ela estava perdida. Ela não só abandonou a Ordem por seu amor a Aimery, como tinha traído todos os Fae voltando-se para a magia negra. Não havia nenhuma dúvida que a magia que a atravessava agora era poderosa. Era emocionante sentir a magia derramar por ela, bombear através de suas próprias veias. Ela poderia fazer coisas que nunca tinha sido capaz de antes. O conhecimento que veio com o poder era perturbador e animador.

Com cada respiração que tomava, mergulhava mais profundamente no lado escuro, aprendia a magia, controlava-a. Ela podia sentir-se cada vez mais poderosa. Uma vez que aceitou o que tinha feito, ciente de que poderia salvar Aimery, havia dado se entregado a ela totalmente.

Kyndra caminhou ao redor da espaçosa torre. Era o mais alta do castelo e, uma vez que a cerimônia fosse concluída, a luz que emanaria de Isran iluminaria o reino. Seu novo reino.

Isran havia deixado claro que ele a queria, e ela iria deixá-lo pensar que poderia tê-la. Iria até mesmo dar-lhe seu corpo, se isso

significasse que poderia ganhar sua confiança. Mas um dia, quando ele confiasse nela plenamente, iria matá-lo.

Ela parou perto do altar de pedra onde um único punhal fora colocado. Seria a arma que usaria para abrir o ovo. Rasgava o seu coração matar um ser que ela passou a vida ajudando e amando, mas não havia maneira de contornar isso. A Kyndra ergueu o punhal e inspecionou a lâmina. Perto do punho era tão grande quanto à palma da mão e estreitava abaixo a um ponto. Ela brilhava a luz das velas. Ela levantou a mão e tocou a almofada do seu dedo na lâmina. O sangue jorrou do local e escorreu pela palma de sua mão. Não houve dor, e a ferida cicatrizou quase que instantaneamente.

—É tempo.

Ela olhou para cima para encontrar Isran em pé do outro lado do altar. Ele havia retirado sua túnica e botas e ficou apenas com as calças pretas. Seus cabelos louros pendiam soltos sobre os ombros nus, o vento macio os erguia.

—Onde está o ovo?

Isran sorriu.

—Em apenas um instante, meu doce. Há mais alguém que nós estamos esperando.

O coração de Kyndra acelerou. Certamente ele não falava sobre Aimery. Ela tinha tomado medidas para ter certeza que Aimery nunca iria vê-la transformada pelo lado negro.

Houve um som na porta e, quando ela se virou, seu olhar travou no de Aimery.

— Não!

\*\*\*\*\*

Aimery manteve sua expressão em branco. Ele sabia que Kyndra estaria com Isran. Ele só não esperava descobrir que a mulher que ele amava tinha mudado para o lado de tal bastardo. Ele não apenas falhou

com os dragões e seu reino, havia falhado com Kyndra e com seu voto para ela.

Ele lutava para respirar enquanto contemplava sua beleza. O vestido vermelho que usava era impressionante. Ele não queria nada mais do que tomá-la em seus braços e beijá-la até que ambos estivessem sem fôlego.

Mas ele nunca iria tê-la novamente.

Isran entrou em sua linha de visão. Aimery levantou uma sobancelha para ele.

—Você é muito mais vigoroso do que eu esperava que fosse. — Disse Isran com um sorriso. —Você escolheu fugir em lugar de combater os meus homens?

— Olhe para si mesmo.

Olhar espiralado de Isran se estreitou.

— Você não tinha energia, Aimery, e lutou por mais da metade do dia. Deveria estar subindo os degraus e não aqui discutindo comigo.

Aimery não podia parar o sorriso que surgiu em seus lábios.

—Gostaria de pedir desculpas por ter te desapontado

— E a sua loucura?

— É incrível o que uma batalha pode fazer para limpar sua cabeça.

Isran não precisa saber que ele quase tinha caído em sua insanidade várias vezes quando seu corpo começava a se cansar.

—Por todas as suas palavras, sei que está exausto. Eu posso ver a luz desaparecer de seus olhos, a maneira como seus dedos mal seguram sua arma, e como precisa escorar-se contra a porta para manter o equilíbrio.

Aimery encolheu os ombros.

—Eu estou cansado de ouvir você falar. Vamos em frente com o que você aquilo para o qual você me queria.

—Oh, você sabe por que está aqui. É hora de quebrar o ovo.

— Porque você precisa de mim? Parece que você já tem um assistente.

Isran pôs as mãos atrás das costas e sorriu.

—Ela é adorável, não é? Eu soube no momento em que a vi que ela era sua fraqueza.

—Eu sei que você planeja usá-la contra mim.

— Percebeu agora? E como você acha que eu vou fazer isso?

Aimery encolheu os ombros.

—Você a fez virar para o seu lado, obviamente.

—Isso estava óbvio, não?

—O que eu quero saber é por quê? Você poderia ter usado o nosso reino, Theron, ou qualquer outra coisa para me dobrar à sua vontade.

Isran se inclinou e sussurrou.

— Porque o que eu reservei para você pedia algo... Especial.

O sangue de Aimery se transformou em gelo com as palavras de Isran. Ele não ousava olhar para Kyndra. Era suficiente saber que ela estava de pé ao lado de Isran. E não do dele. Isran estava perto o suficiente para um ataque, suas defesas estavam baixas. Aimery não hesitou: se afastou da parede e enfiou a espada em Isran.

O filho da puta jogou a cabeça para trás e riu.

—Vem, vem, Aimery. Eu esperava que você fizesse algo tão tolo.

Aimery olhou para sua espada que havia parado a centímetros da barriga de Isran. Ele quis mover o braço para matar Isran antes que fosse tarde demais. Mas Isran o tinha manipulado. O ataque consumiu suas últimas forças se foi por pura vontade que ele não desabou no chão.

—Agora você vai se dobrar perante mim?

Aimery olhou para ele.

—Nunca.

A espada foi arrancada de sua mão pela magia de Isran, esmagada contra a parede e virou em pó. No instante seguinte Aimery foi arremessado contra a parede de pedra, seus braços esticados para seus lados.

—Este será um lugar perfeito para você assistir. — Disse Isran.

Aimery arremeteu contra os laços invisíveis. Ele estava pendurado a vários metros do chão, impotente para fazer qualquer outra coisa além de assistir, tal e qual Isran queria.

Incapaz de manter o olhar longe dela por mais tempo, Aimery encarou Kyndra. Ela seguia Isran com os olhos como se ele fosse o único no mundo que importava para ela. Era como um punhal em seu coração. Suas noites juntos havia significava mais para ele do que ela. Tinha sido uma oportunidade que ele tinha tomado e, mesmo agora, não se arrependia daqueles momentos.

Ele a amava. Era algo que nunca tinha pensado que aconteceria com ele e, agora que ocorreu mesmo isso lhe seria negado. Ele foi apontado como o melhor guerreiro de seu reino, mas não lhe seria concedido o amor que queria acima de tudo.

—Você já viu um ovo de dragão, Aimery?— Isran perguntou.

Ele não se preocupou em responder. Isran não queria uma resposta. Ele só queria se ouvir falar.

—Deixe-me mostrar-lhe um. — Isran estalou os dedos e um grande ovo azul pálido apareceu na frente dele.

O ovo estava quase tão alto quanto Isran, iluminado à luz das velas. Aimery estava assombrado. Ele havia vislumbrado o ovo quando olhou através dos olhos do dragão macho, mas era diferente vê-lo por si mesmo.

—Magnífico, não é?— Isran murmurou. Ele passou a mão sobre o ovo como se o acariciasse. — Eu planejei este momento há milhares de anos. Todos os meus planos giravam em torno de você, Aimery.

Aimery cerrou o maxilar.

—Por que eu era especial? Por que eu era o único que fez amizade com você?

Isran riu.

—Por que você acha que eu procurava sua amizade? Todo mundo sabe quem é Aimery. Todo mundo reverenciava você, sussurrava sobre você como se fosse um deus em vez de apenas um comandante.

— Então você passou os últimos mil anos aprendendo tudo o que eu podia ensinar-lhe.

—Foi fácil. Tornei-me o que você queria que eu fosse, e em troca pude ver partes do palácio que outros nunca puderam.

— Por que matar outros Fae?

Isran encolheu os ombros.

—Eles tiveram o azar de descobrir-me enquanto eu estava praticando minha magia, minha... Magia negra. Eu não poderia apenas deixá-los fugir e dizer a você ou a Theron. Eu não estava preparado ainda. Eles tiveram que morrer.

—Você fez tudo isso só para me ter aqui. Por quê? Por que você me odeia tanto?

— Eu não sei se eu chamaria isso de ódio. — Disse Isran enquanto andava na frente do ovo. —Se não fosse por um capricho do destino, sua vida poderia ter sido a minha.

— Porque o destino me escolheu, eu serei punido por isso.

— Não, irmão. Vou recompensá-lo.

Aimery riu, o som ecoou pela torre.

—Você chama isso de uma recompensa?

—Bem, admito, haverá alguma dor antes da recompensa. Mas depois, tudo ficará bem e será verdadeiramente uma recompensa. Basta perguntar a sua amante, mas ela não será sua por mais tempo.

Aimery cerrou o maxilar quando Kyndra levantou seu olhar para o seu. Havia algo de diferente nela. Ele tinha percebido na noite anterior, mas agora estava mais acentuado, quase como se...

— Kyndra, não! — Ele disse com um gemido. —Diga-me que você não usou magia negra.

Isran aplaudiu.

—Eu me perguntei quanto tempo levaria para perceber isso. Nem mesmo na noite passada, quando você teve suas mãos e boca em seu corpo você percebeu isso.

— Você assistiu doente filho de uma puta?

—Sim, eu fiz. Pena que eu não vou deixar você fazer o mesmo quando eu reclamá-la esta noite.

Aimery puxou com toda sua força contra as correntes invisíveis, mas ele não se moveu.

— Kyndra também tem uma fraqueza. — Disse Isran.

— Os dragões, eu sei.

— Não, não os dragões. Imagine minha surpresa quando eu soube que você era a sua fraqueza.

Aimery se acalmou e olhou para Kyndra. Uma única lágrima rolou pelo seu rosto. Ela se transformou por ele. Para ele! Ela nunca poderia regressar ao seu reino, nunca tomaria conhecimento dos dragões novamente.

Tudo o que ela tinha fora perdido. Desapareceu para sempre.

Era mais do que Aimery poderia suportar. Ele jogou a cabeça para trás e gritou.

## Capítulo Vinte e Três

Kyndra estremeceu pelo barulho que Aimery fazia. Ela percebeu tarde demais que Isran não a queria, poderia ter se importado menos se ela estivesse ao seu lado. Ele fez de tudo para colocar Aimery nesta situação. Porque ele queria que Aimery virasse para o lado negro.

Estava tão claro, mas agora já era tarde demais.

Ela nunca tinha se sentido tão tola. Ela deveria ter sido capaz de ver através de Isran e ter percebido suas intenções. Aimery chegou a avisar e, embora soubesse Isran estava usando-o contra ela, ela nunca tinha sonhado que ele faria essa ligação.

—O que você vai fazer com ele?— Perguntou ela.

Isran sorria loucamente quando se virou para ela.

—Ele vai se juntar a nós, meu doce. Ele fará de tudo para mantê-la longe de mim.

Kyndra entrelaçou as mãos atrás das costas para esconder o quanto se abalou. Sua alma já estava condenada, mas a de Aimery não. Ela tinha que chegar até ele, falar com ele antes de Isran convertê-lo.

Ela lambeu os lábios ao recordar a confusão seguida pela angústia que tomou os belos olhos de Aimery quando percebeu no que ela havia se tornado. Ele a odiava agora, ela percebeu isso, mas isso não era impedimento para o seu amor por ele.

— Isso é uma lágrima?

Ela fungou e arqueou uma sobrancelha.

— Ele fere meus ouvidos. Além disso, eu me pergunto se ele vai ser o mesmo guerreiro que era depois de tudo isso.

—Ele vai ser melhor do que antes.

Ela soltou a respiração que segurava quando Isran virou as costas para ela. Ele tinha comprado à mentira, mas ela teria de ser cuidadosa. Agora que Isran tinha Aimery ele não precisava dela. Ele poderia matá-la com apenas um pensamento, mas ela não podia deixar isso acontecer, até que falasse com Aimery.

Com uma lambida de seus lábios, ela caminhou até o ovo. O rugido de Aimery rasgou sua alma, sua raiva e frustração eram palpáveis. Quando ele finalmente se acalmou, ela olhou para ele por cima do ombro para encontrar a cabeça pendurada entre os ombros como se tivesse desmaiado.

—Ele vai ficar bem. — Isran assegurou-lhe.

— É melhor que ele esteja.

Isran passou o braço em torno dela e a trouxe contra ele.

—Você quer tocar o ovo?

Ela queria, mas não podia, não sabendo que iria matá-lo em alguns instantes.

—Não.

—Você está pronta para começar a cerimônia?

—E quanto a Aimery?

—Eu posso acordá-lo rápido o suficiente.

Kyndra caminhou até Aimery, perguntando se Isran a deixaria chegar perto o suficiente. Ela estava preocupada com Aimery. Ele mantinha sua sanidade por uma linha fina que poderia ser desfeita a qualquer momento.

—E se ele caiu na loucura?

Ela parou na frente dele.

—Aimery?— Ela sussurrou.

Ele não respondeu.

—Ele está seguro o suficiente. — Isran avisou. —Nada pode quebrar essas cadeias.

—Aimery, por favor. — Ela sussurrou. —Diga-me você ainda está comigo.

—Assim, você pode me atormentar mais? — Aimery perguntou.

Ela soltou um suspiro.

—Graças aos deuses.

—Por quê?

Ele ergueu o olhar ela. Ela perdeu-se em seus turbulentos olhos azuis.

—Ele quer que você se volte para o lado negro. Não o faça. Não importa o que ele diga, por favor. Minha alma já está condenada. Não condene a sua também.

—Ele está acordado? — Isran perguntou.

—Por favor. — Ela murmurou. —Sim, meu senhor. Ele está acordado.

—E são?

Kyndra cerrou os punhos para evitar tocar em Aimery. Seu rosto estava machucado, embora não tanto quanto ela esperava. Era quase como se ele possuísse alguma magia. Então ela vislumbrou o brilho dos olhos de safira na parte de trás da sua cabeça.

*Minha braçadeira.*

—Kyndra! Ele está são? — Isran exigido.

Ela deu um passo para trás.

—Difícil dizer, meu senhor.

Isran chegou ao seu lado em um momento.

—Eu preciso dele são.

—Talvez você não devesse ter empurrado-o assim.

—Eu tive que empurrá-lo. Ele é forte, muito forte para ceder à loucura com tanta facilidade.

Kyndra se virou e começou a retornar para o altar. Foi quando ela viu a missiva que Theron tinha escrito. Ela havia esquecido, porém por que Isran o tinha. Por tudo o que sabia, era simplesmente uma mensagem. Enquanto Isran se ocupava com Aimery, Kyndra pegou o pergaminho enrolado e correu de volta para o altar. O punhal aguardava por ela para furar o ovo, para começar a transformação de Isran no ser mais poderoso do universo inteiro. Ninguém, nem Fae ou os Draconianos, seria capaz de derrotá-lo.

Kyndra fechou os olhos e ouviu o conhecimento dentro dela, procurando uma resposta que temia não estar lá.

\*\*\*\*\*

Theron esfregou os olhos cansados com o polegar e o indicador. Ele e Lugus tinham olhado para o mapa de Thav por horas sem pistas de como entrar sem serem detectado. Tudo tinha sido empurrado fora de sua mesa de modo que o mapa poderia ser espalhado. Ele se recostou na cadeira e olhou para o pergaminho.

—Se houvesse uma maneira, é assim que eu teria trazido Aimery e Kyndra para começar. — Disse Lugus.

—Eu sei. Eu simplesmente não consigo deixar de pensar que estamos perdendo algo.

— Isran estará esperando por nós para trazer o exército. Ele sabe o quanto Aimery significa para o reino.

Theron balançou a cabeça.

—Eu quero entrar e salvar Aimery.

—Mas você não pode. Se alguém vai, sou eu.

—Ahryn nunca me perdoaria.

—Ou esperamos Isran nos atacar, ou vamos atrás de Aimery.

— Não. — Disse Rufina da porta.

Ambos se viraram para encará-la. Theron se levantou quando sua mulher caminhou em sua direção, uma das mãos delicadas em seu estômago inchado com seu segundo filho. Ele tomou suas mãos e guiou-a para uma cadeira.

—Você deveria estar com nossa filha.

—E você deveria me incluir nestes esquemas de vocês. — Ela virou o olhar para Lugus. —Ahryn ficaria furiosa se soubesse.

Lugus ergueu as mãos.

—Rufina, acalme-se. Nada foi decidido. Nós estamos apenas conversando.

— Nenhum de vocês pode entrar em Thav. — Disse ela. —Eu disse a Theron desde o primeiro momento eu conheci Isran, eu não me importava com ele. Ele era muito desonesto.

—Isso ele é, meu amor. — Murmurou Theron.

Lugus se inclinou em sua cadeira e apoiou os cotovelos nos joelhos.

—Eu não posso deixar Aimery enfrentar qualquer tipo de inferno que Isran tenha planejado para ele.

— Eu não acho que ele queira Aimery para isso. — Rufina sugerido quando Theron ajudou-a em uma cadeira. —Eu acho que Isran quer Aimery para ficar com ele.

—Por tudo o que é mágico! — Theron engoliu em seco e afundou em sua cadeira. — O poder de Aimery é enorme. Se Isran levá-lo a se voltar para o lado escuro...

Ele não conseguia terminar a frase, pois só de pensar fazia seu estômago doer.

— O exército está pronto. — Lugus lembrou. —Eles estão de plantão hoje, aguardando as ordens.

Rufina colocou a mão em cima da de Theron.

—Eu quero salvar Aimery também, mas não podemos. Temos que esperar.

Theron olhou de sua rainha para o seu irmão.

— Eu não vou me perdoar se Aimery perder a sua vida.

—Aimery é forte. Ele vai sair dessa. —Lugus se levantou e caminhou até a janela.

Theron orou para que seu irmão estivesse certo.

\*\*\*\*\*

Aimery queria ficar no poço do desespero que já tinha ultrapassado. Sua loucura, sua insanidade era melhor do que o que estava acontecendo ao seu redor.

Mas a voz doce de Kyndra tinha alquebrado em sua mente e o chamou. Ele queria ignorá-la, mas havia algo em sua voz que o fez abrir os olhos. Ela voltou-se para a magia negra, ela havia escolhido ficar ao lado Isran, mas em seu bonito olhar espiralado azul tinha visto a mulher por quem tinha caído de amor.

Ele estava prestes a responder a ela quando Isran decidiu mover-se para o lado dela. Aimery apressadamente fechou os olhos e focou em

renovar sua força. O ovo ainda não havia sido quebrado, o que significava que havia uma chance que pudesse alcançar Isran.

—Aimery?— Isran chamou. —Eu fui demais para que tenha se perdido em sua mente.

Aimery não se mexeu.

Isran se aproximou.

— E quanto a Kyndra? Você não vai lutar por ela? Eu sei que você se importa com ela. Talvez você mesmo... A ame.

Foi preciso tudo o que tinha Aimery para não abrir os olhos. Ele nunca quis batalhar tão ferozmente contra alguém quanto queria com Isran. As mentiras, traição e agora Kyndra.

—Eu sei que você pode me ouvir. — Isran sussurrou. —Venha e jogue Aimery.

Aimery abriu um olho e viu alguma coisa na mão de Kyndra. Ele reconheceu o pergaminho em sua mão como sendo à missiva que Theron lhe dera. Por que ela o detinha?

Seu olhar encontrou o seu e ele viu o punhal na outra mão.

— É tempo. — Isran gritou. —Estou pronto para receber o meu poder e governar o universo.

Aimery achou difícil ver quando Kyndra andou em volta do altar para ficar ao lado do ovo. Isran se ajoelhou na frente do ovo, sua cabeça erguida e os braços abertos.

Aimery não se importava mais se Isran sabia que ele estava acordado ou não. Seu olhar estava voltado para Kyndra. Ela tinha posto o livro atrás do ovo no altar e levantou o punhal sobre a cabeça.

Seus lábios se moviam enquanto ela começava a cantar com uma voz que era mais uma música que do que uma fala. As palavras eram de difícil compreensão, como se ela canalizasse o poder de outro lugar.

Ele puxou as correntes invisíveis, incitando a magia da braçadeira para ajudá-lo. De repente, ele caiu no chão, equilibrando-se sobre as pontas de seus pés e as mãos. Isran estava muito ocupado com Kyndra para perceber que ele tinha se libertado. Aimery tinha que parar

Kyndra. O ovo não poderia ser quebrado, Isran não poderia se banhar na gema e, acima de tudo, Kyndra não poderia completar a cerimônia.

Aimery puxou o punhal da bainha e preparou-se para jogar em Kyndra. A ideia de matá-la fazia mal, mas não tinha outra escolha. Não era apenas o reino Fae que estava em perigo, mas todos os domínios no universo. Ele tinha a obrigação de impedi-los de qualquer maneira necessária, independentemente de seus sentimentos em relação à Kyndra.

O metal do punhal estava frio em sua mão. Ele queria apontar para o coração, mas ela estava virada de lado. O único lugar disponível para lhe dar uma morte rápida era o pescoço.

Seus olhos se abriram, e ela arqueou as costas. Aimery ergueu o braço, pronto para jogar o punhal. Ele recuou um pouco antes de ela mergulhar a arma dentro do ovo. Quando ele moveu o braço para frente para jogar o punhal, ele percebeu que sua lâmina havia errado o ovo e afundou no selo do pergaminho. Aimery virou a mão para certificar-se de que a adaga errasse Kyndra. Ele se levantou quando um raio encheu a sala, e golpeou novamente e novamente. Só que não era dor que sentia, mas magia, bonita, magia pura.

\*\*\*\*\*

Kyndra sorriu quando viu a magia derramar em Aimery. Ele havia se libertado das correntes e, a julgar pela adaga que afundou nas pedras atrás dela, ele tinha a intenção de matá-la. No entanto, isso não importava. Aimery estava com a cabeça jogada para trás e os braços bem abertos, enquanto a magia o golpeava várias vezes.

— Sua vagabunda. — Gritou Isran e pulou a seus pés.

Kyndra não foi executada. Ela poderia não ter o poder de derrotá-lo, mas ela lutaria contra ele até que Aimery fosse capaz de assumir. Ela não esperava seu golpe contra seu rosto.

— Essa é a primeira e última vez que você vai me trair. — Ele rosnou.

— Faça o seu pior.

Ele sorriu.

—E eu sei exatamente como. — Disse ele enquanto levantava as mãos em sua direção.

Kyndra gritou quando o fogo voou de suas mãos e a cercou. Ela olhou para Aimery. O fogo a corroía, sugando sua força de vida até que ela não podia mais lutar contra a escuridão que se fechava em torno dela.

— Aimery. — Ela sussurrou um pouco antes da luz se apagar.

### **Capítulo vinte e quatro**

Aimery caiu de joelhos, sua respiração era irregular. A torre estava quieta, muito quieta. Ele olhou para cima para encontrar Isran envolvendo Kyndra em uma bola de fogo. Ele se levantou e andou em sua direção, quando a voz fria de Isran parou-o.

— Dê mais um passo para mim e eu a matarei.

Aimery olhou para Kyndra.

—O que você fez com ela?

Isran deu de ombros e olhou para ele.

—Eu poderia matá-la com apenas um pensamento. Por enquanto, ela é minha prisioneira. O fogo é feito de pura magia. Tente tocá-lo, e vai queimar você.

Ao olhar Kyndra era como se ela estivesse dormindo, mas Aimery queria que ela saísse da bola de fogo antes que Isran a matasse. Magia percorreu-o, exigindo que ele a deixasse solta. Mas Aimery pensou rápido e esperou. Isran estava confiante, por ventura demasiadamente confiante. Aimery iria usar isso em sua vantagem quando chegasse o momento certo.

—O quê? Nenhum comentário espirituoso? —Isran insultou. — Eu pensaria que você estaria de joelhos implorando por sua vida.

—Por que, quando sou eu que você quer?

Isran riu e balançou a cabeça.

—Eu sempre pensei que você fosse mais inteligente do que qualquer Fae, eu sabia, mas você provou que eu estava errado. Você pensa com seu pau em vez de sua mente.

—O que você sabe sobre isso? A única forma de você conseguir uma mulher em sua cama é através da magia. —Assim como Aimery esperou, os lábios de Isran se curvaram em fúria. — Eu irritei você?

— Eu posso ver que eu estava errado sobre você. Você não é o guerreiro que quero ao meu lado quando eu dominar o universo.

—Se você dominar o universo. — Aimery corrigiu.

Isran rosou e deu um passo para a esquerda. Aimery se moveu com ele. Eles circulavam entre si, cada um esperando que o outro atacasse. Aimery não tinha certeza de que tipo de magia estava dentro dele, mas sabia que era forte. Possivelmente forte o suficiente para derrotar mesmo Isran.

—Você sabe que eu vou matar você.

Aimery encolheu os ombros e parou.

—Talvez. Talvez não. Estou pronto para descobrir.

—Faça como quiser.

Aimery usou sua magia e pediu uma espada para cada mão e girou em torno de si mesmo. As lâminas azuis brilhavam e cantaram quando elas cortaram o ar.

—Impressionante. — Disse Isran com as sobrancelhas levantadas. No instante seguinte, ele obteve duas espadas com lâminas em chamas. —Onde você conseguiu a magia?

—É um segredo.

—Um que eu pretendo descobrir

Aimery balançou a cabeça quando começaram a circular outra vez.

—Esse sempre foi o seu problema, Isran. Tudo o que você queria estava ao seu alcance, você simplesmente não quer trabalhar para conseguir.

—Por que trabalhar quando posso obtê-lo gratuitamente?

— Com o custo da sua alma.

Isran jogou a cabeça para trás e riu.

—Você acha que pode me matar? O Fae a quem chamou de irmão?

—Num piscar de olhos.

Aimery abaixou quando Isran veio em sua direção e bateu com a espada na cabeça dele. Aimery se endireitou e girou, cortando para baixo. Ele sorriu quando Isran ganiu de dor e o sangue escorreu-lhe do corte em sua coxa pela perna.

—Dói?

Os lábios de Isran garimpavam um sorriso de escárnio.

—Você vai pagar por isso.

Aimery trouxe o seu braço esquerdo para cima, usando sua espada para bloquear um giro para baixo da arma de Isran. Ergueu seu braço direito para deter o impulso da segunda lâmina Isran, mas ainda assim a ponta da espada dele penetrou sua coxa.

—Olho por olho. — Disse Isran quando o outro recuou.

Aimery sentia como se sua perna pegasse fogo. Ele olhou para o rasgo na calça e fez uma careta quando viu as marcas de queimaduras na pele e roupas.

—Dói?— Isran zombou.

Em resposta, Aimery avançou em direção Isran. Um braço bloqueou Isran enquanto o segundo impulsionava ao seu lado. Isran uivava de dor e girou para longe dele. Aimery mal teve tempo de levantar suas espadas para parar as espadas de Isran. Aimery puxou o braço para fora e, com um movimento de punho, cortou o pulso de Isran, de modo que sua espada voou e o barulho dela contra as pedras ecoou em toda a torre.

Isran atacou, ele se moveu tão habilmente que sua espada era um borrão. Aimery sibilou quando ele perdeu uma de suas espadas. Ele abaixou-se e rolou a seus pés quando Isran oscilou em seu pescoço. Quando Aimery ficou de pé, um raio de dor atravessou seu braço. Ao olhar, viu a lâmina de Isran que perfurou seu braço.

Isran derrubou a segunda espada de Aimery de sua mão, sua risada enchendo a torre.

—Eu achei que você duraria mais tempo.

Aimery puxou seu braço para fora da lâmina de Isran e encarou-o. Isran enfiou a lâmina, mas Aimery agarrou seu pulso, parando-o instantaneamente. Aimery se virou e deu uma cotovelada no rosto de Isran. A fratura do osso quebrou o silêncio. Era tão bom que Aimery fez isso uma segunda vez antes que ele golpeasse Isran com as costas da mão.

Isran desmoronou sobre seus joelhos, o sangue escorrendo do nariz e lábios. Não demoraria muito para que começasse a cicatrizar. Aimery pegou sua espada e agarrou o ombro do Isran.

—Eu o chamei de irmão, mas você deve pagar por seus crimes.

Aimery sabia que a probabilidade de ter Isran de volta em seu reino era quase nenhuma. Sua punição deveria ser executada agora e, embora Aimery estivesse relutante em fazê-lo, era o seu dever. Ele recuou seus braços quando os olhos de Isran se arregalaram. Antes de Isran poder reunir qualquer tipo de magia, Aimery mergulhou a lâmina em seu coração.

Isran agarrou o braço de Aimery enquanto sua vida desaparecia de seus olhos. Ele caiu para o lado, agora seu olhar sobre o ovo. Aimery não queria vê-lo morrer, não alguém em quem ele tinha pensado como se fosse sua família.

Ele queria voltar ao seu reino, com Kyndra em seus braços.

Ele caminhou até Kyndra e colocou a sua espada sobre o altar. Assim que ele estendeu a mão para o fogo que a cercava, Isran começou a rir. Aimery virou a cabeça para olhá-lo. Houve um estalo alto, e Aimery se virou para ver o ovo quebrar derrubando a gema sobre as pedras.

Um olhar sobre Isran confirmou que ele estava realmente morto, mas Aimery não estava disposto a arriscar. Ele correu até Isran e o jogou sobre o altar para que a gema não pudesse tocá-lo.

Em seguida, ele enfrentou Kyndra.

A esfera de chamas não diminuiu com a morte de Isran. Aimery olhou para Kyndra suspensa no ar, suas longas e escuras tranças flutuavam através das chamas, como se estivessem na água. Ela sacrificou tudo. Por ele.

E ele faria o mesmo.

Aimery respirou fundo e entrou na esfera. As chamas lamberam a sua pele, queimando-o com queimaduras que entremearam através de seu corpo como marcas do chicote. Ele reuniu Kyndra em seus braços e abraçou-a.

—Sinto muito, meu amor. Desculpe-me, eu falhei com você.

Aimery saiu da esfera e fechou os olhos enquanto pensava em seu reino. Na respiração seguinte, ele encontrou-se em um corredor do palácio. Ele sorriu quando ele visualizou a beleza do reino Fae. Eles haviam conseguido.

—Aimery?

Ele olhou para cima para encontrar Theron e Lugus correndo em sua direção dele.

Lugus foi o primeiro a alcançá-lo.

—O que aconteceu com ela?

—Vou explicar tudo quando ela estiver acomodada.

—Ela está morta?

—Não.

Aimery ainda podia sentir seu coração batendo em seu peito. Foi o poder que ele nunca tinha tido antes, poder que ele nunca tinha pensado experimentar.

—Venha. — Disse Theron. — Há um quarto para ela.

Mas Aimery balançou a cabeça.

—Ela vai para o meu.

Theron e Lugus seguiram-no até seu quarto. Depois que Aimery a colocou em sua cama e a cobriu, ele fez sinal para fora e fechou a porta atrás de si. Ele encostou a cabeça contra a porta e suspirou.

—Você parece o inferno. — Lugus murmurou.

Aimery bufou.

—Eu me sinto como ele.

—Isso são queimaduras?

Ele se virou para Theron e assentiu.

—São. Vamos deixar Kyndra em paz. Vou lhe contar tudo em um banquete e uma caixa de vinho.

Uma hora mais tarde Aimery empurrava o prato para longe e se recostou na cadeira com uma taça na mão.

—Isso é tudo.

—Pelos deuses! — Murmurou Theron.

Lugus sacudiu a cabeça tristemente.

—Ela fez tudo isso e ainda conseguiu sobreviver? Eu pensei uma vez que alguém se liga à escuridão estaria perdido para sempre.

—Nem todos. — Disse Rufina quando ela adentrou a sala. Ela assumiu a presidência ao lado de Theron e sorriu para Aimery. — Kyndra não foi por vontade própria à magia negra. Ela foi forçada sobre ela e, pelo que você nos contou, foi o amor por você que a impediu de se transformar no mal.

Aimery queria acreditar que Kyndra o amava, mas ele não tinha certeza. Ele sabia que a amava e que ela cuidou dele, mas seria amor?

— O que vai acontecer com ela?

—Nada. — Disse Theron. — Ela fez exatamente o que você disse a ela, permaneceu viva.

—Mesmo que ela tenha usado magia negra

Rufina suspirou.

—O uso de magia negra será como uma cicatriz que ela vai levar o resto de sua vida.

Aimery estava cansado, mentalmente e fisicamente. Sua necessidade de estar com Kyndra lhe tinha impacientado pela última hora, mas ele devia a Theron uma explicação. Agora que tudo acabou, ele não conseguia ficar longe de Kyndra. Esvaziou sua taça e se levantou.

—Eu quero sair dessas roupas e um banho quente.

Ele caminhou para o seu quarto gratamente ninguém o deteve.

## **Capítulo vinte e cinco**

Kyndra respirou fundo e se espreguiçou. Ela abriu os olhos e se encontrou olhando para uma enorme cama azul celeste suspensa decorada em torno das quatro colunas do leito, bem como no dossel. Ela não tinha que perguntar para saber que de alguma forma Aimery tinha vencido, e era em sua cama que ela estava deitada.

Lágrimas reuniram-se em seus olhos e caíram pelos cantos. Ela esperava ser deixada em Thav como punição. Em vez disso, ela tinha sido trazida para casa, onde a magia dos dragões pulsava e prosperava no belo reino.

Kyndra rolou para o lado e olhou pela janela que dava para as montanhas. Ao longe podia ver um dragão voando pelo ar. A sua chamada pode ser ouvida, mesmo a essa distância.

Queria ir para os Dragões Azuis, para pedir perdão por falhar com eles. Ela não tinha trazido Isran de volta para que eles o punissem nem tinha trazido de volta o ovo. Ela não sabia o que aconteceu com o tesouro precioso, mas ela tinha certeza que Aimery teria trazido se tivesse sido capaz.

No entanto, ela não poderia ir para os Dragões Azuis, nem podia ir para a Ordem. Ela havia abandonado todos eles, traiu seus votos. Não era algo que a Ordem tomasse de ânimo leve. Sem falar que ela havia usado magia negra de forma que a fez seu estômago embrulhar só de pensar nisso.

Ela estava contente que estivesse sozinha, porque ela precisava de tempo para si mesma antes que de enfrentar alguém, muito menos Aimery. Kyndra se levantou da cama e rasgou o odiado vestido púrpura de seu corpo.

Ela jogou-o na lareira, antes de caminhar para banheiro e preparar seu banho.

Numa cadeira ao lado da banheira havia um vestido longo, fluído de um azul pálido e bordado com fios de prata ao longo da bainha e os

punhos foram trabalhados com o nó dos Fae. Sobre o vestido estava seu braçadeira. Ela afastou novas lágrimas e entrou na banheira.

Depois de esfregar sua pele em carne viva e lavar o cabelo duas vezes, ela se levantou da água e se secou. Ela enrolou a toalha em volta dela e sentou no banquinho diante das portas abertas que levavam para o terraço enquanto ela penteava os cabelos. Quanto tempo ela ficou lá, não tinha certeza. Havia se perdido em seus pensamentos sobre os dragões, a Ordem, Thav e Aimery. Apesar de tudo, não se arrependeu de se dar a Aimery. O que tinha acontecido entre eles havia sido mais do que a luxúria. Ousaria chamar isso de amor?

Mas agora estava perdido para ela. Tudo estava perdido para ela agora. Tanto quanto amava seu reino, ela não mais pertencia ali. Ela tinha cometido o pecado final: praticou magia negra. Isso nunca poderia ser perdoado. Nunca.

Suspirou e assentou o pente. Então, ela levantou-se e deixou cair à toalha para se vestir.

Ela colocou o vestido sobre ela e deixou os dedos traçarem o trabalho do nó de prata ao longo do decote curvo. Colocou os sapatos, mas ignorou a braçadeira. Com um suspiro, ela se virou para encontrar a rainha na porta. Kyndra começou a reverência, mas Rufina a parou.

— Não há necessidade para isso. — Disse Rufina com um sorriso. — Como vai você?

Kyndra desviou o olhar da rainha e de seus cabelos louros que pairavam sobre um ombro para decorar toda a sua barriga inchada com a criança.

— Eu não posso imaginar o que você passou Kyndra. Posso ver a dor em seus olhos. Aimery nos contou o que aconteceu.

Kyndra virou a cabeça. Ela queria sair da sala, mas ninguém deixava o rei ou a rainha sem permissão.

— Ele esteve ao seu lado nestes três dias que você dormiu. Somente quando nós o obrigamos, ele te deixou. Preocupa-se muito com você, e eu sei que ele vai estar em êxtase ao saber que você está acordada.

Ela não estava pronta para enfrentar Aimery. O que poderia dizer? Ele tinha visto ela no seu pior.

—Você vai me dizer o que aconteceu?

Kyndra balançou a cabeça.

—Não há muito a dizer, Sua Alteza. Eu usei a magia negra e fiquei do lado de Isran.

— Aimery me diz que você fez isso por ele.

Ela sabia Aimery diria que ele poderia salvá-la, mas não havia nada que pudesse salvá-la. Agora não.

—Aimery não sabe o que está falando.

—É isso mesmo?

Kyndra virou-se para enfrentar Aimery que estava no terraço. Lá se foram às roupas pretas que Isran lhe fizera vestir, e em seu lugar estavam calças azuis escuras e uma túnica branca com arabescos azul escuro na frente de seus ombros até a bainha.

—Eu não estou pronta para isso. — Disse ela e se afastou.

—Pronta para quê? Para me ver? Para ouvir que você fez o que tinha que fazer?

— Aimery, por favor. Pare.

Ele balançou a cabeça.

—Não. Você poderia ter mergulhado a espada no ovo, mas não o fez. Você usou no selo da missiva. Como sabia que havia algo de mágico nele?

—Eu vi o fulgor azul.

— Você me salvou. — Ele murmurou. —Você salvou o reino.

Ela queria fugir, mas estava presa com Aimery na frente dela e Rufina atrás. Toda vez que ela tentou usar sua magia para deixar o palácio, ela sentiu a magia de Theron impedi-la.

—Eu não sou a pessoa que você pensa que eu sou. — Ela encolheu os ombros. —De bom grado juntei-me a Isran.

—Se é assim, por que você me trouxe de volta da loucura de novo e de novo? Por que você não quebrou o ovo? Por que você me ajudou?

Ela viu o amor brilhando nos olhos Aimery, e ela desejava correr para seus braços e senti-los ao seu redor, protegendo-a de tudo. Mas ela não podia fazer isso com ele. Ele merecia alguém que não tivesse matado que não tenha mergulhado fundo na escuridão.

—Eu queria o poder para mim. Eu queria ter o lugar de Isran. Eu não tinha ideia de que o poder iria para você.

— Isso não é verdade. — Disse Theron ao chegar ao lado de sua esposa. —Aimery tem a magia de Lugus que eu coloquei na missiva, porque você queria que ele a tivesse.

Kyndra fechou os olhos e tentou novamente sair. Ela queria ficar sozinha, deixar o reino para sempre. Quando ela abriu os olhos Aimery distava dela uma respiração.

— Negue tudo que você quer, mas seu corpo sabe.

Ela abriu os lábios para argumentar, mas foi silenciada quando a boca de Aimery cobriu a dela. Ela não conseguiu parar o gemido quando ele devastou sua boca. Uma mão segurou a parte de trás de sua cabeça e a outra embrulhou em torno dela, moldando-a ao seu corpo rígido. Kyndra ficou impotente para fazer outra coisa senão entregar-se até o beijo. Ela tinha sonhado com seus beijos, ansiava por eles como um Fae ansiava por magia.

Ele terminou o beijo e sorriu para ela.

—Diga-me seu corpo não está esfomeado pelo meu. Diga-me que você não sonhou com as noites que tivemos juntos. Diga-me que não me ama.

Ela não podia. E ele sabia disso.

—Não faça isso. Você nunca deveria ter me trazido de volta.

—O que eu deveria fazer deixá-lo em Thav?

—Eu posso não ser capaz de controlar meu corpo, mas posso impedi-lo de cometer um erro.

— Meu amor por você não é um erro.

Surgiram ainda mais lágrimas.

—Você pode não pensar isso agora, mas vai. Quando as pessoas se recusarem a me olhar nos olhos na rua, ninguém vai falar com você

porque eu usei a magia negra, ou quando a Ordem estiver contra mim, você vai se arrepender.

—Nunca.

Mas ela não iria deixá-lo descobrir. Ela virou-se para Theron e Rufina.

— Por favor, deixe-me sair. Eu não posso ficar aqui.

—Aonde você vai?— Rufina perguntou.

—Eu preciso ficar sozinha.

Theron deu um breve aceno, e ela se apressou a sair antes que Aimery pudesse impedi-la. Quando desapareceu do palácio, ouviu-o gritar o seu nome.

\*\*\*\*\*

—Maldito seja, Theron! — Aimery berrou. —Como pôde fazer isso?

—Ela não quer ficar, e você não pode obrigá-la.

—Eu poderia tê-la feito ver que ela estava errada.

Rufina tocou em seu braço, seu sorriso triste.

—Kyndra precisa ver isso por conta própria. Dê-lhe o tempo, Aimery. Se for para ser, ela vai voltar para você.

— E se ela não o fizer?

Rufina olhou para Theron.

—Só o tempo dirá.

Aimery passou a mão pelos cabelos, quando o casal real deixou seus aposentos. Ele caminhou até a varanda e ficou parado na porta. Ele não poderia seguir Kyndra agora. Sua magia foi embora do palácio. Ela poderia estar em qualquer lugar no reino ou fora dele. Ele tinha visto o medo em seu olhar, como o de um animal preso que procurava fugir.

—Sinto muito, Aimery.

Ele deu de ombros, sem se preocupar em virar e olhar para Lugus.

— Deixá-la ir foi de encontro a tudo em mim. Temo tê-la perdido para sempre.

—Você a ama?

Aimery acenou com a cabeça e encarou Lugus.

—Eu morreria por ela.

—Você acredita que ela o ama?

— Acredito. Ela demonstrou-me com tudo o que fez em Thav.

—Então, dê-lhe tempo, meu amigo.

— Será que você pensou em retornar a Ahryn quando você fugiu?

Lugus passou a mão no queixo.

—Eu não tinha planejado isso. Percebi que ela estaria melhor sem mim, assim como Kyndra se sente em relação a você. Ela está desistindo de qualquer felicidade que possa ter para garantir que você não se arrependa de estar com ela.

—O que fez você voltar para Ahryn?

Um dos lados da boca Lugus levantada em um sorriso.

—Ela fez. Ela não desistiu de mim.

Aimery acenou. Agora ele sabia o que tinha que fazer.

## Capítulo Vinte e Seis

Kyndra trouxe os joelhos até o peito e abraçou as pernas. Ela sempre amou a vista do alto das montanhas. Ela não se atrevia a chegar perto do Cais das Caveiras e dos dragões azuis, mas estava perto o suficiente para que pudesse vê-los. Ela estava feliz por ter deixado o palácio. Fazia quase uma semana, e esperava que cada dia que passasse ficasse mais fácil estar sem Aimery. Quando na verdade, foi mais difícil. Para piorar a situação, uma parte dela havia desejado que Aimery viesse atrás dela e arrastasse-a de volta ao palácio. No final, sabia que tinha feito a coisa certa para ambos.

Por enquanto ela permaneceria no reino, mas sabia que teria que sair eventualmente.

Havia alguns Fae, que fizeram suas casas nas montanhas longe dos outros, mas Kyndra não sabia quanto tempo poderia ficar longe dos dragões. Viver sem eles parecia impossível, mas era algo que teria que fazer.

—Sinto muito. — Ela sussurrou para o vento.

O vento a alcançou, e ela levantou-se. Passou a manhã toda observando os dragões. Havia um templo da Ordem não muito longe de onde estava, e ela desejava visitá-lo, para ver Julieth e pedir desculpas por tudo. Mas ir ao templo seria uma sentença de morte para ela.

Kyndra deixou o topo da montanha para percorrer as colinas. A grama chegava até a cintura, balançava suavemente com o vento, e o sol estava alto no céu sem nuvens. Outro dia perfeito no reino.

Um batimento cardíaco antes de ver a sombra enorme, ela ouviu o bater de asas do dragão. Kyndra parou em seu caminho quando a fêmea de dragão azul desceu na frente dela. Ela nunca soube que um dragão tenha matado um Fae, mas nenhum havia falhado com os dragões como ela.

Se ela morresse, a fêmea de dragão azul tinha o direito de matá-la. Kyndra abriu os braços para o lado e fechou os olhos enquanto esperava que o dragão respirasse o seu fogo sobre ela. Em vez disso, o

dragão envolveu suas garras em volta dela, ergueu-a no ar, e voou para o Cais das Caveiras.

Kyndra agarrou as garras quando o dragão levou-a para cima, para o céu, até que ela não pode mais ver as montanhas. Em seguida, a fêmea a enrolou de costas e enfiou suas asas contra ela antes de cair, de cabeça, de volta ao chão. Um grito se alojou na garganta de Kyndra quando sua respiração foi roubada dela. As montanhas cresciam cada vez mais perto e, pouco antes do dragão se chocar contra as rochas, ela abriu suas asas e voou para o lado.

Com o coração batendo forte no peito, Kyndra se obrigou a afrouxar o seu agarre nas garras do dragão. O dragão poderia deixá-la cair a qualquer momento, mas ela a segurou. Qualquer que seja o medo que Kyndra poderia ter tido, derreteu quando o dragão disparou ao longo dos lagos, rios, montanhas e vales. Era uma visão que Kyndra nunca iria esquecer.

Mas no momento em que a fêmea aterrissou no seu covil, Kyndra não tinha certeza do que queria com ela. Ela cambaleou fora das garras do dragão e inclinou a cabeça para trás para olhar a fêmea.

O dragão baixou a cabeça até que pudesse olhar Kyndra nos olhos. Vapor rolou das narinas do dragão, enquanto o sol brilhava nas belas escamas azuis.

—Desculpe-me, eu falhei com você. — Disse Kyndra. —Eu prometi que iria devolver o ovo e o Fae que matou seu companheiro. Eu não fiz nenhum dos dois.

O dragão rapidamente fechou os olhos como se fosse difícil para ela ouvir. Ela virou a cabeça em direção ao covil. Kyndra olhou para a entrada do covil.

—Você quer que eu vá dentro?

O dragão repetiu o gesto, e Kyndra iniciou a entrada no covil. A caverna era enorme em largura e altura, tornando mais fácil para dois dragões azuis ficarem lado a lado. Quanto mais profundo ela adentrava, mais escuro o covil se tornava. Ela se moveu lentamente até que ouviu o dragão atrás dela.

De repente, o dragão inalou profundamente. Kyndra ficou parada, esperando as chamas engoli-la. Em vez disso, o dragão soprou fogo sobre a água, dando luz ao covil.

Kyndra contemplou ao redor. A piscina de água era enorme, e num lado havia um grande ninho onde o ovo tinha estado. Ela caminhou até ele e se ajoelhou ao seu lado.

— Eu não esperava que Isran usasse o último sopro de sua vida para quebrar o ovo. — Aimery disse enquanto caminhava pelas sombras.

Kyndra olhou para seu rosto e balançou sua cabeça.

— Você não tinha como saber.

— Senti sua falta.

Como ela tinha sentido a dele. Desesperadamente.

— Você deixou isso para trás. — Disse ele e estendeu a mão.

Ela olhou para a braçadeira, mas se recusou a pegá-la.

— Eu não sou mais apta a usá-la.

— Ninguém disse que só quem poderia usá-la era uma sacerdotisa. Você sabia que Julieth a enviou para Thav para saber o que aconteceria com você?

— O quê?

— Ela disse que os dragões lhe disseram para fazê-lo.

Kyndra olhou para o dragão azul que tinha deitado. A fêmea piscou os olhos para Kyndra.

— Eu não entendo.

— Todo mundo no reino está a sua procura. Julieth e a Ordem querem saber quando você vai voltar.

— Eu não posso voltar para a Ordem. Eu te escolhi sobre os meus votos.

Ele sorriu e deu um passo para mais perto dela.

— Eu sei, e eu estou tão feliz que o tenha feito. Ainda assim, você é uma heroína para o reino, Kyndra, se você quer ou não. Você sacrificou sua própria alma para me salvar, aos dragões e ao reino.

— Aimery, as coisas que fiz com a magia negra...

—Você fez o que tinha que fazer. — Ele a interrompeu. —Assim como eu lhe pedi.

—Eu quero acreditar em você.

Ele deu mais um passo.

—Por que você acha que a fêmea, te buscou? Ela poderia ter matado você muitas vezes. Eles observavam-na assim como você os observava.

—E você? Também me observava?

Ele balançou a cabeça.

—Eles me disseram onde você estava. Você pediu para ficar sozinha, então eu a deixei sozinha.

— Com exceção de hoje.

—Eu achei que com o tempo você entenderia o que está acontecendo no reino. E eu pensei que estava na hora de você retomar.

Ele mais uma vez tentou dar-lhe a braçadeira. Como ela não iria apanhá-la, ele pegou a mão dela e deslizou-a pelo seu braço. Os olhos de safira brilharam por um instante antes de se transformarem em diamantes. Kyndra respirou e viu quando o dragão mudou da prata para o ouro.

— Uau! — Aimery murmurou. — O que foi isso?

— Ninguém na Ordem conseguiu um dragão de ouro. Isso significa que... Eu sacrifiquei algo grande pelo reino.

Aimery sorriu.

—Eu já lhe disse isso.

Kyndra não podia acreditar. Não havia nenhuma maneira da braçadeira ter respondido a ela se ainda houvesse magia negra dentro dela. Foi à razão que ela não a tinha levado, em primeiro lugar. No entanto, ele tinha provado que as coisas não eram tão sombrias quanto ela havia pensado.

—Eu te amo, Kyndra.

Ela olhou nos olhos Aimery e sorriu.

—E eu te amo.

—Case-se comigo. Passe a eternidade ao meu lado. Eu procurei por você toda a minha vida e temia nunca encontrá-la.

Seu coração quase explodiu por suas palavras. Ele queria-a como sua esposa, apesar do que tinha feito com a magia negra.

—Eu não posso imaginar passar outro momento sem você ao meu lado. — Disse ele quando se ajoelhou na frente dela. —Eu quero te beijar, te acariciar, te amar quando eu quiser. Eu quero dormir com você em meus braços e acordar com o sol a beijar-te. Você é meu tudo, a única coisa que me importa. Por favor.

Kyndra limpou as lágrimas que caíam por seu rosto. Tinha sido quase impossível para ficar longe de Aimery na semana passada. Ele tinha assombrado seus sonhos e cada momento do dia. Ele estava oferecendo-lhe tudo, e ela seria uma tola se abandonasse isso.

— Sim!

Ele puxou-a contra ele e passou os braços em torno dela.

—Deuses, como eu te amo.

Sua risada morreu quando ele a beijou até ela se agarrar em seus ombros, seu corpo latejante pelo desejo que só ele poderia incitar.

—Devemos viver no palácio?

—Não. Eu tenho uma casa.

—Onde é esta casa?

Ele se levantou e estendeu a mão.

—Venha. Eu vou te mostrar.

Assim que Kyndra tocou a mão dele, ele os transportou. Ela ofegou quando ela se viu em uma varanda em cima de uma montanha com vista para uma magnífica cascata e um lago.

—Esta é a sua?

—Só a vista. A casa está atrás de você.

Kyndra virou-se e riu do tamanho da casa de Aimery. Era quase do tamanho do palácio real, mas, por ter a floresta densa e as montanhas como panos de fundo, era espetacular. Ele passou um braço em torno dela.

—É a minha casa ancestral, a casa que passou de geração em geração. Você gostou?

—E se eu disser que não?

—Então nós temos que procurar outra casa.

Ela encarou-o e colocou os braços em volta do pescoço.

—Alguma vez você já viveu aqui?

—Quando era criança. Depois disso, nunca. Eu estava no quartel, enquanto trabalhava em minha carreira no exército. Então, quando eu assumi o comando, era mais fácil viver no palácio.

Ela olhou para as pedras escuras da mansão, com seu telhado inclinado e muitas janelas, em seguida a cachoeira e o lago.

—Eu amo isso aqui.

—Então será aqui. — Ele sussurrou antes de levantá-la nos braços.

No instante seguinte estavam na quarto principal. Aimery colocou-a de pé e rasgou o vestido dela.

— Eu te compro novos. — Ele disse com sua voz cheia de paixão.

Kyndra não se preocupava com o vestido. Ela só se preocupava com Aimery e tirar suas próprias roupas. Quando a última de suas roupas bateu no chão, eles já estavam nos braços um do outro, seus beijos frenéticos enquanto a paixão os consumia. Kyndra separou suas pernas quando ele a levantou e enrolou-as em torno de sua cintura. Ela mal teve tempo de perceber onde estava antes dele deslizar dentro dela.

—Deuses, você me faz sentir bem. — Ele sussurrou.

Kyndra queria responder-lhe, mas palpitação do seu sexo não seria ignorada.

Quando Aimery começou a empurrar dentro dela, ela se segurou em seus ombros enquanto cavalgava através da onda de desejo.

Rapidamente, o seu clímax a consumia. Os dedos de Aimery escavaram em seus quadris enquanto ele gritava o nome dela e derramou sua semente dentro dela. Caíram de volta na cama, seus membros entrelaçados.

—Isso não é como eu queria que acontecesse. — Disse ele. —Mas uma vez que a vi, eu tinha que ter você.

—Eu não estou reclamando.

Ele sorriu.

—Vou consertar isso.

—Agora?

—Depois do casamento.

Ela levantou as sobrancelhas.

—E quando será o casamento?

— Que tal agora?

—Perfeito.

Ele correu um dedo sobre os lábios.

—Eu pensei que eu tinha perdido você para sempre.

—Eu te amei demais para que cometesse um erro.

—Julieth quer ver você.

Ela traçou para baixo do braço um dedo.

—Está tudo bem em desistir da ordem?— Perguntou ele.

—Sim. O pensamento de nunca tê-lo não é algo com a qual eu possa viver. Você é tudo o que quero. —Ele manuseou o mamilo, fazendo-a gemer. —Se você não parar, vamos perder o casamento.

— Eles não podem celebrar o casamento, a menos que estejamos lá.

Kyndra riu e olhou nos olhos do homem que amava. Ela quase perdeu tudo e, agora, tinha o mundo à sua frente.

Com Aimery ao seu lado.

## **Epílogo**

—Se você não parar de andar de um lado para outro, eu vou bater em você. — Disse Kyndra entre os dentes cerrados.

Aimery parou e se sentou ao lado dela na cama. Ele pegou sua mão e ocultou uma careta quando ela apertou. O suor banhava seu rosto que empalidecia a cada contração. O parto durou muito mais do que Aimery teria gostado, mas Kyndra continuava a dizer-lhe que tudo estava bem.

Ele não tinha tanta certeza.

—Ahryn? — Perguntou ele.

A esposa de Lugus levantou a cabeça e sorriu.

—Eu vejo a cabeça. Só mais um pouco, Kyndra.

Aimery sorriu para sua esposa. A gravidez tinha sido uma surpresa, mas uma que os tinha alegrado. Tanto quanto Aimery queria ter filhos, queria que a esposa ficasse segura. Kyndra grunhiu quando outra contração veio e ela apertou a mão dele. Ahryn soltou um grito, e um momento depois, um grito irrompeu na sala.

—É um menino. — Ahryn gritou e ergueu o bebê vermelho que gritava.

Um caroço se formou na garganta de Aimery quando ele assistiu Kyndra pegar seu filho em seus braços.

Ela ergueu o olhar para ele, derramando lágrimas de seus olhos.

—Temos um filho, meu amor.

Ele beijou-a e olhou para o filho.

— Nós o temos, amor. Como devemos chamá-lo?

—O que acha de Casheus?

— Será Casheus.

Aimery queria ficar como estavam, mas Ahryn já avisou à multidão que se reunia abaixo. Logo, a família de Kyndra, bem como Theron e Rufina gostariam de ver a nova adição.

—Você está feliz?— Kyndra perguntou.

Ele entrelaçou os dedos com os dela.

—Mais do que as palavras podem dizer. — Eles compartilharam um sorriso secreto quando a porta do quarto se abriu e as felicitações começaram.

*Fim.*

